

A invenção

de

HUGO CABRET

BRIAN
SELZNICK

Apoio ao Saber



VENDA PROIBIDA
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

FDE INSTITUTO PARA O
DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO

GOVERNO DE
SÃO PAULO

sm

A
INVENÇÃO
DE
HUGO
CABRET

A INVENÇÃO DE HUGO CABRET



Texto e Ilustrações Brian Selznick

Tradução Marcos Bagno





SUMÁRIO



Breve Introdução
Professor H. Alcofrisbas

ix

Parte 1

1

Parte 2

257

A GRADECIMENTOS

527

BREVE INTRODUÇÃO

A HISTÓRIA QUE ESTOU PRESTES A CONTAR se passa em 1931, sob os telhados de Paris. Aqui, você conhecerá um menino chamado Hugo Cabret, que, certa vez, muito tempo atrás, descobriu um misterioso desenho que mudou sua vida para sempre.

Mas antes de virar a página, quero que você se imagine sentado no escuro, como no início de um filme. Na tela, o sol logo vai nascer, e você será levado em zoom até uma estação de trem no meio da cidade. Atravessará correndo as portas de um saguão lotado. Vai avistar um menino no meio da multidão e ele começará a se mover pela estação. Siga-o, porque este é Hugo Cabret. Está cheio de segredos na cabeça, esperando que sua história comece.

Professor H. Alcofrisbas

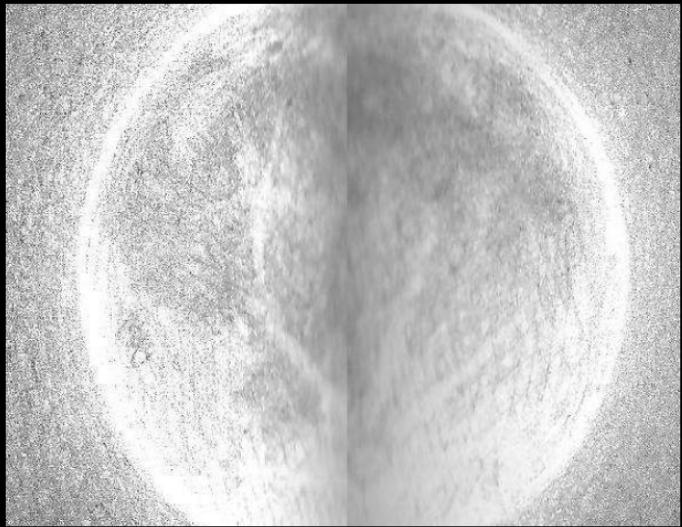
PARTE 1

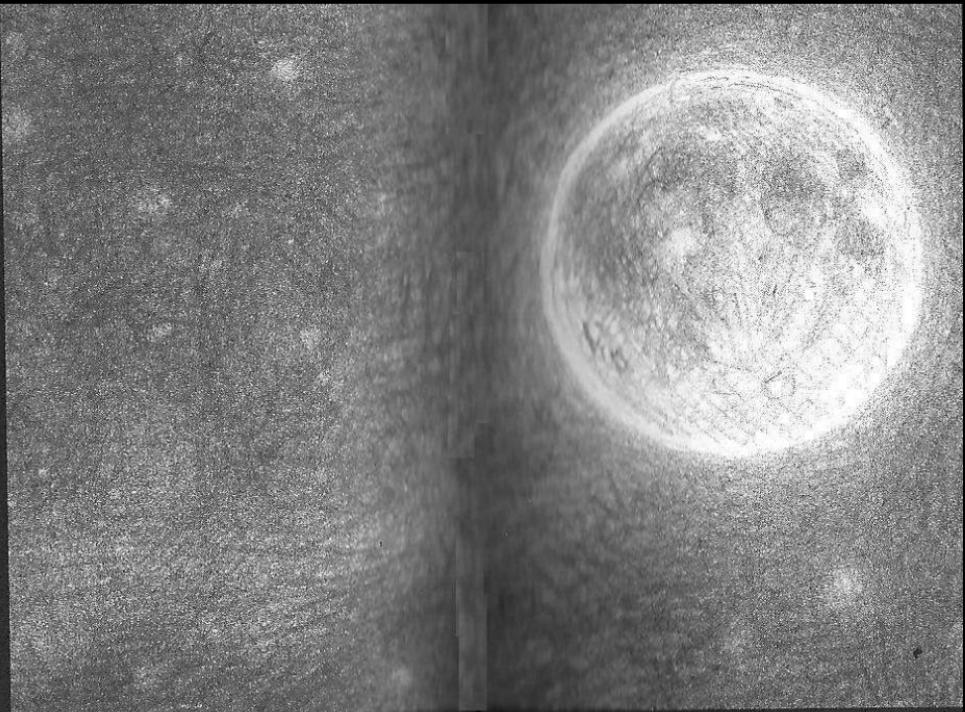


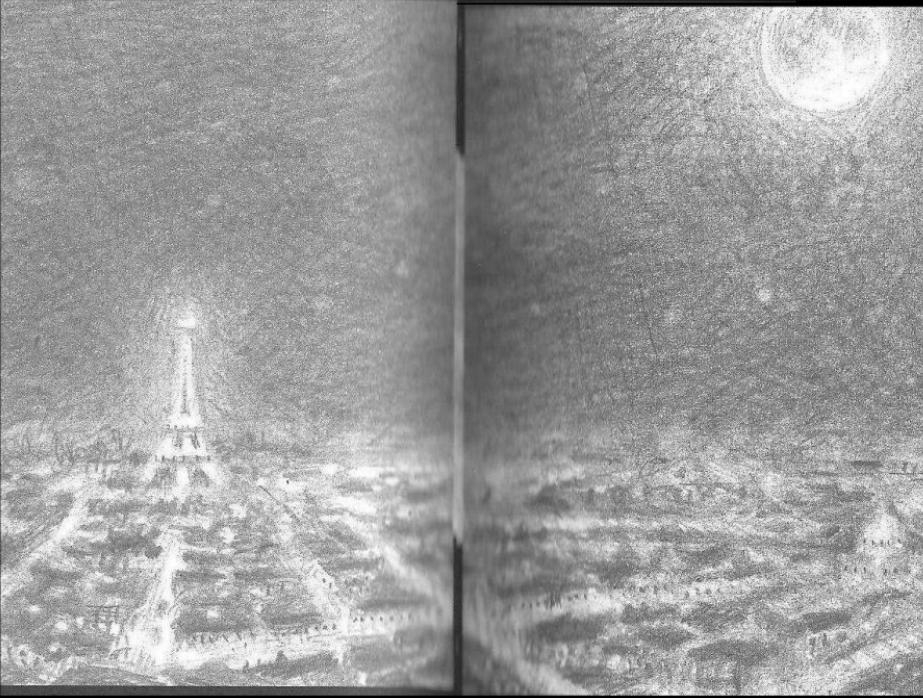
1

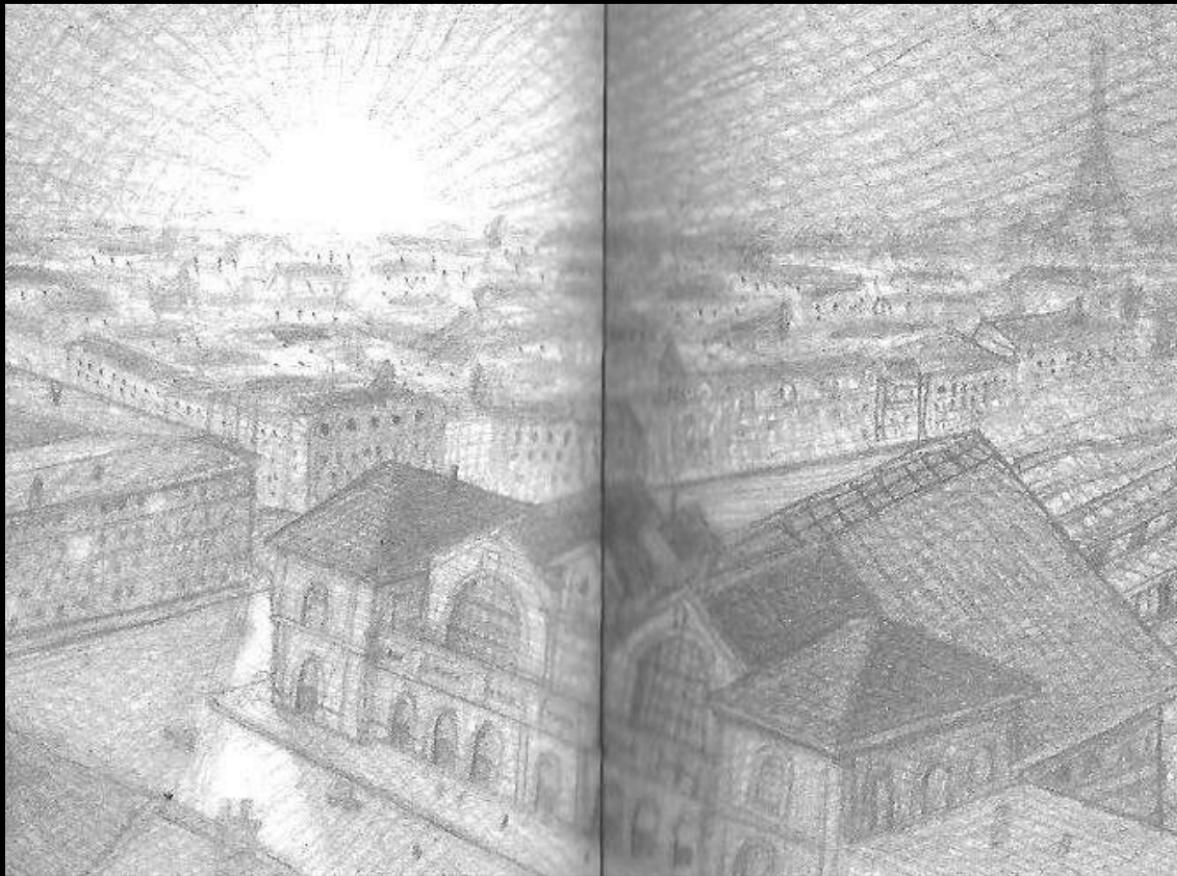


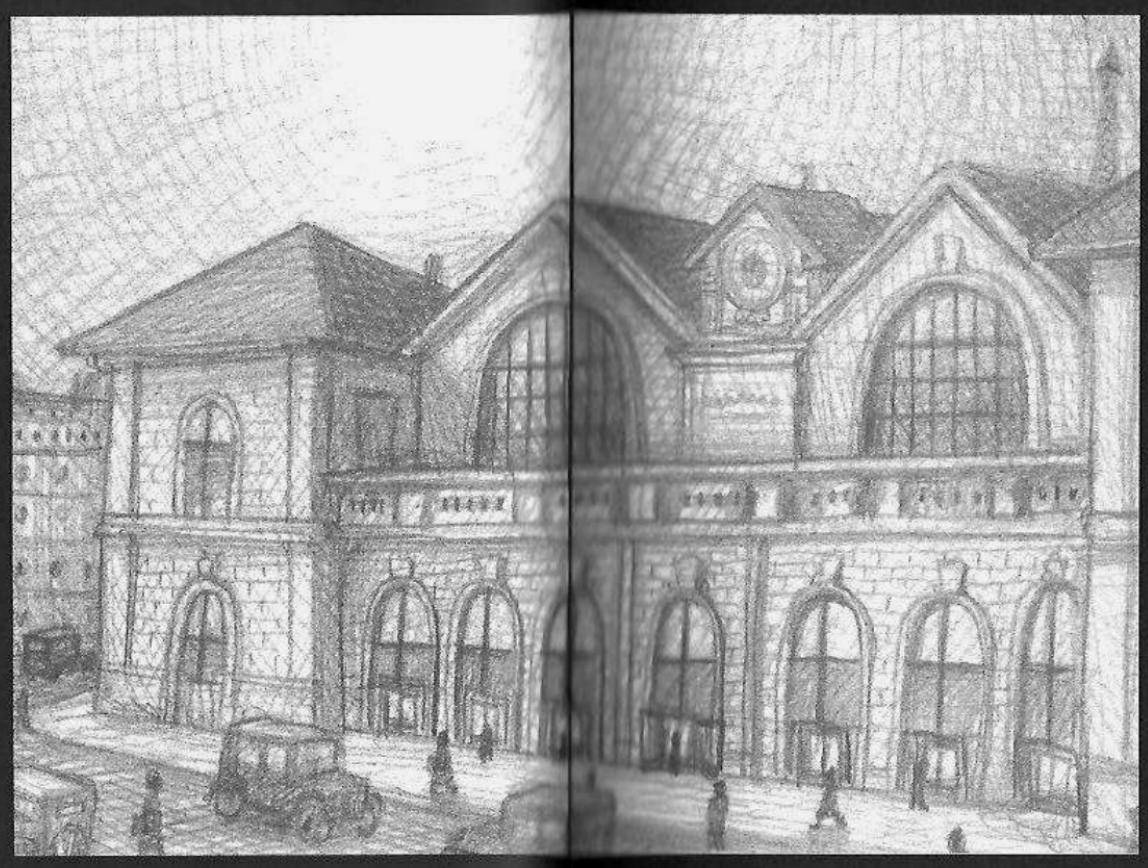
O ladrão



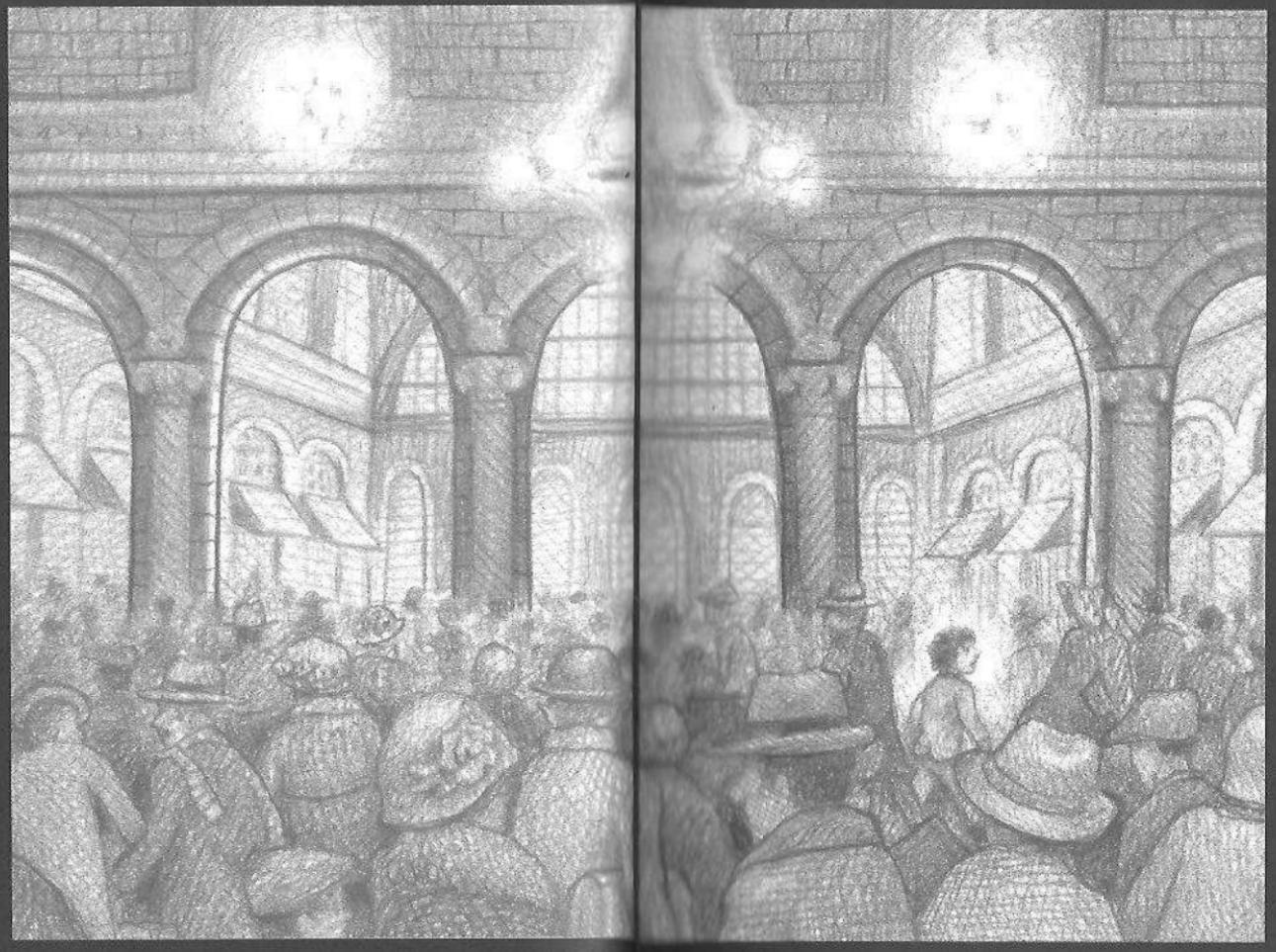




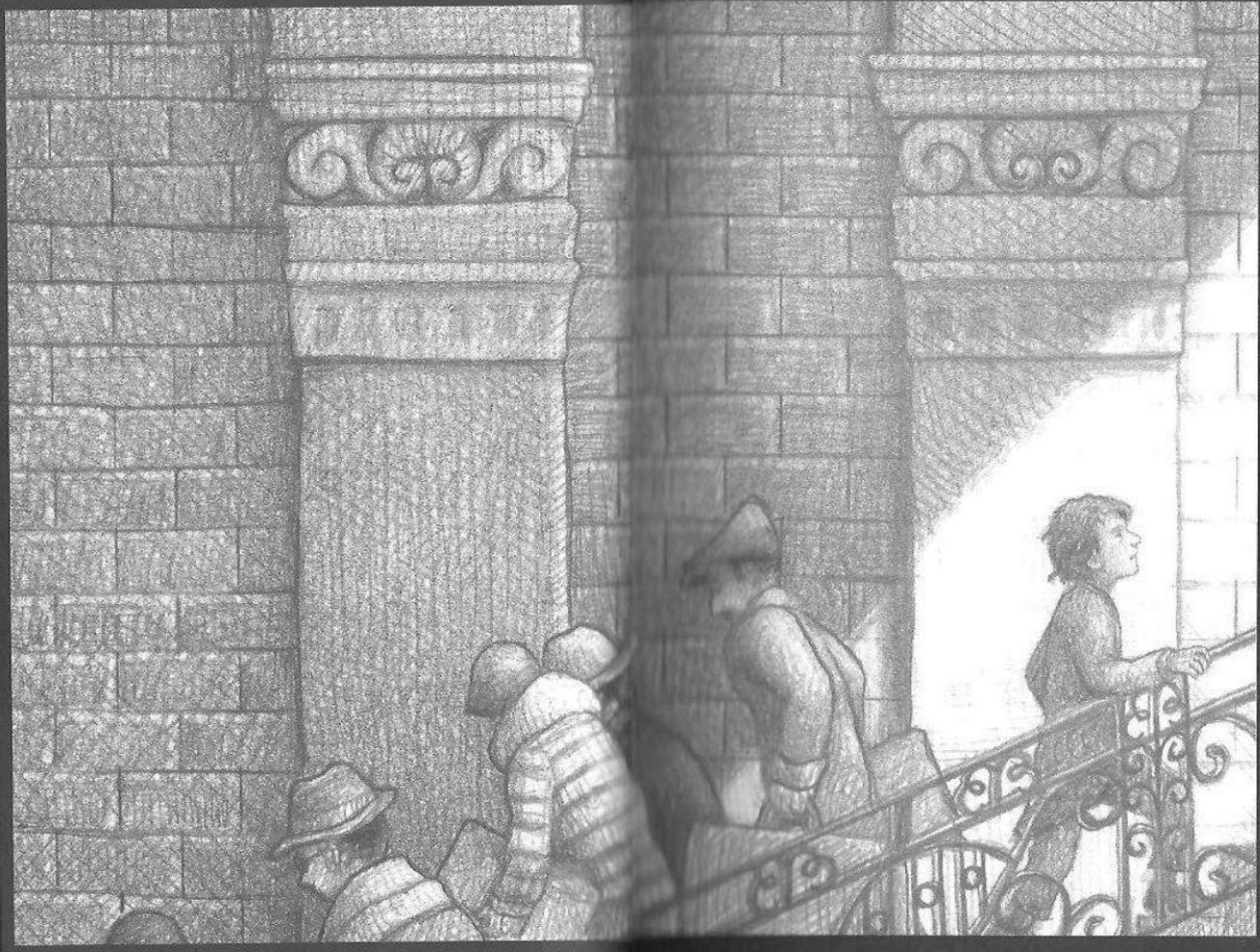


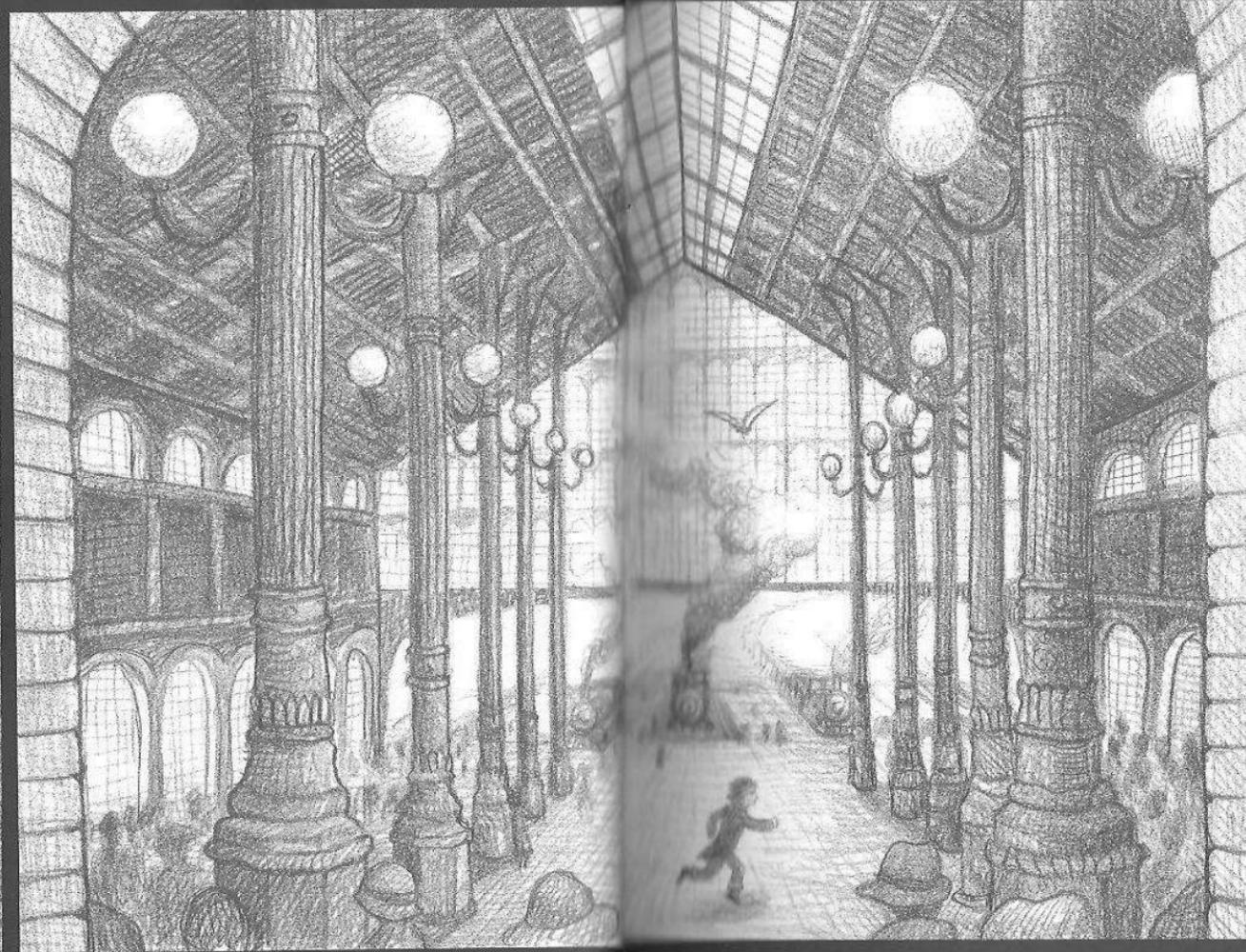


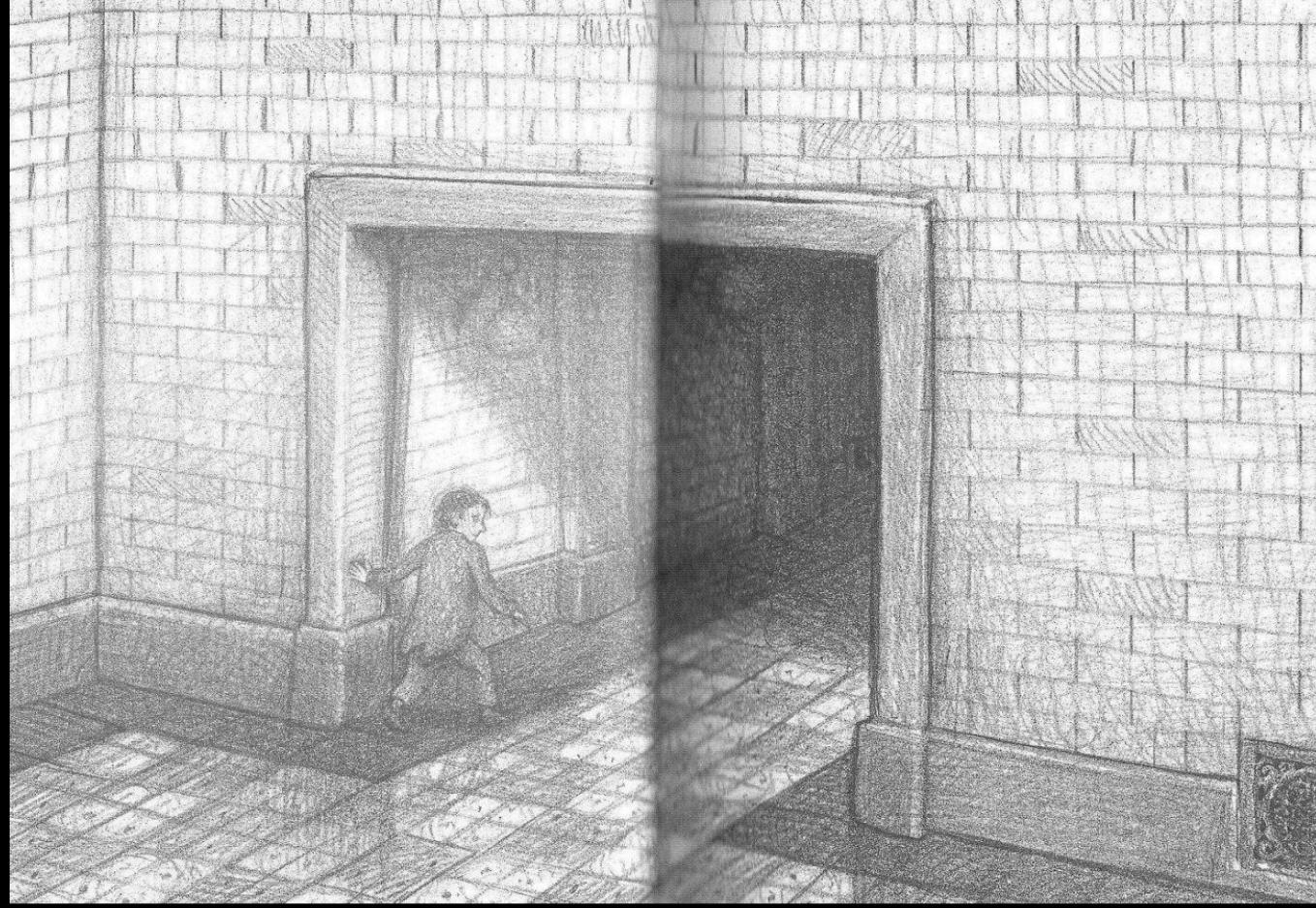


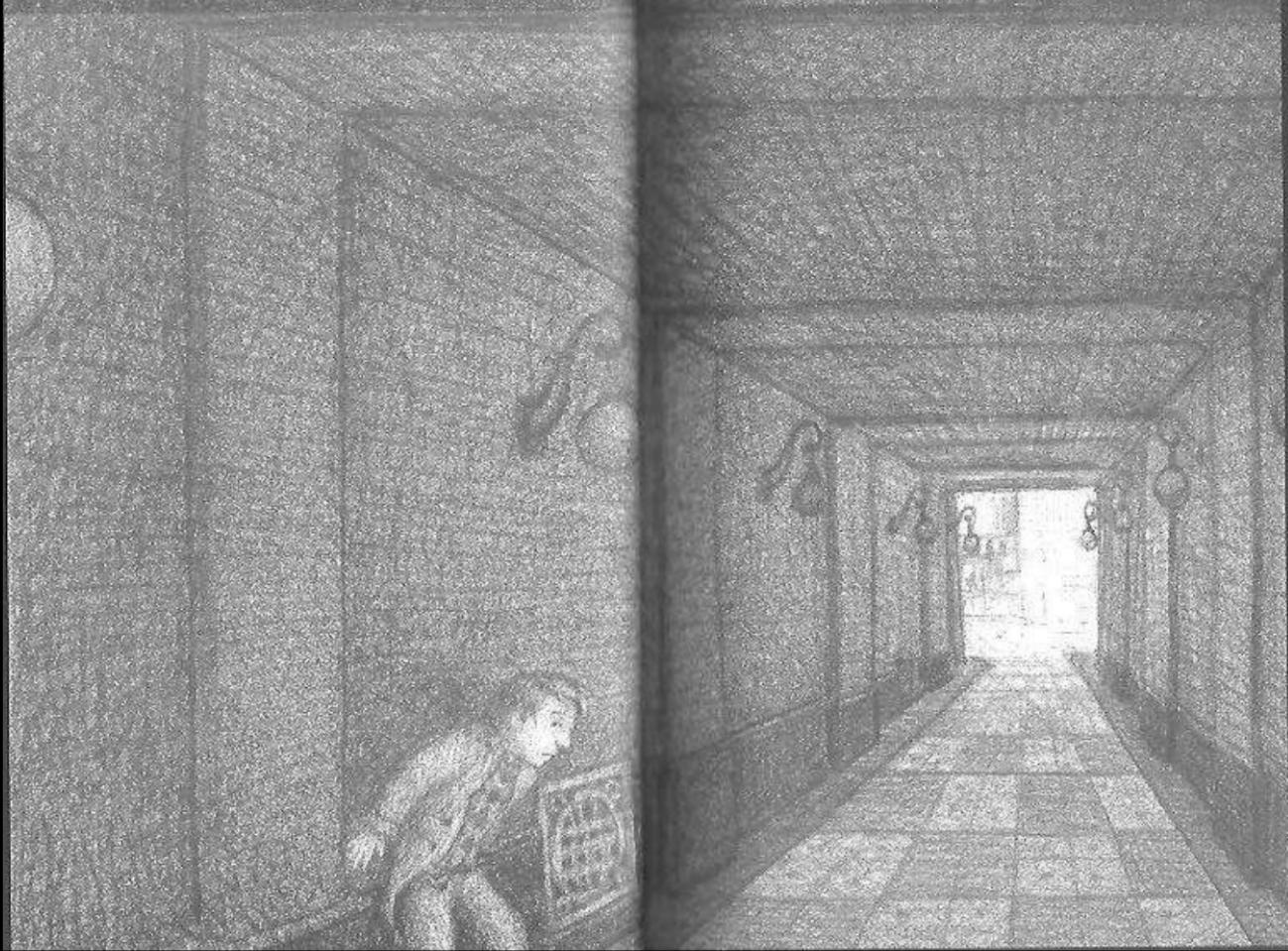


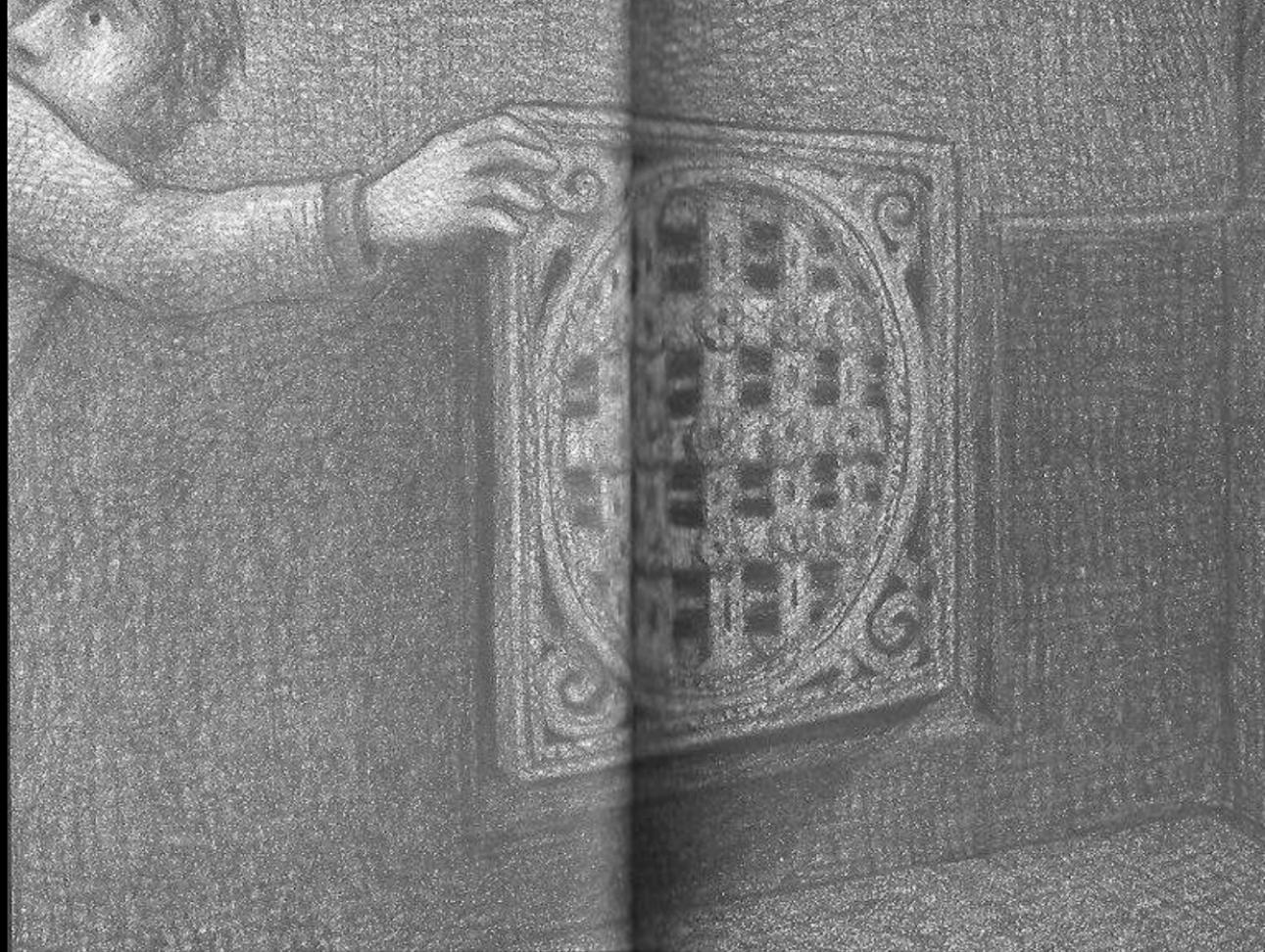


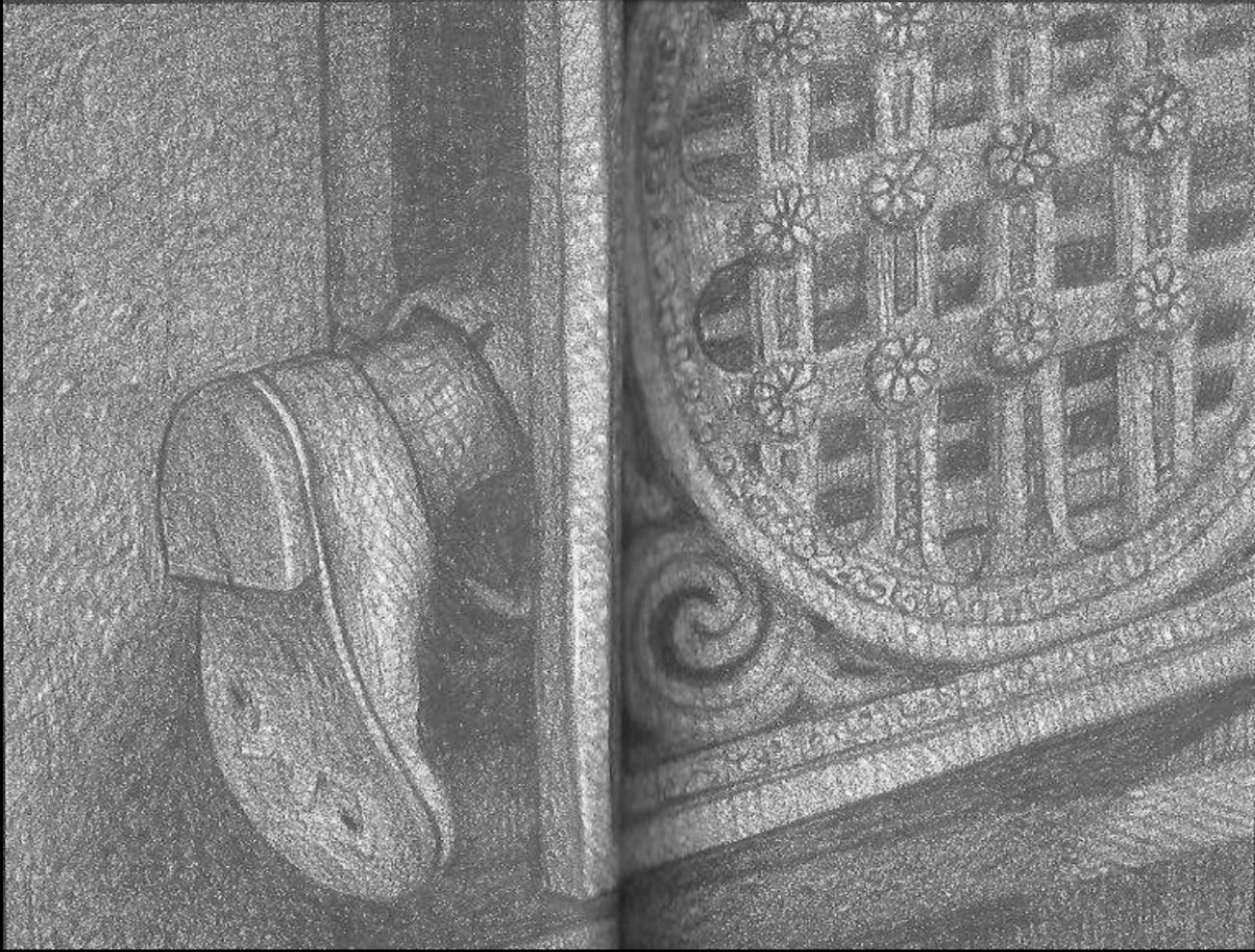


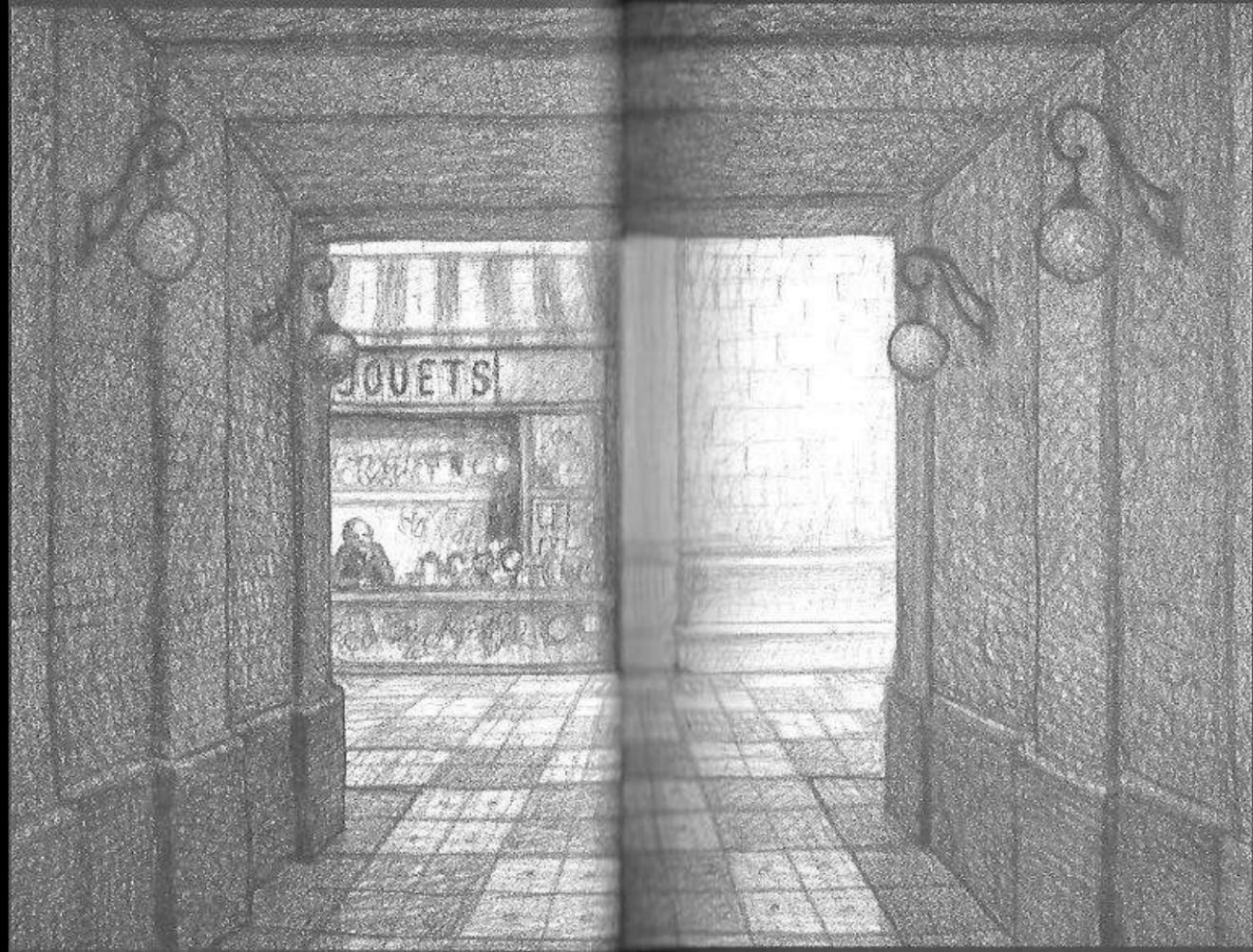


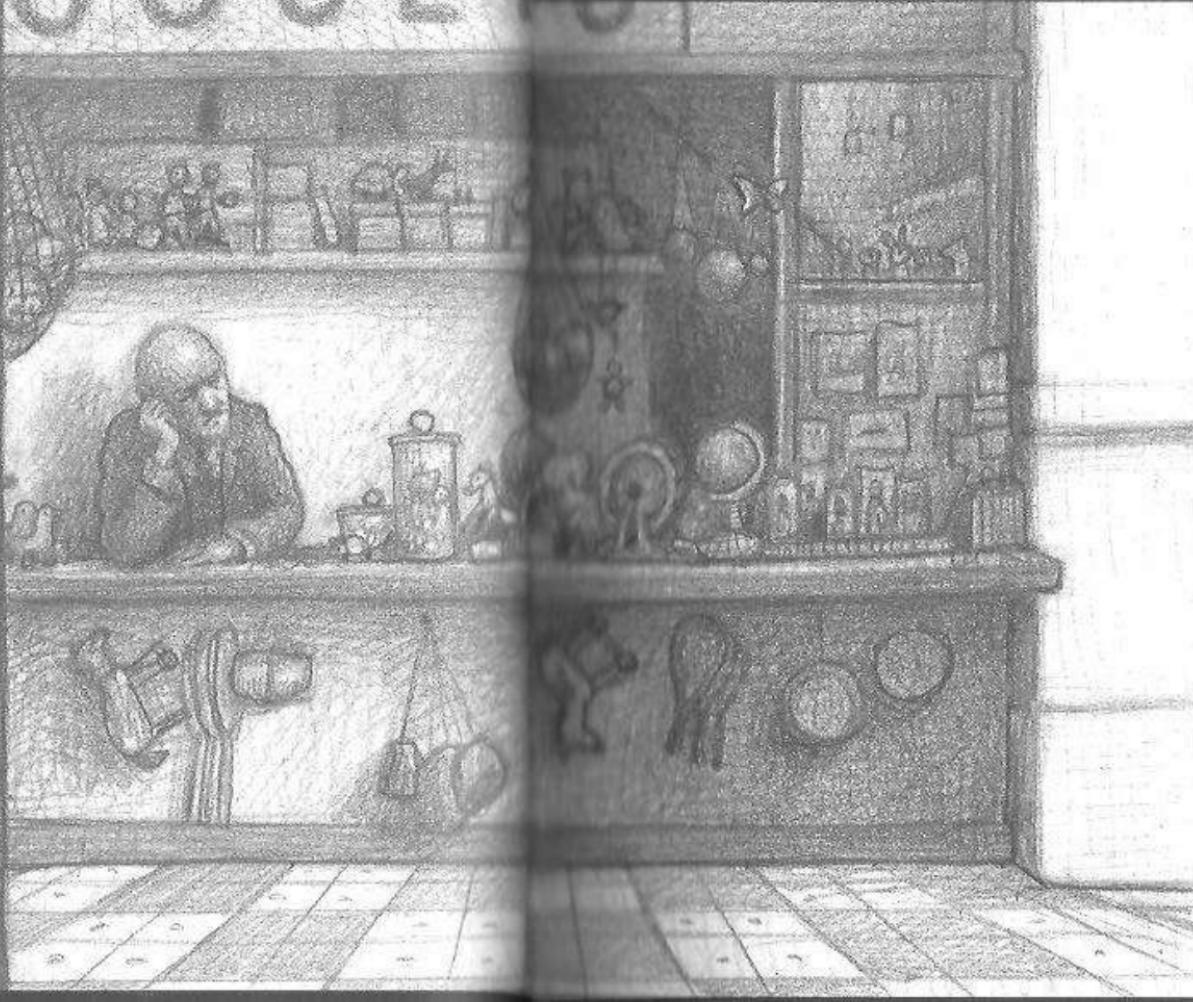


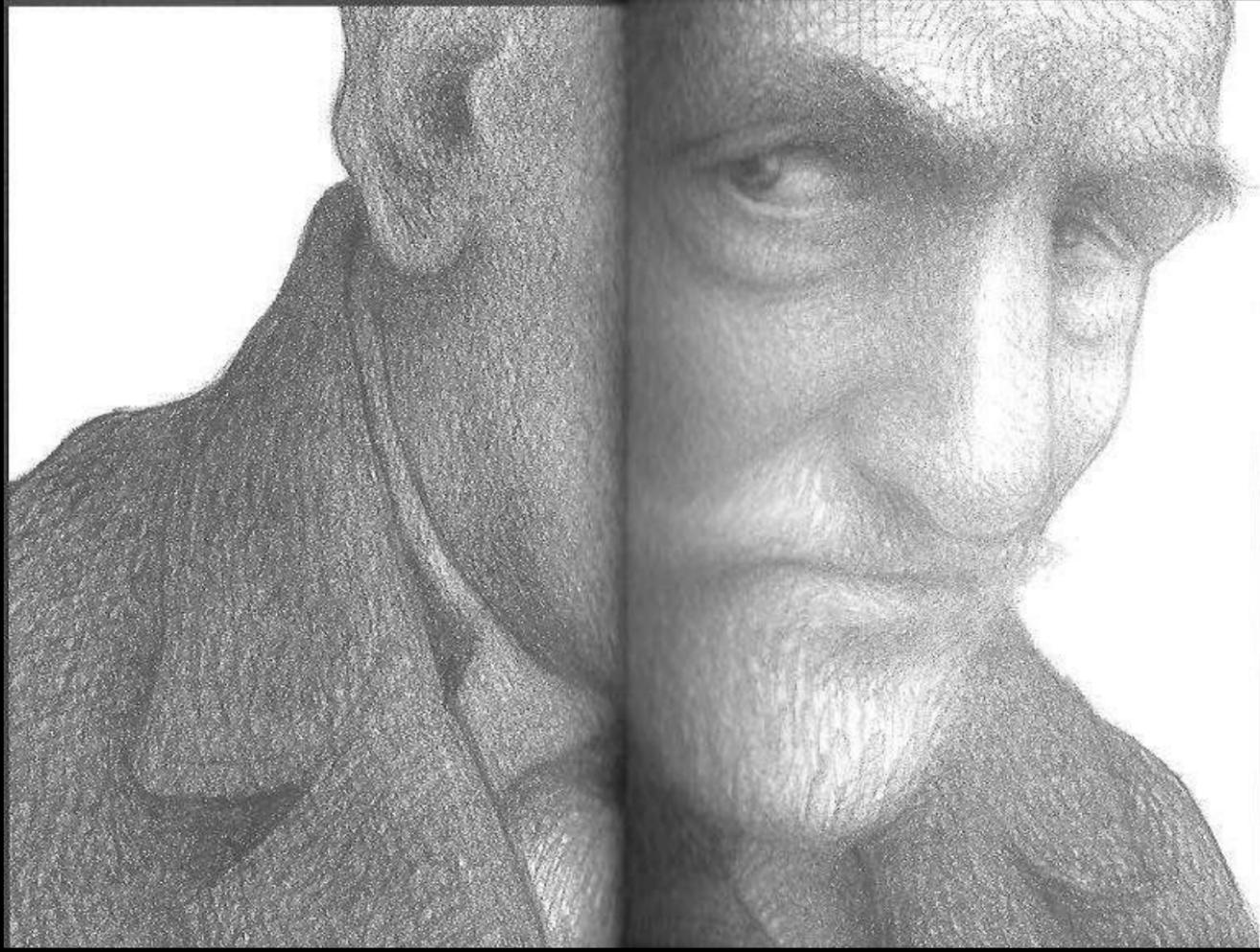


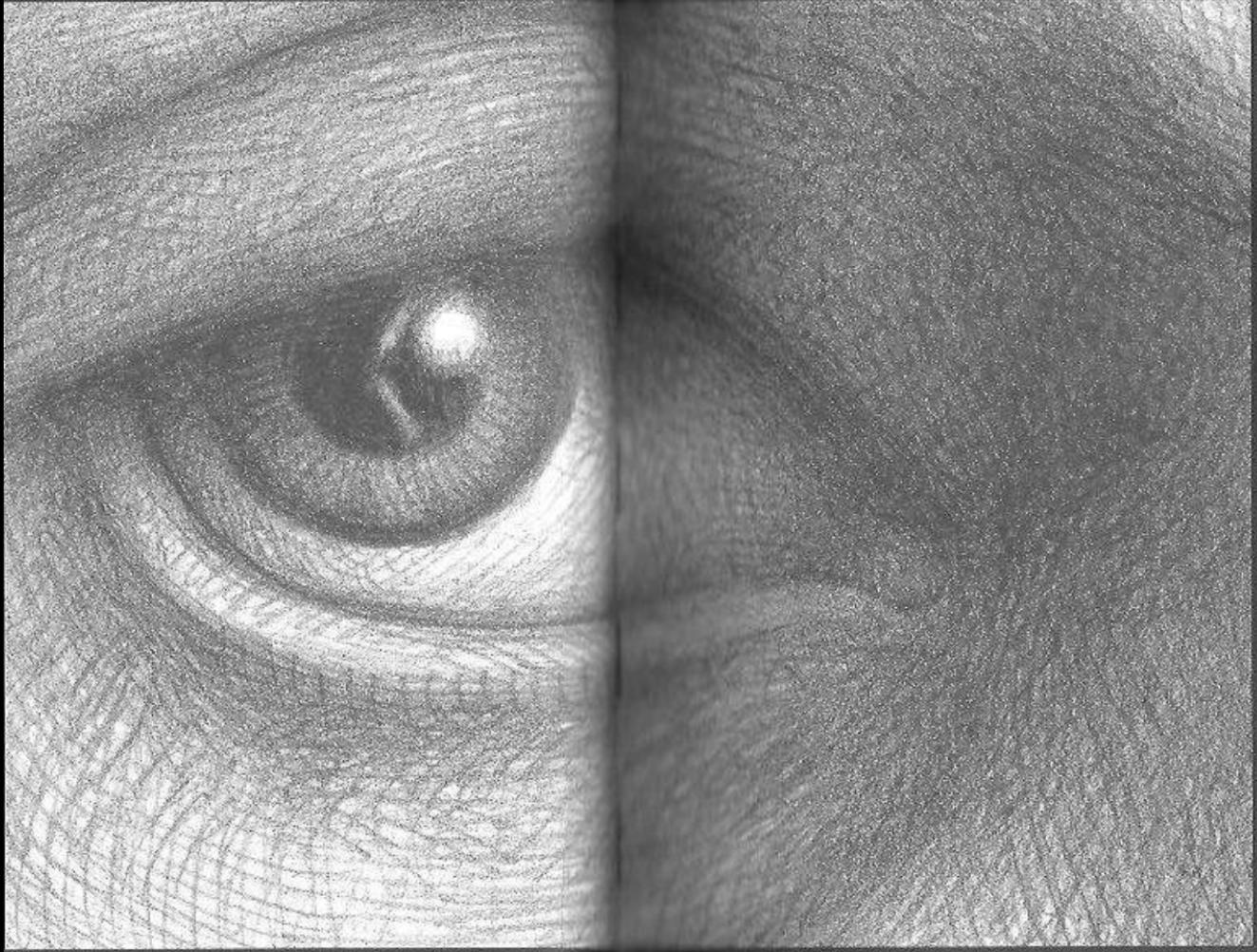


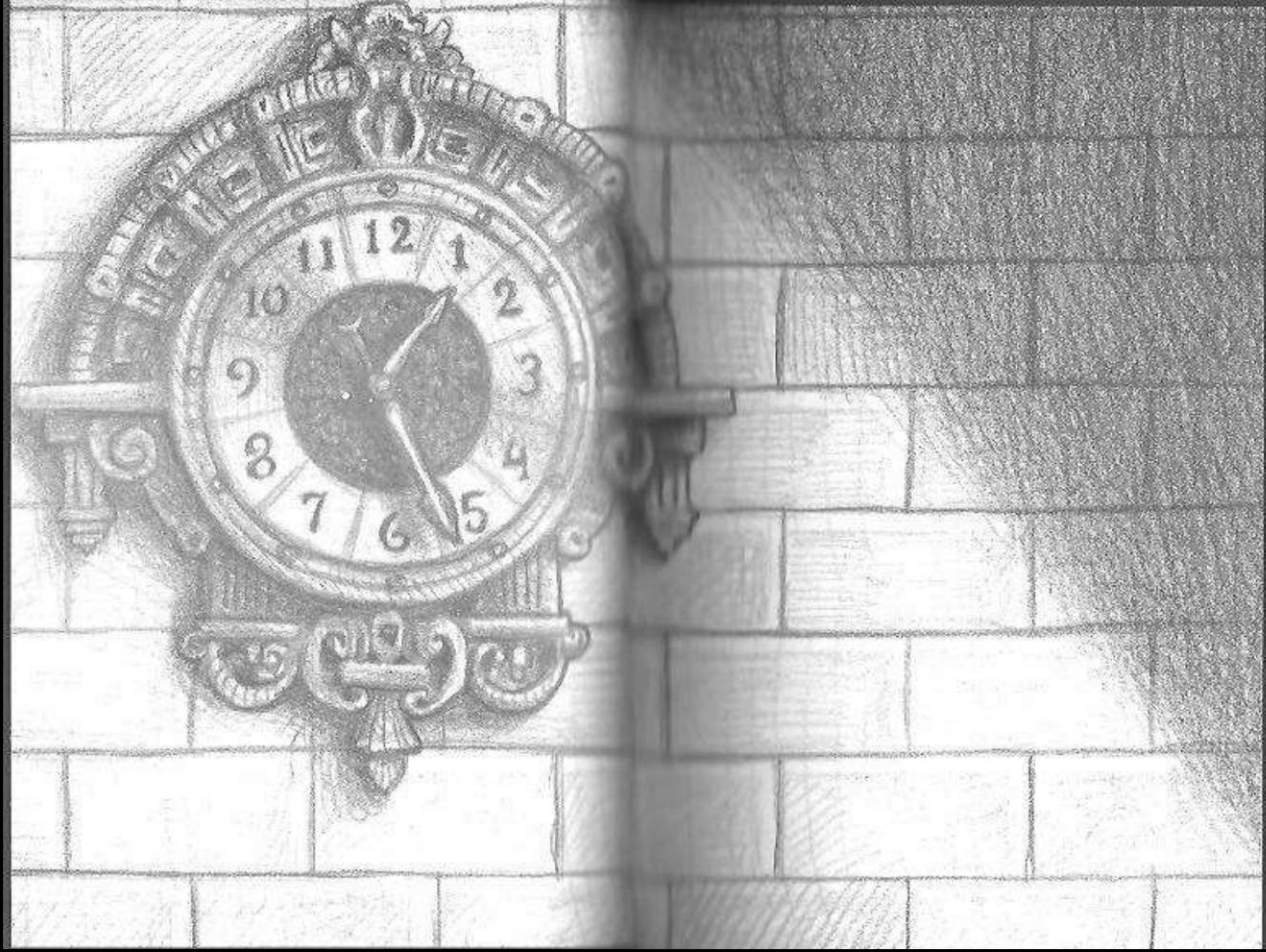




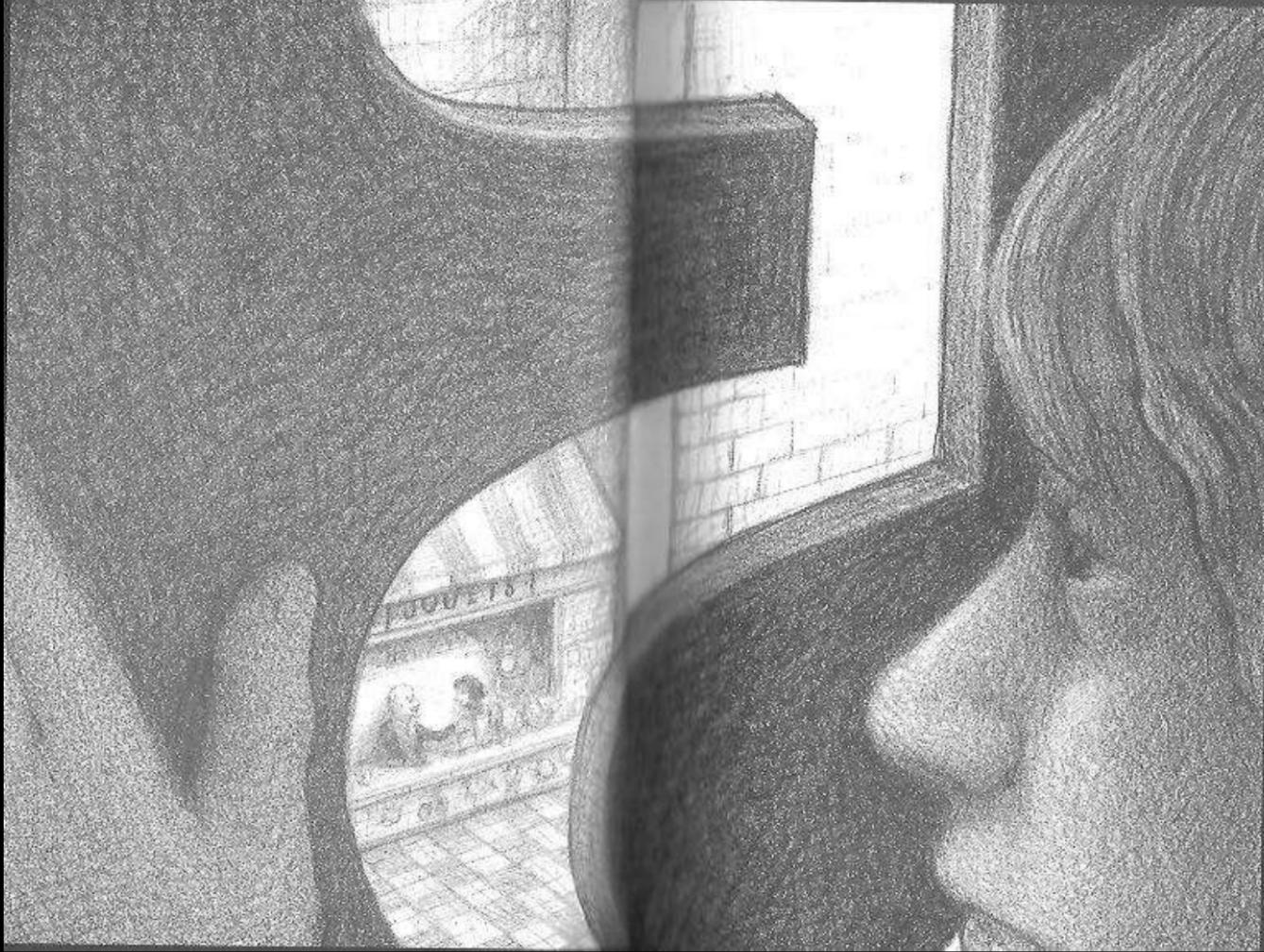












DO SEU ESCONDERIJO ATRÁS DO RELÓGIO, Hugo podia ver tudo. Esfregava nervosamente os dedos no caderninho em seu bolso e dizia a si mesmo para ter paciência.

O velho na loja de brinquedos estava discutindo com a menina. Ela devia ter a mesma idade de Hugo, e ele frequentemente a via entrar na loja com um livro debaixo do braço e desaparecer atrás do balcão.

Hoje o velho parecia agitado. Será que descobriu que alguns de seus brinquedos sumiram? Bem, já não era possível fazer nada sobre isso agora.

Hugo precisava dos brinquedos.

O velho e a menina discutiram um pouco mais e, por fim, ela fechou o livro e saiu correndo.



Felizmente, em poucos minutos o velho tinha cruzado os braços sobre a barriga e fechado os olhos.

Hugo se arrastou através das paredes, saiu por uma entrada de ventilação e disparou pelo corredor até alcançar a loja de brinquedos. Nervoso, esfregou o caderninho mais uma vez e então, cautelosamente, envolveu com a mão o brinquedo de corda que desejava.

Mas de repente houve um movimento dentro da loja, e o velho adormecido voltou para a vida. Antes que Hugo pudesse correr, o velho o agarrou pelo braço.

O ratinho azul de corda que Hugo tinha apanhado se soltou de sua mão, deslizou pelo balcão e caiu no piso com um estalo.

— Ladrão! Ladrão! — gritou o velho para o corredor vazio.—Alguém chame o inspetor da estação!

A menção ao inspetor fez Hugo entrar em panico. Contorceu-se e tentou fugir, mas o velho apertava seu braço com força e não deixava que ele escapasse.

— Até que enfim te peguei! Agora esvazie os bolsos.

Hugo rosnou feito um cachorro. Estava furioso consigo mesmo por ter sido apanhado.

O velho puxou ainda mais, até Hugo ficar praticamente na ponta dos pés.

— O senhor está me machucando!

— Esvazie os bolsos!

Relutante, Hugo tirou, um a um, dezenas de objetos dos bolsos: parafusos, pregos e lascas de metal, porcas e cartas de baralho amassadas, pecinhas de relojoaria e rodas dentadas. Mostrou uma caixa de fósforos esmagada e algumas velinhas.

— Falta um bolso ainda... disse o velho.

— Não tem nada nele!

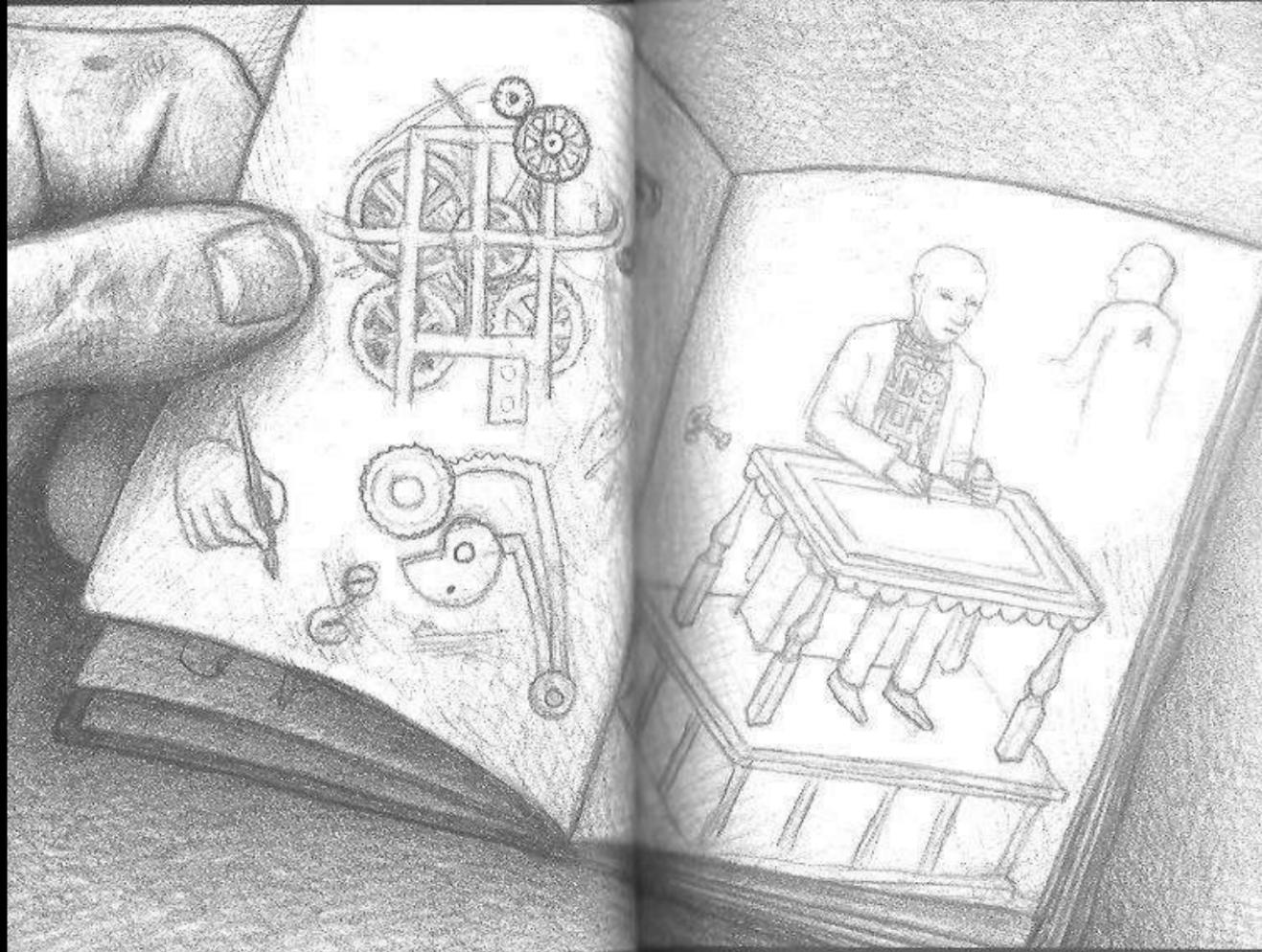
— Então coloque ele do avesso.

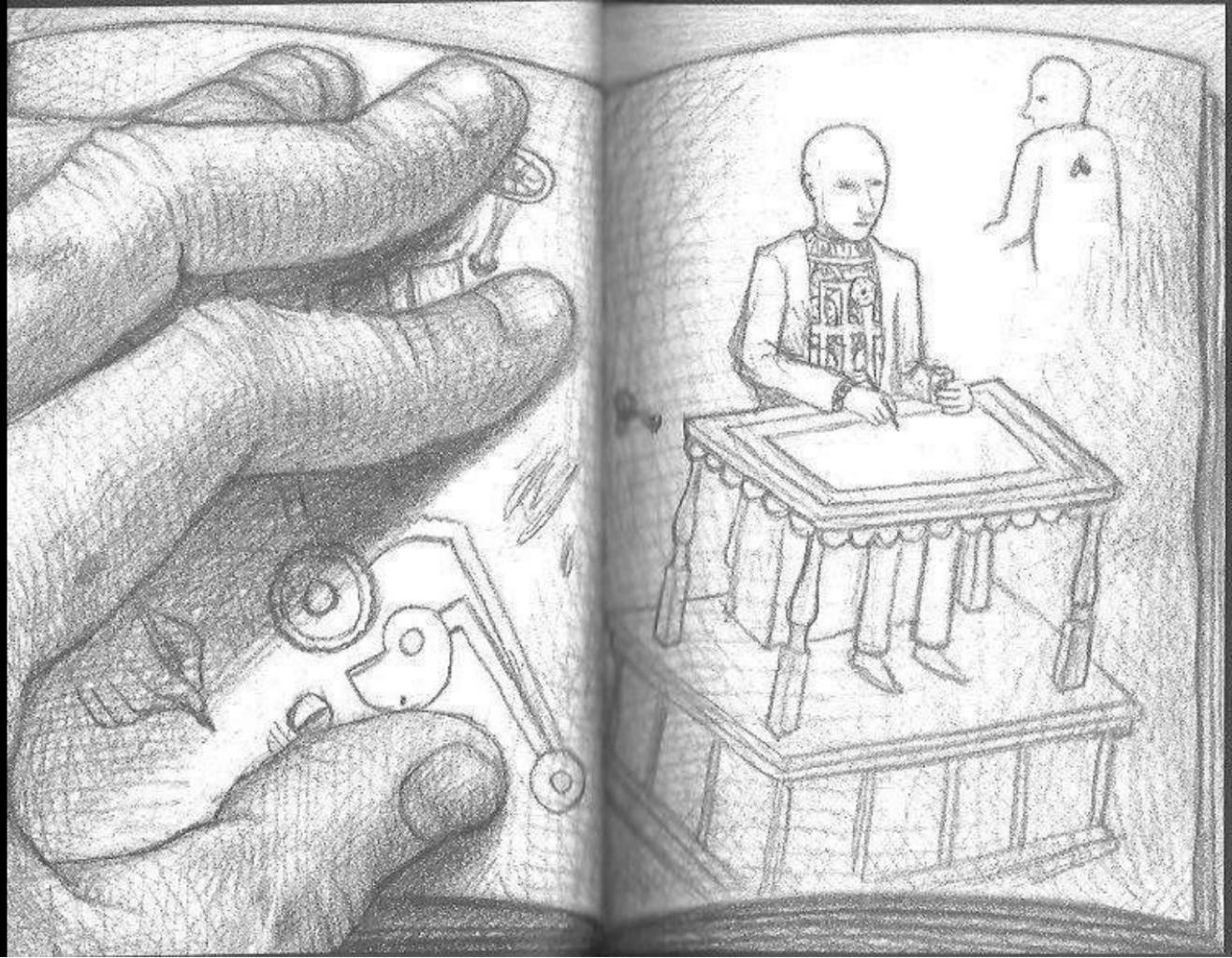
— Não estou com nada seu! Me solte!

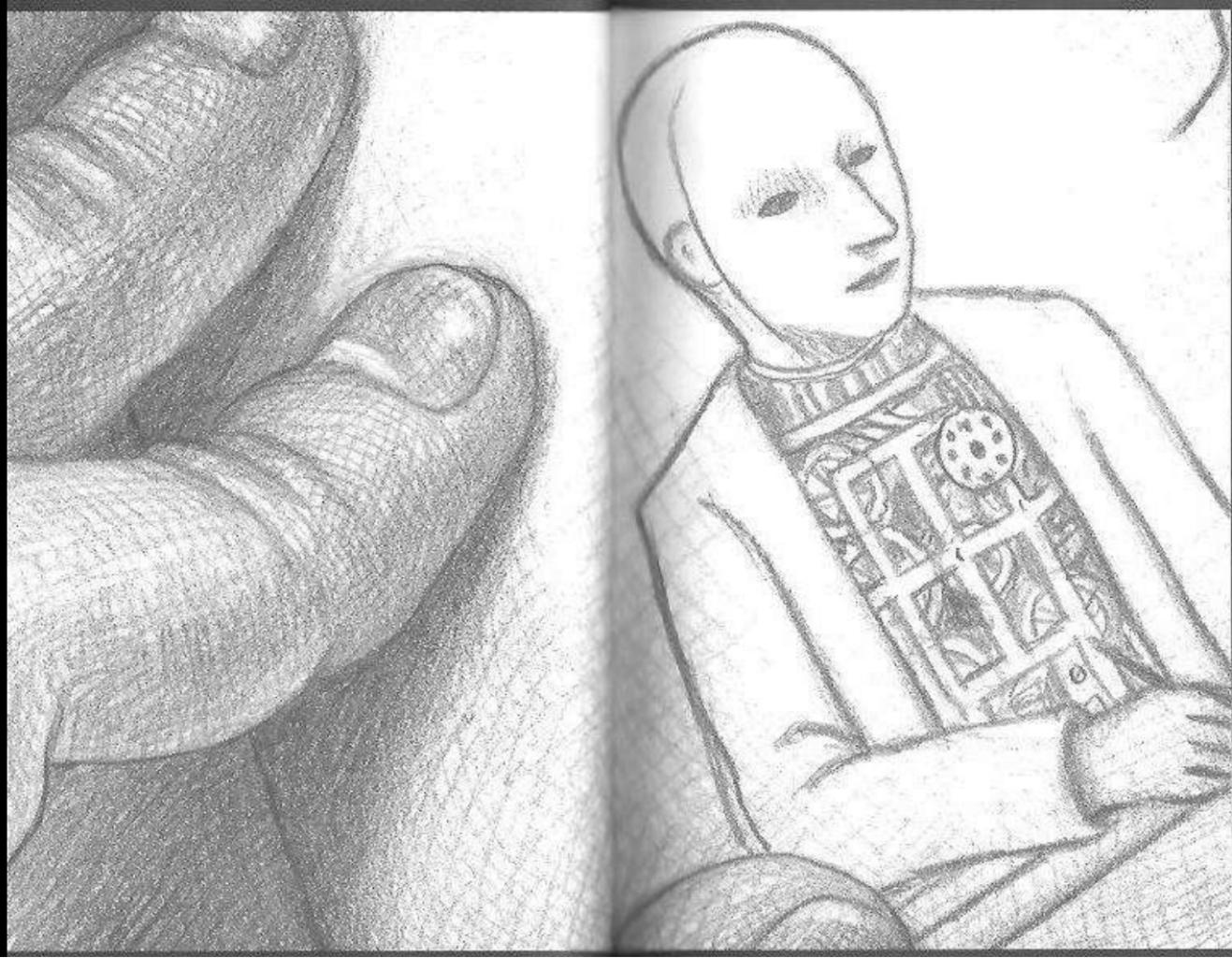
— Onde está o inspetor? gritou o velho mais uma vez para o corredor.— Por que ele nunca vem quando é preciso?

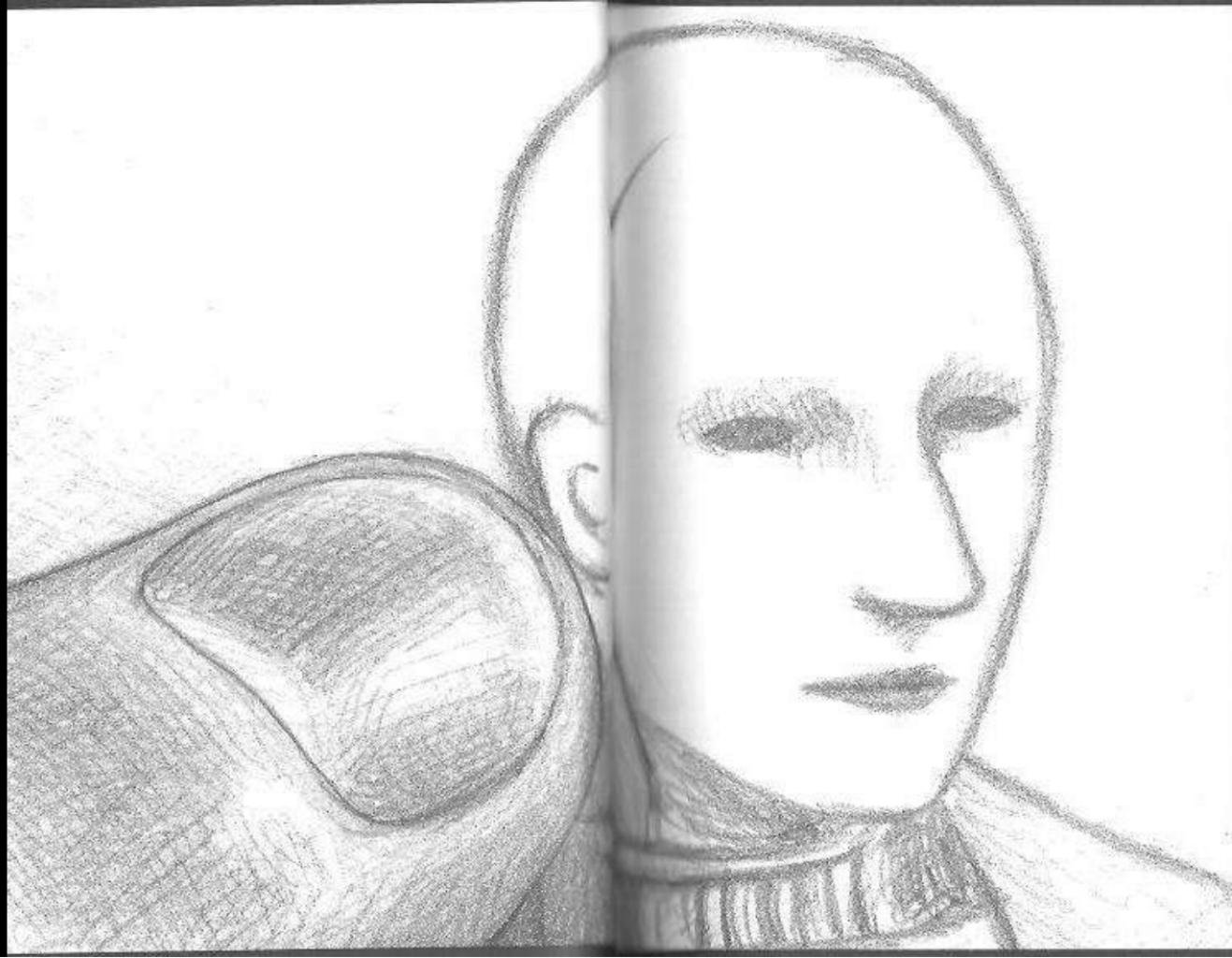
Se o inspetor da estação aparecesse, com seu uniforme verde, no final do corredor, Hugo sabia que tudo estaria acabado. O menino se debateu contra o velho, mas em vão. Por fim, Hugo enfiou a mão trêmula no bolso e de lá tirou seu caderninho de papelão surrado. A capa estava lisa de tão esfregada.

Sem relaxar o aperto no braço do menino, o velho agarrou o caderninho, levou-o para longe do alcance de Hugo, abriu e o folheou. Uma página chamou sua atenção.









— Me devolve isso! É meu! gritou Hugo.

— Fantasmas... — murmurou o velho para si mesmo. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde eles me achariam aqui.

Fechou o caderninho. A expressão em seu rosto mudava rapidamente, de medo para tristeza, de tristeza para raiva.

— Quem é você, garoto? Foi você que fez esses desenhos?

Hugo não respondeu.

— Eu perguntei: foi você que fez esses desenhos?

Hugo rosnou novamente e cuspiu no chão.

— De quem você roubou esse caderno?

— Não roubei.

O velho grunhiu e, com um safanão, soltou o braço de Hugo.

Me deixe em paz, então! Fique longe de mim e da minha loja.

Hugo esfregou o braço e deu um passo atrás, esmagando sem querer o rato de corda que tinha caído no chão.

O velho se arrepiou ao som do brinquedo sendo quebrado.

Hugo apanhou as peças fragmentadas e as colocou sobre o balcão.

— Não vou embora sem o meu caderno.

— Não é mais o seu caderno. É meu, e vou fazer com ele o que eu quiser.

O velho balançou no ar a caixa de fósforos de Hugo.

— Talvez eu ponha fogo nele!

— Não!

O velho recolheu tudo que caíra dos bolsos de Hugo, incluindo o caderninho. Colocou tudo num lenço, deu um nó e o cobriu com as mãos.

— Então me fale dos desenhos. Quem fez?

Hugo nada disse.

O velho deu um soco com o punho no balcão, fazendo tremer todos os brinquedos.

— Saia já daqui, seu ladrãozinho!

— O senhor é o ladrão! — gritou Hugo enquanto se virava e saía correndo.

O velho gritou alguma coisa atrás dele, mas tudo o que Hugo ouvia era o toque-toque de seus sapatos ecoando pelas paredes da estação.



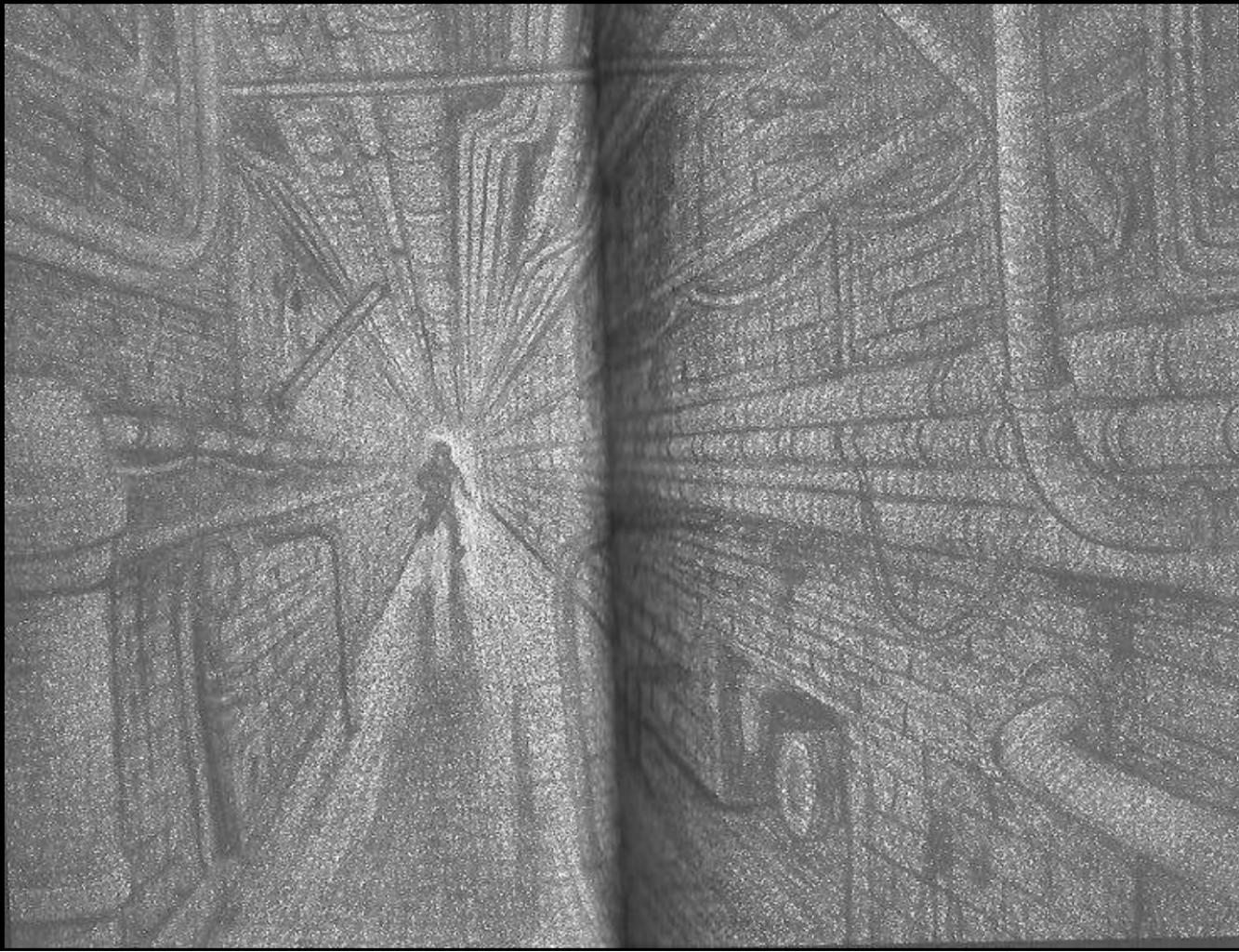
2

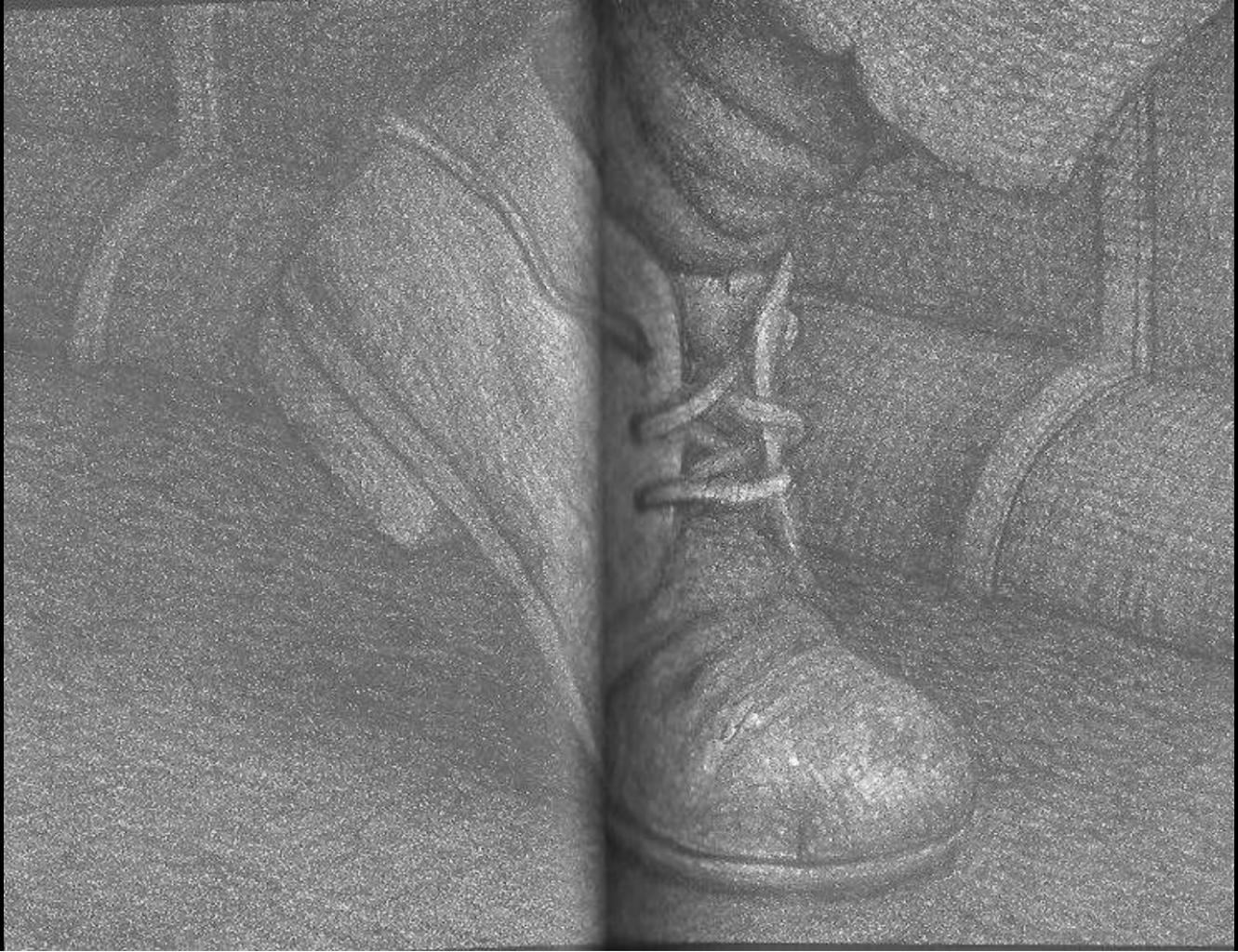


Os Relógios

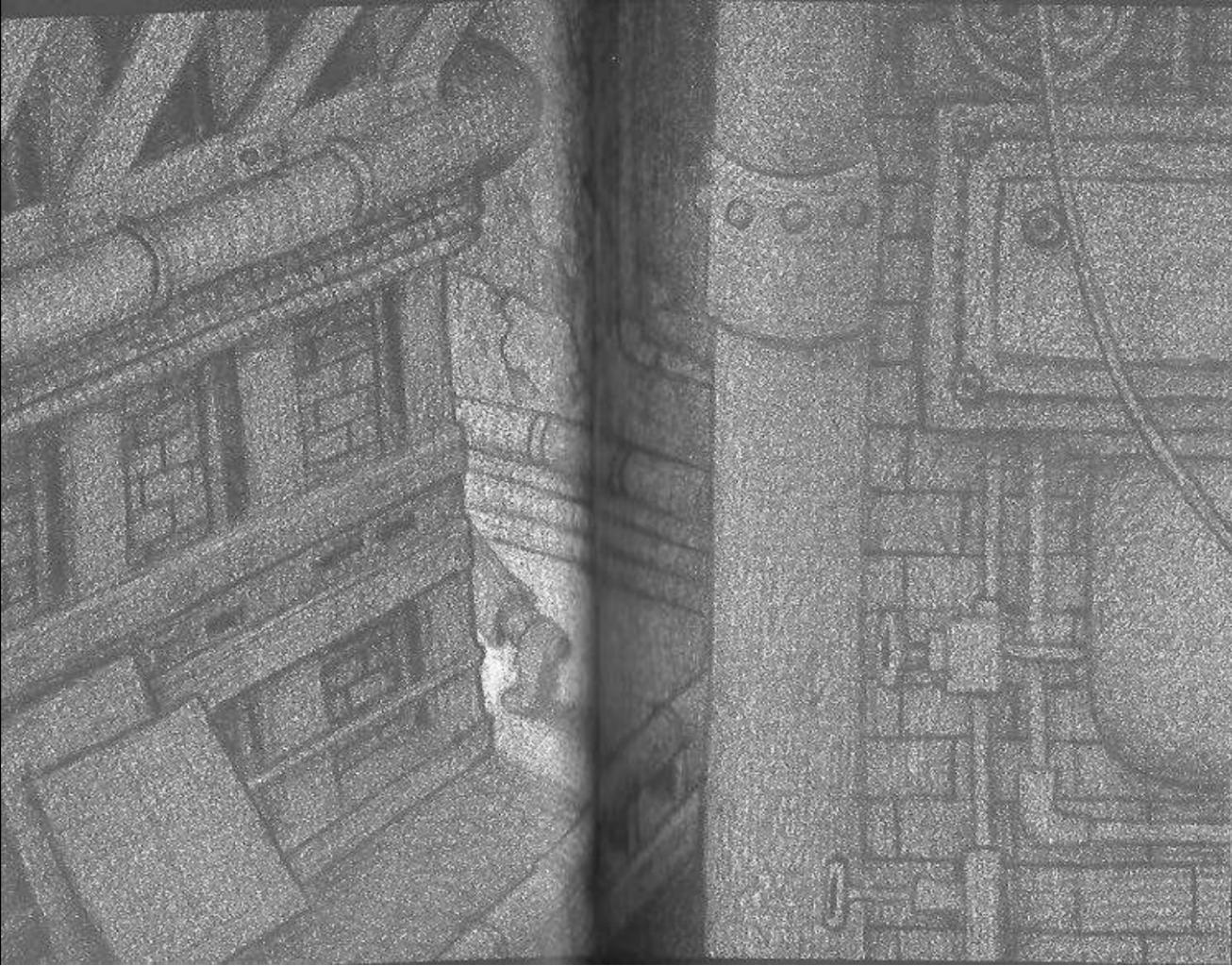
HUGO DISPAROU PELO CORREDOR e desapareceu de novo pela entrada de ventilação da parede. Fez uma breve pausa. O ar estava fresco e úmido. Umas poucas lâmpadas embaçadas forneciam tímida iluminação dentro das passagens escuras.













Hugo abriu a porta e entrou.

Acima do teto da área de espera principal havia um conjunto de apartamentos secretos, construídos para o pessoal que dirigia a estação de trem anos atrás. A maioria deles estava abandonada havia muito tempo. Só um permanecia em uso.

Alguns raios de sol se infiltravam pela claraboia suja. Hugo olhou para as fileiras de vidros, cheios das peças de todos os brinquedos que ele tinha roubado da loja nos últimos meses. Os vidros ficavam sobre prateleiras que ele tinha feito com tábuas velhas encontradas dentro das paredes da estação. Debaixo da cama vacilante tinha uma pilha de desenhos de Hugo. Seu baralho dê cartas repousava sobre um baú empoeirado no meio do quarto. Ali perto, numa mesinha, tinha um maço de envelopes — os cheques-salário não descontados do seu tio, que se acumulavam semana após semana.

Hugo enxugou os olhos e apanhou sua caixa de ferramentas. Enfiou mais alguns fósforos e velas nos bolsos e foi trabalhar.

Como de的习惯, Hugo se dirigiu para os grandes relógios de vidro sobre o telhado, porque eram os mais difíceis de alcançar. Eram corno enormes janelas redondas que olhavam, a cidade de cima, um virado para o norte, o outro virado para o sul. Hugo tinha que subir uma escadaria longa e escura e deslizar através de uma abertura no teto no alto de

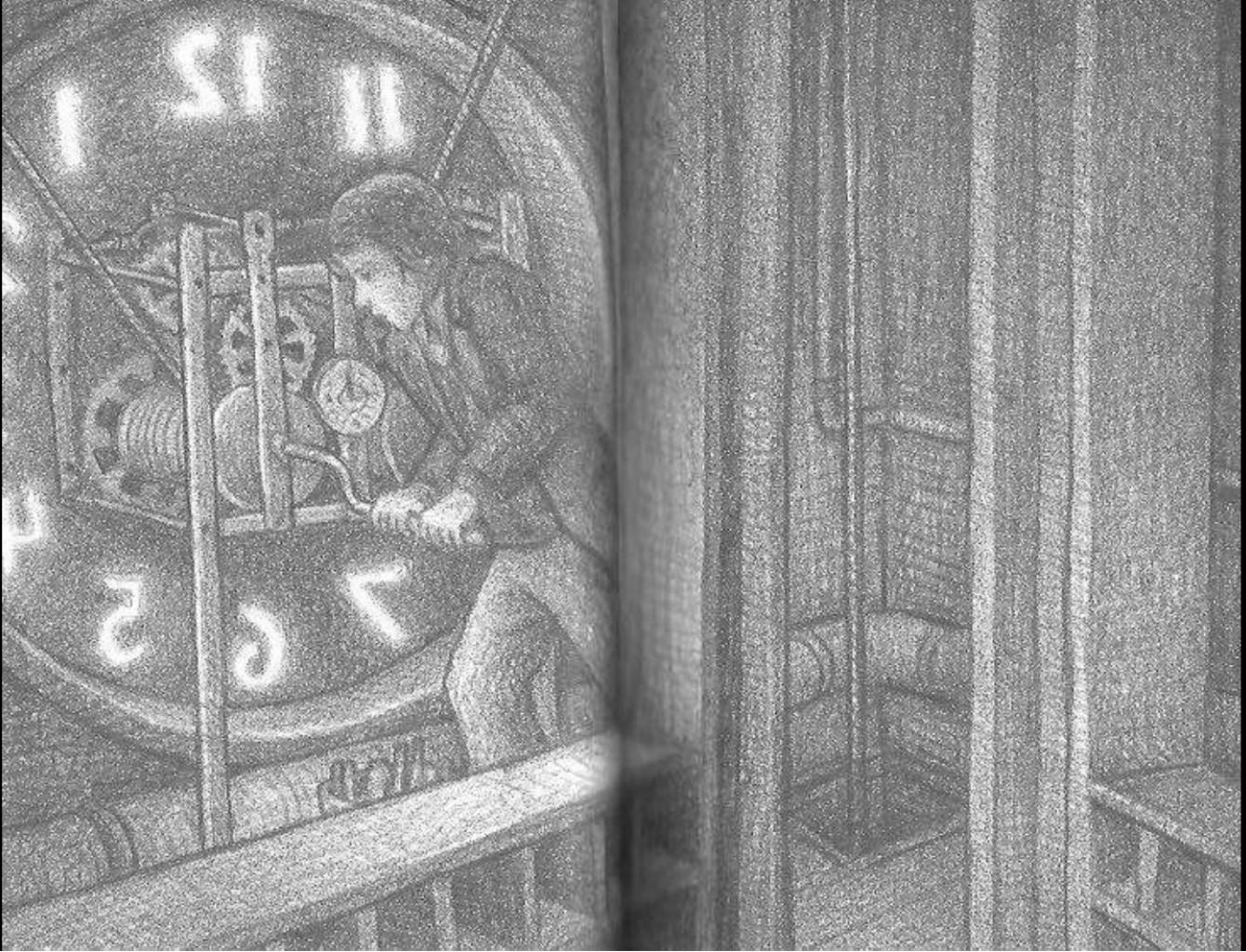
uma escada de mão para chegar dentro deles. Durante o dia, seus olhos sempre ardiam por alguns instantes por causa do jorro de luz que atravessava o vidro. Os motores e engrenagens daqueles relógios eram os maiores da estação, e Hugo sempre tinha medo que sua mão ficasse presa.

No canto do compartimento, seguros por cordas, pendiam enormes pesos que mantinham os relógios em funcionamento. Hugo conferiu a hora dos relógios de vidro com a do relógio de bolso do tio, que guardava entre suas ferramentas e no qual diligentemente dava corda toda manhã. Em seguida, verificou com cuidado todo o mecanismo por uns minutos e pingou, em cada haste de engrenagem, algumas gotas de óleo da latinha que trazia na caixa. A cabeça de Hugo inclinava-se um pouco para o lado enquanto ele ouvia a batida do relógio, esperando até ter certeza de que a máquina estava operando corretamente.

Depois de cuidar dos relógios do telhado, ele desceu pela escada de mão e pela longa escadaria. De volta ao interior das passagens escuras, conferiu os outros relógios da estação, que eram todos feitos de bronze e podiam ser tratados de dentro das paredes.

Hugo acendeu velas para enxergar melhor e começou pelo relógio que estava sobre as bilheterias. Esse relógio, como todos os outros, tinha pesos também, só que bem menores e que desapareciam chão adentro.

Hugo encaixou uma manivela atrás do relógio e, usando toda a sua força, girou-a na maior velocidade que podia.



O menino então se certificou de que as engrenagens e alavancas mexiam de modo exato e conferiu a hora no pequeno mostrador montado na parte de trás do mecanismo. Em seguida, caminhou pelas passagens secretas até a fileira de relógios em torno das plataformas dos trens e, depois, para os fundos dos relógios menores que davam para o interior dos gabinetes, incluindo o cio inspetor da estação. Olhando através dos números, Hugo pôde ver a mesa do inspetor e, num canto do gabinete, as grades de uma pequena cela de cadeia que ficava à espera de qualquer criminoso apanhado na estação. Hugo tinha visto homens e mulheres trancados ali e, algumas vezes, até mesmo garotos da sua idade na cela, com os olhos vermelhos de tanto chorar. Cedo ou tarde, aquelas pessoas eram levadas embora e ele nunca mais as via.

Partindo dos gabinetes, Hugo seguiu um longo túnel oculto até os fundos do relógio defronte à loja de brinquedos do velho. Desejou evitar aquele relógio, mas sabia que não era possível descuidar de nenhum deles. Espreitando através dos números, espiou o velho novamente, sozinho em sua loja de brinquedos no final do corredor, olhando as páginas do caderno de Hugo. O menino quis gritar, mas se conteve. Lubrificou o relógio e ficou atento ao seu ruído. Estava certo de que não precisaria lhe dar corda por um ou dois dias, por isso continuou andando, até que todos os vinte e sete relógios da estação tivessem sido inspecionados, exatamente como seu tio havia lhe ensinado.



3



Neve

O VELHO SE ARRASTOU LENTAMENTE até a frente da loja de brinquedos. Estava começando a fechá-la, baixando a grade de madeira, quando Hugo se aproximou dele por trás. O menino sabia como caminhar em silêncio, mas deixou o pé cair pesadamente nos ladrilhos para que o velho soubesse que estava ali.

— Levante os pés, garoto.

O velho espiou por cima do ombro.

— Odeio o som de soldados de sapato batendo no chão— continuou a fechar a grade e trancá-la.

Os saguões da estação estavam quase vazios. Hugo sabia que o inspetor estava fazendo sua ronda noturna no outro extremo da estação, e imaginou que teria alguns minutos antes que ele aparecesse por lá.

O velho terminou de fechar e checou duas vezes a tranca da loja.

— Qual o seu nome, garoto?

Hugo hesitou. Ia mentir, mas imediatamente, por alguma razão, resolveu dizer seu nome verdadeiro:

— Hugo... Hugo Cabret.

— Escute bem, Hugo Cabret. Eu te disse pra ficar longe de mim. Se te pegar aqui de novo, eu mesmo vou te arrastar até o gabinete do inspetor da estação e trancar você lá. Entendeu o que eu disse?

— Devolva o meu caderno...

— Estou indo pra casa queimar o seu caderno.

Com isso, o velho olhou depressa para o relógio em frente à loja de brinquedos e saiu andando sob as grandes vigas de ferro da estação ferroviária. Atravessando as portas douradas, penetrou nas escuras ruas de Paris. Era

fim de inverno, e uma neve ligeira tinha começado a cair. Hugo ficou olhando ele ir embora.

Já fazia muito tempo que Hugo não deixava a estação e, além disso, não estava vestido para o inverno. Mesmo assim, em poucos instantes, o menino precipitou-se para fora.

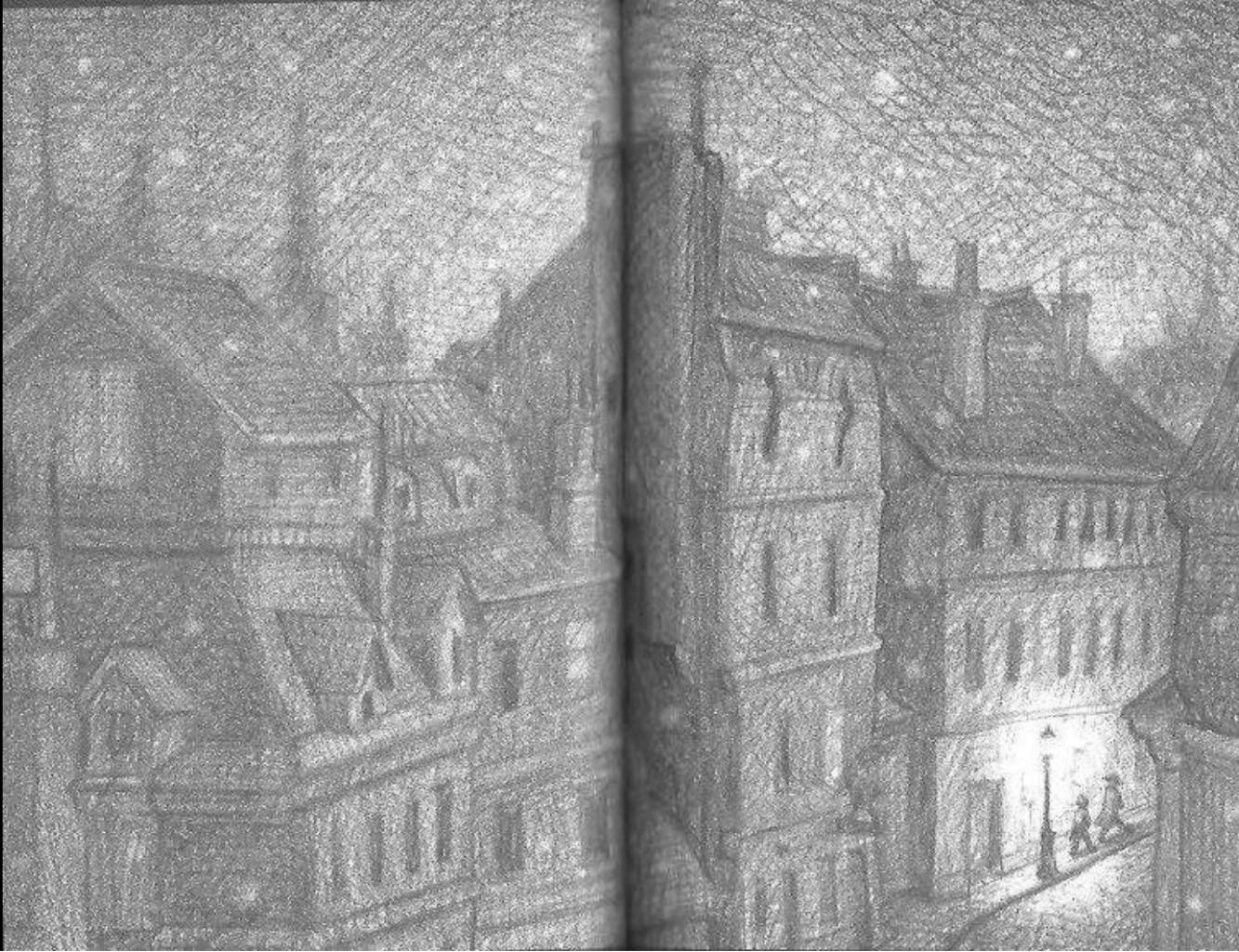
— O senhor não pode queimar o meu caderno! gritou para o velho.

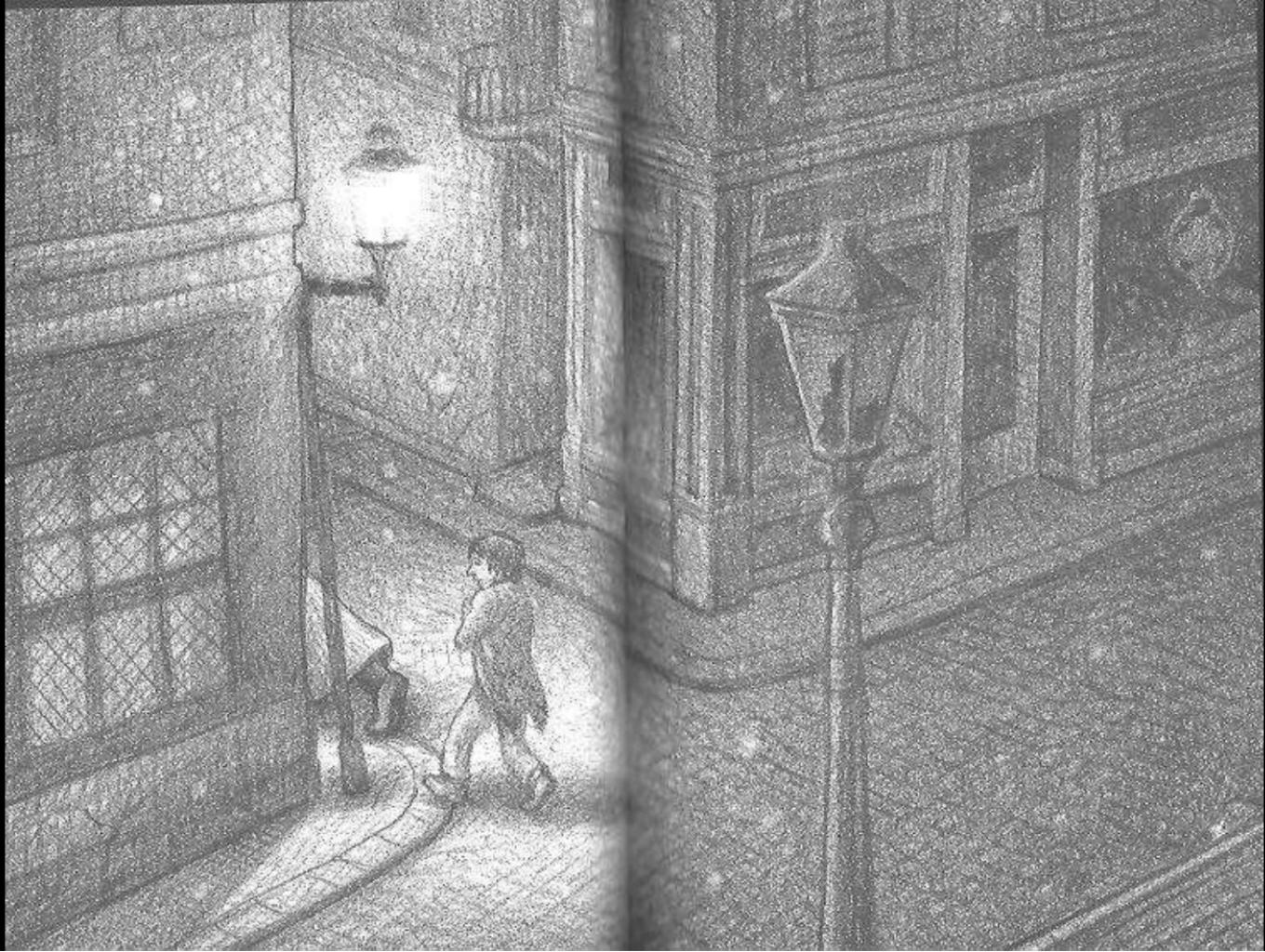
— Posso — veio como resposta.

Hugo quis agarrá-lo, derrubá-lo no chão e recuperar o caderno, mas achou que não fosse grande o suficiente. Além disso, o velho era forte. O braço de Hugo ainda doia onde ele o agarrara.

— Pare de bater os saltos na rua — sibilou o velho entredentes. — E não me faça dizer isso novamente.

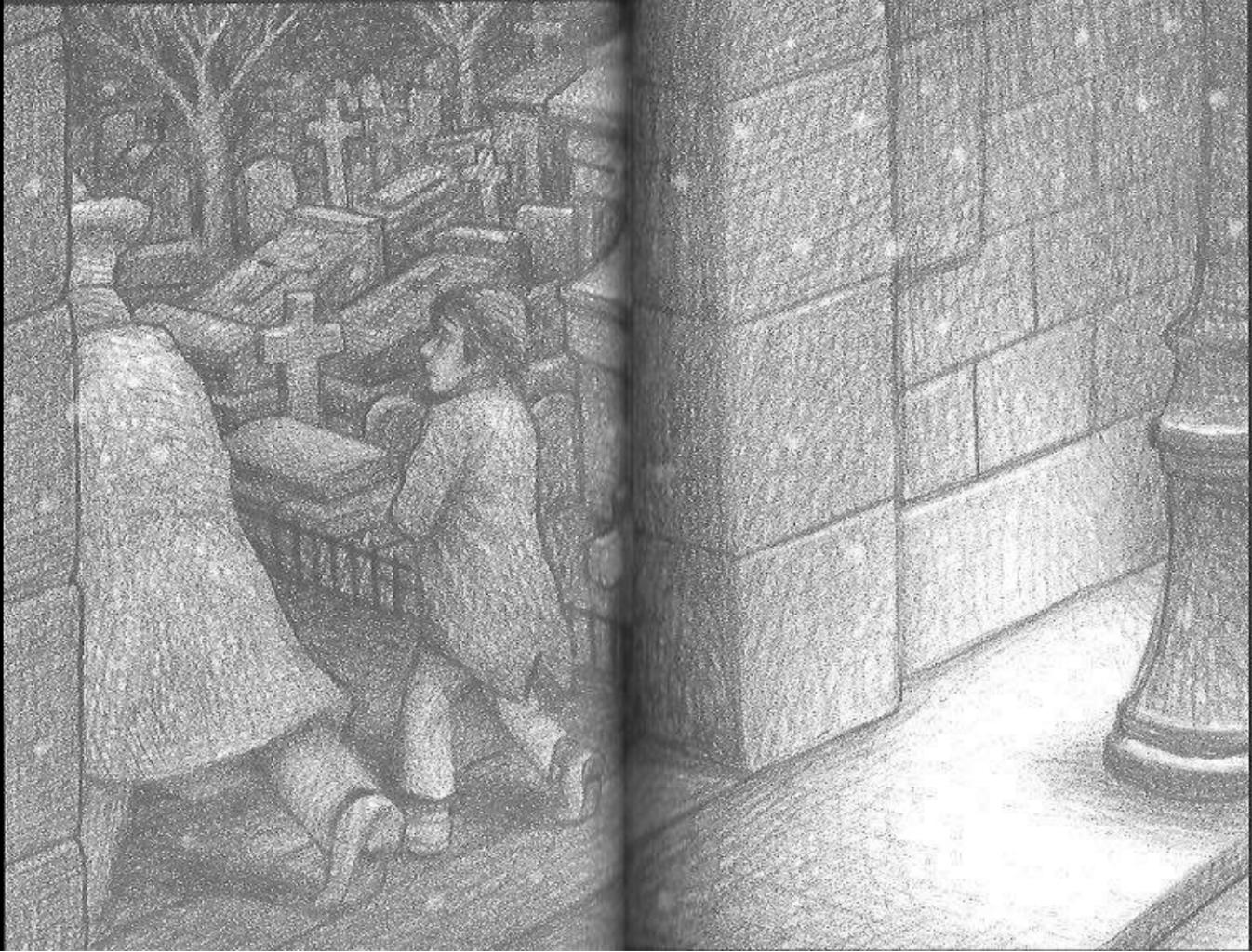
Balançou a cabeça e ajeitou o chapéu. Em seguida, com calma, disse a si mesmo: "Espero que a neve cubra tudo para silenciar todos os soldados de sapato e a cidade inteira poder ficar em paz".











Logo chegaram a um decrépito edifício do outro lado do cemitério. O prédio inteiro parecia inclinar-se ligeiramente para um lado. As paredes já tinham sido cobertas de hera, mas a trepadeira fora arrancada, deixando longas cicatrizes entrelaçadas na pintura esfacelada. O velho

abriu a porta verde carcomida com uma grande chave.
Voltando-se para Hugo, disse:

— Você não sabe que o som dos sapatos pode atrair
fantasmas? Está querendo a companhia de fantasmas?

O velho entrou rapidamente e bateu a porta atrás de si.





4



A janela

HUGO FICOU PARADO NO ESCURO, do lado de fora do edifício do velho. Tirou os flocos de neve dos cílios e se distraiu com os botões sujos de sua jaqueta fina, esfregando-os entre os dedos do jeito que fazia com a capa do seu caderninho.

Hugo pegou uma pedra da rua e atirou-a numa das janelas, fazendo um barulho alto.

As cortinas se abriram. Uma menina olhou para fora. Hugo pensou por um instante que tinha atingido a janela errada, mas logo a reconheceu.



Era a garota da loja de brinquedos. Hugo esteve a ponto de chamá-la, mas ela pôs um dedo nos lábios e fez sinal para que esperasse. As cortinas se fecharam de novo.

Hugo tiritava de frio. Em poucos minutos a menina apareceu, vinda dos fundos do prédio, e correu até ele.

— Quem é você?

— Seu avô roubou o meu caderno. Preciso pegar de volta antes que ele queime.

— Tio Georges não é meu avô — disse a menina. — E ele não é ladrão. Você é que é.

— Não sou, não!

— Eu vi você.

— Como pode ter visto? O velho te mandou embora antes de eu chegar na loja.

— Então você estava me espiando também. Bom, estamos quites.

Hugo olhou curioso para a menina.

— Me deixe entrar.

— Não posso. Você tem que ir embora.

— Só vou embora depois de pegar o meu caderno.

Hugo apanhou outra pedra para lançar contra a janela, mas a menina agarrou a mão dele e o forçou a soltar a pedra. Ela era um pouco maior que ele.

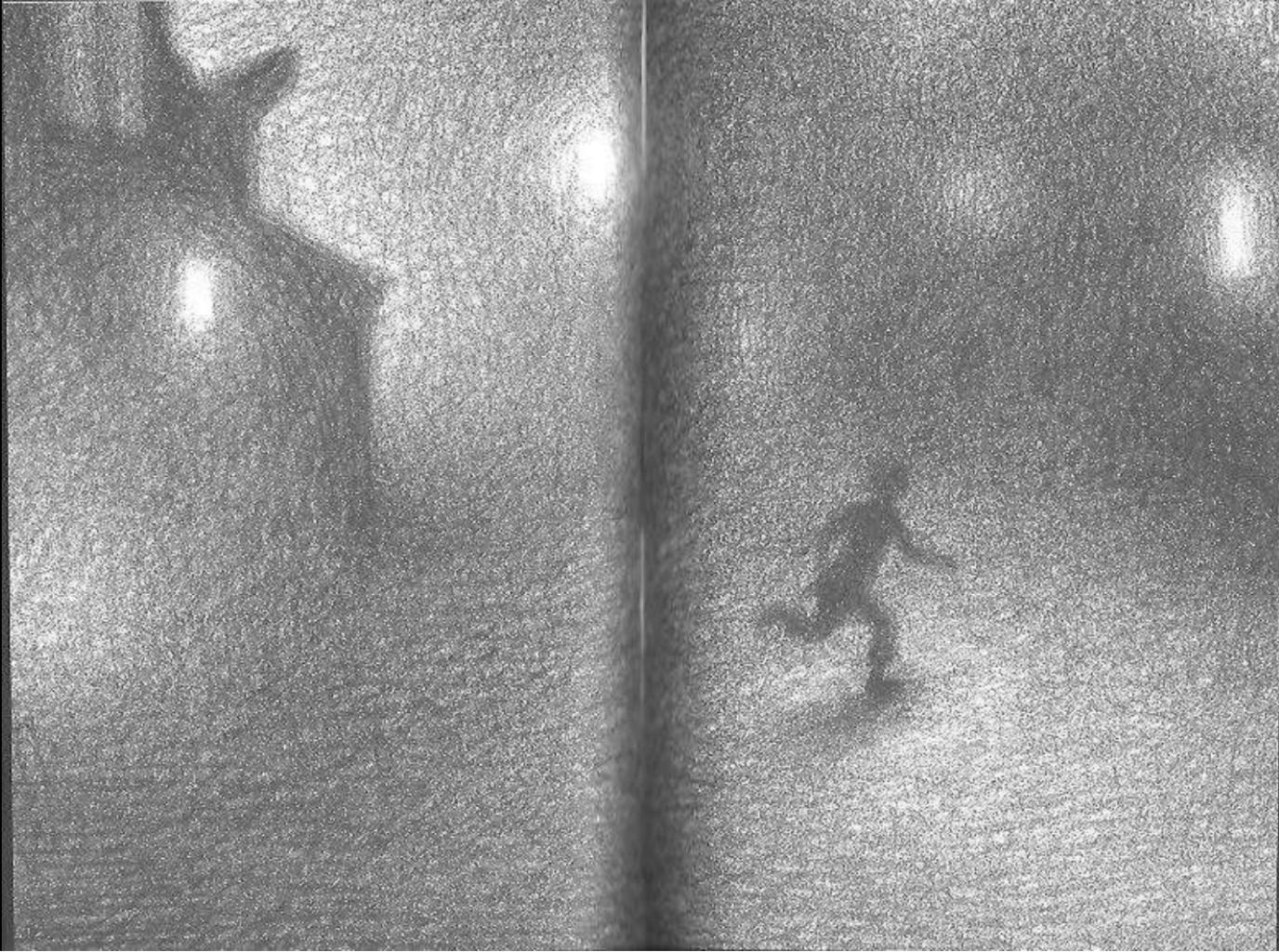
— Ficou maluco? — sussurrou ela. — Não posso ser vista com você aqui fora. Por que você precisa tanto assim daquele caderno?

— Não posso dizer.

Hugo tentou pegar mais uma pedra, mas a menina o derrubou no chão e o segurou ali.

— Escuta, não posso deixar você entrar no prédio, mas prometo vigiar pra que ele não queime o seu caderno. Volte na loja de brinquedos amanhã e peça a ele seu caderno novamente.

Hugo olhou bem dentro dos grandes olhos escuros da menina e percebeu que não tinha escolha. Ela o deixou levantar, e ele correu dentro da neve noturna.





5



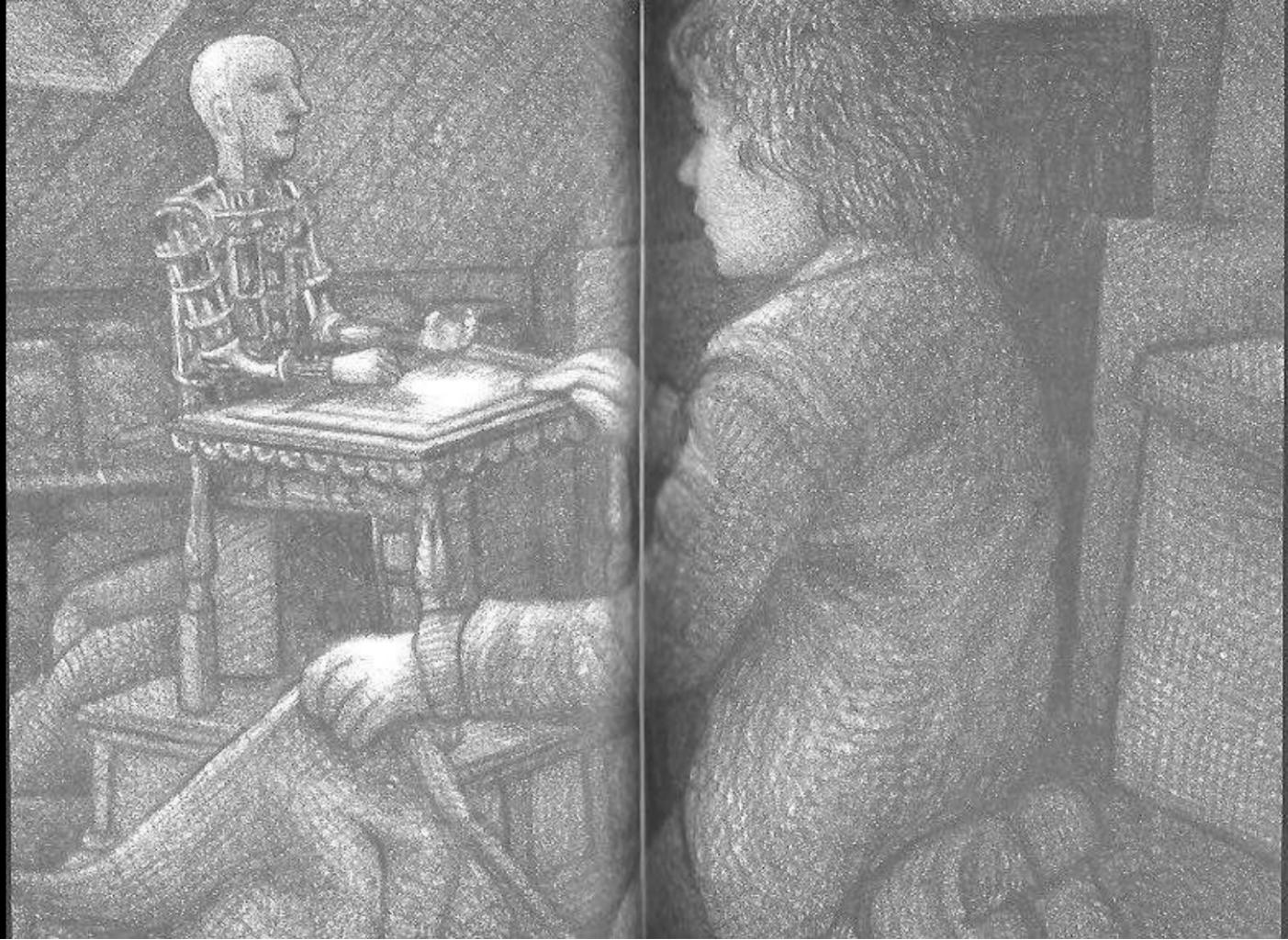
O pai de Hugo

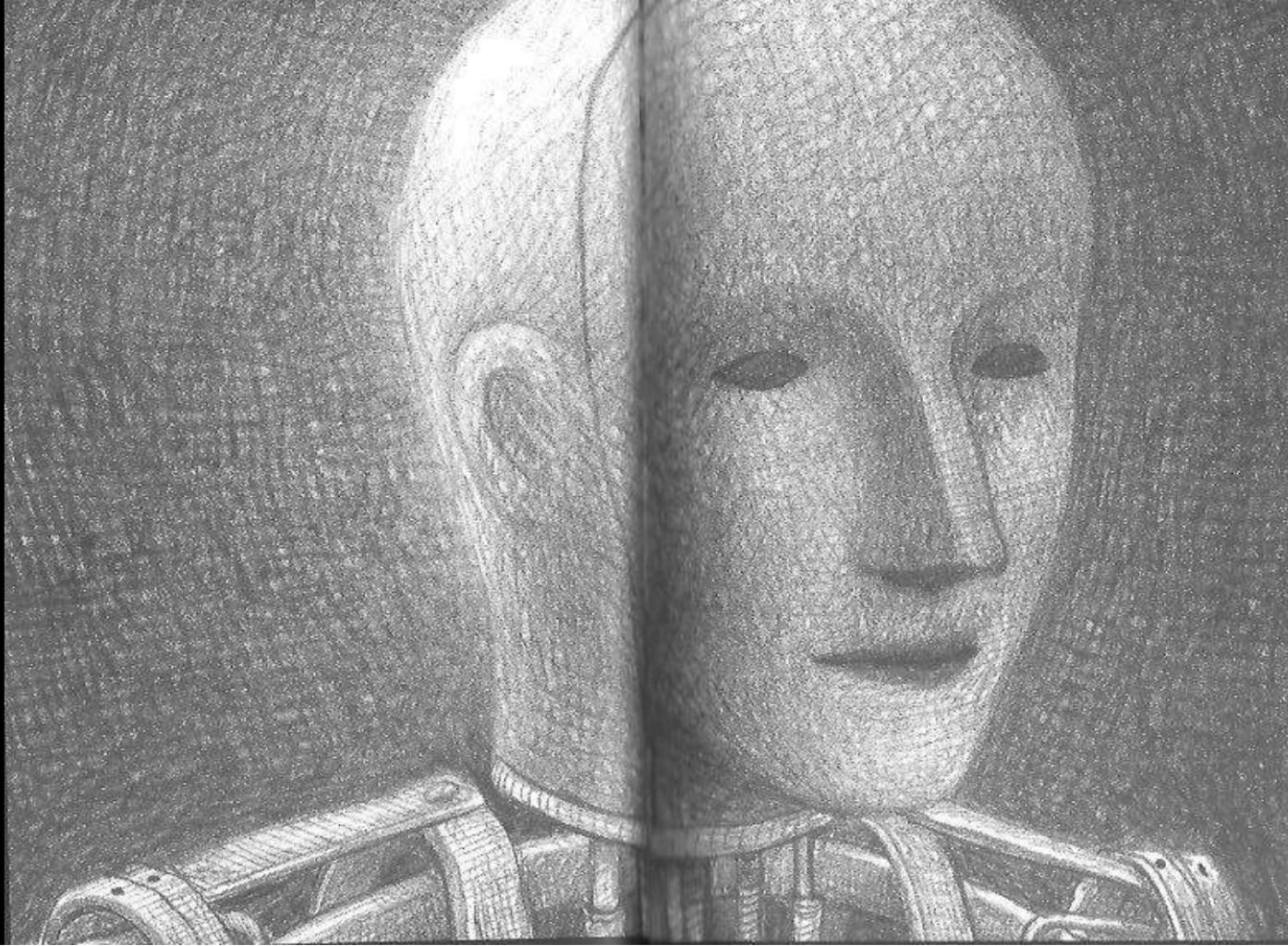
HUGO CORREU ATÉ CHEGAR AO SEU QUARTO SECRETO. Tentou ligar a luz, esquecendo, como de hábito, que a lâmpada do teto estava queimada. Riscou um fósforo, esperou a chama crescer e acendeu algumas velas. O quarto se encheu de um brilho cálido e dourado, e sombras enormes se levantaram contra as paredes.

Instintivamente, os dedos de Hugo se enfiaram no bolso vazio onde ficava o caderno. Sem saber o que

mais fazer, ele caminhou até uma pilha desordenada de caixas no canto do quarto e as empurrou para o lado, revelando um vãº secreto na parede.

Hugo esticou o braço e trouxe de lá um objeto grande, pesado. Desatou as cordas puídas e desembrulhou o pano que o envolvia.





O homem era todo feito de peças de relógio e delicados mecanismos. Desde o exato momento em que seu pai lhe falara daquilo, o homem mecânico se tornara o centro da vida de Hugo.

O pai de Hugo possuía uma relojoaria e trabalhava meio-expediente num velho museu, cuidando dos relógios de lá. Certa noite, chegou em casa mais tarde do que de costume.

— Capitão! — ele dissera a Hugo, que já estava na cama. — Desculpe ter demorado tanto, mas encontrei uma coisa fascinante no museu esta noite... no sótão. Parece que ninguém sabe como foi parar ali. Nem mesmo o velho guarda, mas de todo modo ele não se lembra de quase nada. É a máquina mais bonita e complexa que já vi. É uma pena que o museu não tenha cuidado dela.

— O que é? — perguntou Hugo.

— Um autômato.

— O que é isso?

— Um objeto de corda, como uma caixa de música ou um brinquedo, só que infinitamente mais complexo. Eu já tinha visto alguns outros antes, um pássaro cantando numa gaiola e um acrobata mecânico num trapézio. Mas esse agora é muito mais sofisticado e interessante que os outros.

— Por quê? perguntou Hugo, ansioso.

— Porque esse pode escrever. Pelo menos acho que pode. Ele tem uma pena na mão e está sentado numa escrivaninha. Olhei dentro dele e vi centenas de pecinhas, com dúzias de rodas com encaixes e ranhuras entalhadas. Tenho certeza que, se estivesse funcionando, a gente poderia dar corda, colocar uma folha de papel na mesa e todas aquelas pecinhas entrariam em ação e fariam o braço se mexer e escrever algum tipo de mensagem. Talvez escrevesse um poema ou uma charada. Mas agora ele está quebrado e enferrujado demais para qualquer coisa.

— Quem fez ele? — perguntou Hugo.

— Ninguém no museu sabe, mas todos os outros autômatos que vi tinham sido fabricados por mágicos, para serem usados em seus espetáculos.

— Mágicos? — perguntou Hugo, animado.

— Alguns mágicos começaram como fabricantes de relógio. Usavam seu conhecimento de mecânica para construir esses autômatos e surpreender as plateias. O único propósito das máquinas era encher as pessoas de espanto, e conseguiam. Ninguém na plateia conseguia imaginar como aqueles bonecos misteriosos dançavam, escreviam ou cantavam. Era como se o mágico tivesse criado vida artificial, mas o segredo estava sempre na relojoaria.

— Você é relojoeiro! — exclamou Hugo. — Então você vai poder consertar!

— Não tenho muita certeza disso. Ele está enferujadíssimo, tem peças faltando. E já tenho muitas outras coisas para consertar. Hugo também era muito bom com relógios. O talento corria na veia da família. O pai de

Hugo sempre trazia relógios quebrados para casa e o filho brincava com eles. Já pelos seis anos de idade, Hugo era capaz de consertar quase qualquer coisa. Quando visitava o pai na relojoaria, Hugo o observava atentamente e, logo, quando ficava impaciente, fazia bichinhos mecânicos com as partes e peças descartadas à sua volta. O pai de Hugo, orgulhoso, exibia as criaturas sobre sua mesa de trabalho.

— Posso ver o autômato? — pediu Hugo. — Por favor...

Algumas noites depois, o pai o levou, disfarçadamente, ao sótão do museu. Na luz empoeirada, Hugo viu modelos de barcos quebrados, cabeças de estátuas, letreiros velhos e pilhas de portas arruinadas. Havia jarras de

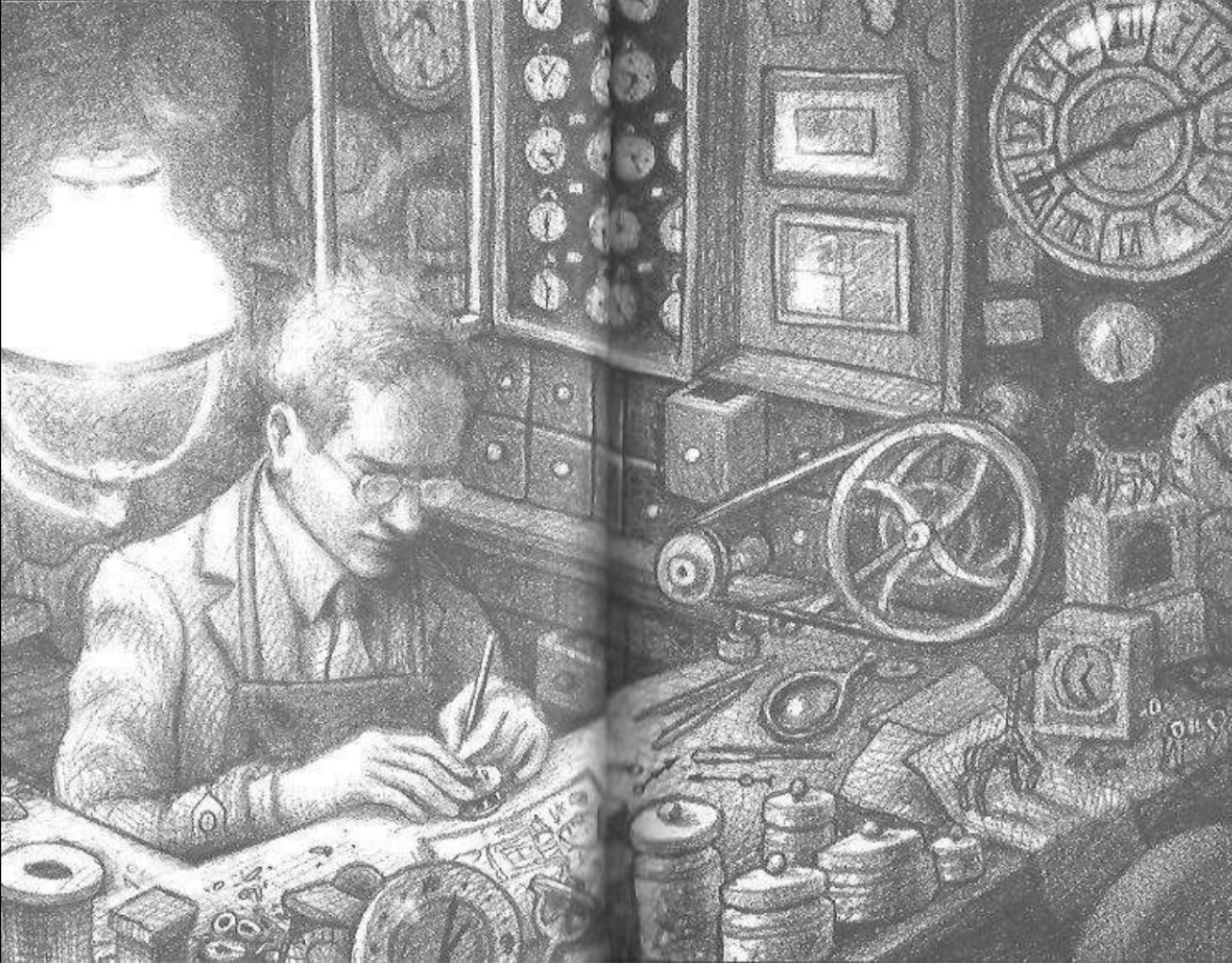
vidro cheias de líquidos estranhos, pássaros e gatos empalhados, imobilizados no meio de um salto, sobre uma placa de madeira.

Por fim, seu pai levantou um lençol branco todo manchado, e lá estava... o homem mecânico. Hugo soube naquele mesmo instante que jamais esqueceria a primeira vez que o viu. A máquina era tão intrincada, tão complicada que quase ficou tonto de olhar para ela. Mesmo em seu triste estado de desmantelado, era linda.

— Você consegue consertar — sussurrou Hugo. — Não quer saber o que ele escreve? Depois a gente dá corda nele e vê o que diz a mensagem.

— Vamos ver se encontro uma brecha no monte de relógios quebrados que tenho pra cuidar na loja e no museu, Hugo — disse o pai.

Mas até mesmo enquanto trabalhava em sua loja o pai de Hugo ficava pensando no autômato.



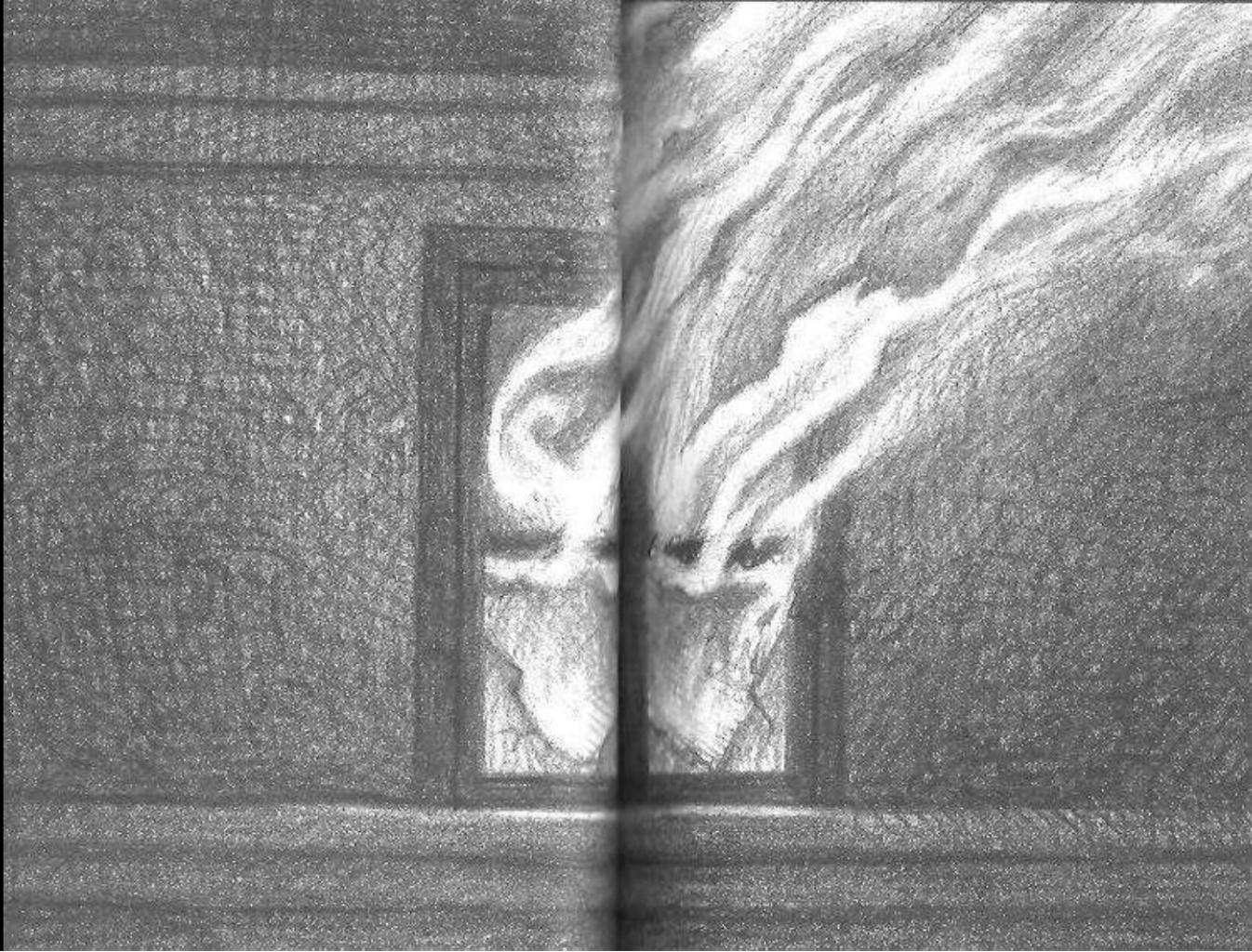
O pai de Hugo não tardou a encher vários cadernos com desenhos do autômato. Ele abriu o autômato e o desmontou cuidadosamente. Fez desenhos detalhados de todas as suas partes, em seguida as limpou e, com paciência, começou a colocá-las de volta. No aniversário de Hugo, seu pai, como era costume, o levou ao cinema e lhe deu de presente um daqueles cadernos.

Enquanto isso, o pai de Hugo ficava cada vez mais obcecado em fazer o autômato funcionar. Levou o filho ao museu algumas vezes e explicou como o mecanismo

operava. Continuavam otimistas quanto a poderem consertá-lo e conversaram muito sobre o que o autômato escreveria quando estivesse funcionando novamente. Hugo e o pai começaram a considerar o autômato como um animal ferido a que eles estavam devolvendo a saúde.

Certa noite, o velho guarda do museu esqueceu que o pai de Hugo estava no sótão e trancou a porta, deixando-o preso lá dentro.

Hugo não tinha como imaginar o que aconteceria depois.



Ninguém sabe corno o fogo começou, mas em poucos minutos ele tinha se alastrado por todo o edificio.

Hugo ficou a noite toda acordado, esperando que o pai voltasse para casa. Ele nunca havia demorado tanto. Mas quando a porta finalmente se abriu de manhã, não era seu pai.

Era o tio Claude.

— Junte logo todas as suas coisas, sobrinho — disse tio Claude, com um bafo de álcool, como sempre. Tirou seus pequenos óculos de metal com uma das mãos e enxugou os olhos avermelhados com a outra. — Seu pai morreu e, como seu único parente vivo sou eu, vou cuidar de você.

Hugo, que tinha passado toda a noite em claro, custou a entender o que o tio estava dizendo. Lembrava-se de ter ouvido o sangue pulsar em seus ouvidos, com o ritmo de um relógio. Em transe, guardou as roupas numa maleta, embalou alguns de seus brinquedos junto com um baralho. Enfiou no bolso o caderno do pai.

Enquanto caminhavam pelas ruas geladas da cidade, o tio lhe falou do incêndio e da porta trancada. Hugo quis desabar, deixar-se cair sobre a calçada e sumir. Era tudo culpa sua! Ele tinha insistido para que o pai consertasse a máquina e, agora, por sua causa, seu pai estava morto.

— Você vai ser meu aprendiz — ouviu vagamente o tio dizer enquanto andavam. — Vai morar na estação comigo, e eu vou lhe ensinar a cuidar dos relógios. "Aprendiz cronometrista." É um belo título para um menino. De todo jeito, estou ficando velho demais para escalar as paredes.

Um milhão de perguntas flutuavam numa neblina dentro da mente de Hugo, mas a única que ele deixou finalmente escapar foi:

— E a escola?

A mão de Hugo ainda envolvia o caderno dentro do bolso e, sem perceber, ele começou a esfregar a capa com o dedo indicador.

O tio riu:

— Ah, sobrinho, que sorte você tem! A escola já era. Não vai ter tempo pra isso quando você estiver nas paredes da estação. Pode me agradecer.

Tio Claude deu um tapa nas costas de Hugo e disse:

— Você vem de uma longa linhagem dedicada à horologia. Seu pai ficaria orgulhoso. Agora, vamos depressa.

Tio Claude limpou a garganta. Levou a mão ao bolso e de lá trouxe um frasco prateado fosco e tomou um gole. A palavra horologia estava pintada na porta da loja do pai de Hugo. Ele sabia que significava "arte de fabricar relógios" e sempre tinha imaginado que seria um relojoeiro como o pai. Mas depois da descoberta do autômato,

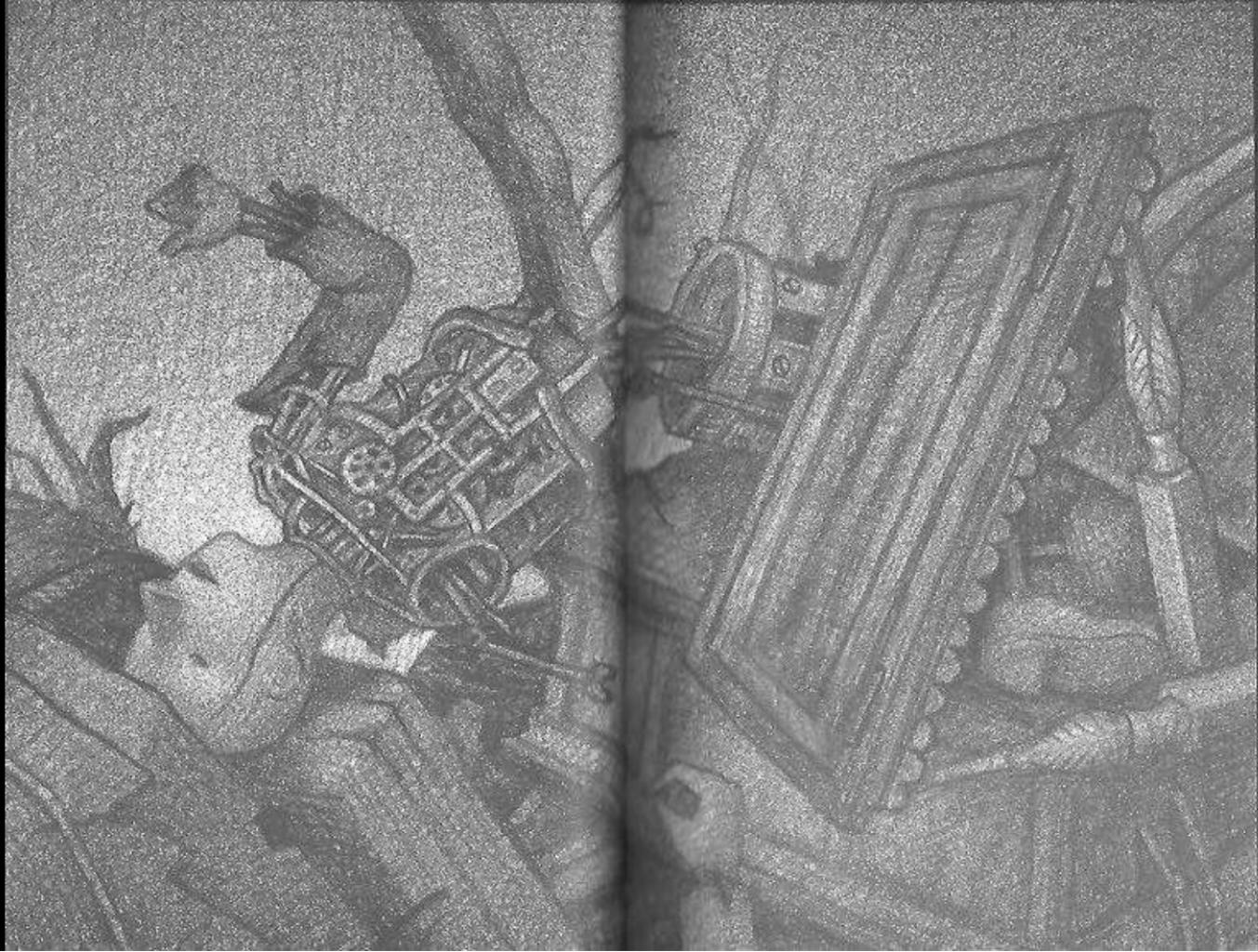
Hugo começava a ter outras ideias. Queria se tornar um mágico. O garoto teve vontade de fugir em disparada, mas, naquele momento, como se lesse sua mente, tio Claude agarrou-o pela nuca e não o soltou até chegarem à estação ferroviária.

E assim Hugo começou a cuidar dos relógios o dia todo, no escuro. Ele frequentemente imaginava que sua própria cabeça era repleta de engrenagens, como uma máquina, e sentia uma conexão com qualquer mecanismo em que tocasse. Adorou aprender como funcionavam os relógios da estação, e sentia um prazer especial em saber como escalar as paredes e consertar em segredo os relógios, sem que ninguém o visse. Mas quase nunca tinha o que comer, e tio Claude gritava com ele, dava-lhe cascudos quando cometia algum erro e o obrigava a dormir no chão.

Tio Claude ensinou Hugo a roubar, coisa que ele odiava mais que tudo, mas às vezes era a única maneira de conseguir algo para comer. Quase toda noite, Hugo chorava em silêncio até dormir, e sonhava com relógios quebrados e incêndios.

Logo o tio começou a sumir por horas seguidas, deixando Hugo sozinho para cuidar dos relógios, duas vezes por dia. Às vezes o tio só retornava muito tarde da noite, até que um dia simplesmente não voltou.

Hugo temia que seu tio o trouxesse de volta caso fugisse, mas, finalmente, na terceira noite depois do sumiço do tio, ele decidiu escapar. Embalou suas coisas e saiu correndo da estação. Estava faminto e cansado e não tinha a menor ideia de para onde ir. Atravessou as estreitas ruas da cidade, girando às cegas, com medo de congelar até morrer antes de encontrar abrigo. Olhava para os próprios pés enquanto caminhava porque o vento era cortante, até que, por puro acaso, Hugo se viu diante das ruínas do museu incendiado. Tudo o que sobrara do edifício era uma irregular parede de tijolos com nada por trás das janelas além do céu escuro. A polícia tinha colocado barreiras, mas ninguém tinha começado a limpar o local. Na frente havia uma enorme pilha de metal retorcido, tábuas empenadas e tijolos esmagados. De repente, no meio dos destroços, alguma coisa atraiu o olhar de Hugo.



Lá estava aquilo, como uma acusação, relembrando a Hugo que tudo em sua vida tinha sido destruído. Ele se sentou e fitou a coisa.

Passou-se um longo tempo.

Cães latiam ao longe, e o ronco dos carros de lixo perfurava a quietude da noite. Para onde é que Hugo iria? O que poderia fazer? Ele não tinha ninguém. Até o autômato estava morto.

Apanhou seus poucos pertences e saiu andando. Mas não parava de olhar para trás, para a máquina arruinada e, por alguma razão, não conseguiu deixá-la ali. Depois de todo o esforço de seu pai, o autômato pertencia a ele. Hugo inspirou profundamente, voltou e tirou o pó do escombro carbonizado. O autômato era pesado e tinha muitas partes, mas o menino recolheu tudo e, não tendo aonde ir, retornou à temida estação.

Foi uma difícil viagem de volta, com o peso de suas coisas a tiracolo e os restos enegrecidos e retorcidos do autômato oprimindo seus braços e costas. Ele nem sequer imaginava o que faria com aquela coisa depois que a levasse para o quarto.

Como já era tarde da noite, conseguiu enfiar aquilo numa das entradas de ventilação sem que ninguém o visse. Precisou de várias idas e vindas através das paredes para levar tudo aquilo até o quarto. Quando terminou,

tinha as mãos muito arranhadas; os braços e as costas doíam muito. Hugo depositou todas as peças no assoalho e lavou as mãos na bacia ao lado da cama, que ele encheu com a água da torneira desregulada de sua minúscula cozinha. Contemplou as peças de metal disforme e achou ótimo seu tio ainda estar ausente.

— Conserte.

Hugo se arrepiou. Podia jurar ter escutado uma voz murmurando em seu ouvido. Procurou pelo tio, mas o quarto estava vazio. Hugo não sabia se tinha sido seu próprio pensamento ou algum fantasma, mas tinha ouvido claramente.

— Conserte.

Olhando para o autômato, Hugo achou que não poderia consertá-lo. Estava ainda pior do que antes. Mas ele tinha o caderno do pai. Talvez pudesse usar os desenhos como um guia para reconstruir as partes que faltavam.

Cada vez mais, Hugo foi sentindo que precisava tentar. Se consertasse aquilo, pelo menos não ficaria tão só.

Hugo sabia que seria perigoso ficar na estação ferroviária. Seu tio poderia retornar e, nesse meio tempo, se o inspetor da estação soubesse que ele estava sozinho, Hugo tinha certeza de que seria trancado na pequena cela do gabinete e em seguida mandado para algum

orfanato. Com isso, o autômato provavelmente seria jogado fora e destruído.

Hugo logo percebeu que devia fazer tudo parecer como se seu tio ainda estivesse por lá. Manteria os relógios em marcha com a máxima precisão, e recolheria os cheques--salário do tio no gabinete quando ninguém estivesse olhando (embora não soubesse como descontá-los). Principalmente, Hugo faria de tudo para permanecer invisível.

Três meses tinham se passado desde então. Hugo correu os dedos pelo braço do autômato e fitou seu rosto. Havia estudado atentamente os desenhos no caderno do pai e feito grandes progressos. Pintara de novo o rosto do autômato, que ficou com uma expressão muito estranha. Parecia a do próprio pai de Hugo, do jeito que ficava quando estava pensando em três coisas ao mesmo tempo. A mão de madeira recém-polida estava agora posta sobre a escrivaninha, corno antes, esperando que Hugo lhe fizesse uma pena nova.

Hugo continuava a pensar na mensagem que ela cedo ou tarde escreveria. E quanto mais trabalhava no autômato, mais passava a acreditar numa coisa que sabia ser completamente maluca: estava certo de que a mensagem responderia a todas as suas indagações e lhe diria o que fazer, agora que estava sozinho. A mensagem salvaria sua vida.

Toda vez que pensava na mensagem, imaginava-a com a letra de seu pai. Podia ser que, enquanto trabalhava no autômato no sótão do museu, seu pai tivesse mudado as pecinhas mecânicas o bastante para que escrevessem uma nova mensagem, uma mensagem destinada apenas a Hugo. Era possível, afinal de contas.

Agora só precisava recuperar o caderno que estava com o velho para poder terminar seu trabalho e ler a mensagem deixada pelo pai.



6



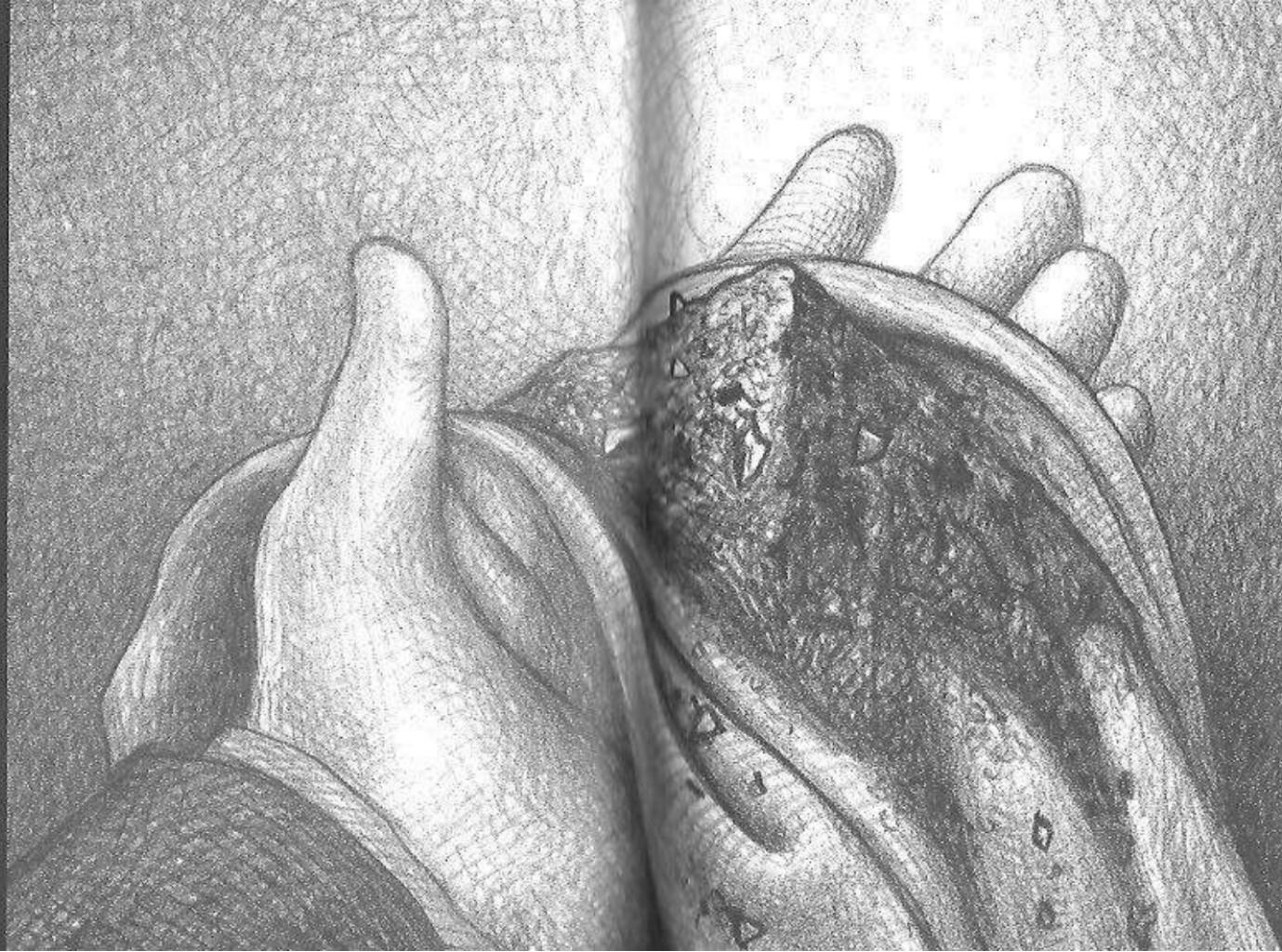
Cinzas

NO DIA SEGUINTE, AO ROMPER DA AURORA, o velho estava abrindo a loja de brinquedos quando Hugo se aproximou.

— Imaginei que ia te ver hoje — disse o velho ao se virar para Hugo.

Enfiou a mão no bolso, retirou um lenço amarrado e ficou segurando-o. Os olhos de Hugo se arregalaram, esperançosos. Mas assim que pegou no lenço, compreendeu o que lhe fora dado.

Um nó se formou em sua garganta, e lágrimas começaram a brotar de seus olhos enquanto desfazia o laço.



Hugo tocou as cinzas e logo as deixou cair no chão com o lenço. Cambaleou para trás. Todos os seus planos, todos os seus sonhos desapareciam naquele montinho de cinza espalhada. Hugo investiu contra o velho, mas este foi mais rápido e o agarrou pelos braços.

Por que todo esse apego a um caderninho? — perguntou o velho enquanto sacudia Hugo. — Por que você não me diz?

Hugo estava soluçando. Ao tentar se livrar do velho, notou uma coisa esquisita. O velho parecia ter lágrimas nos olhos também. Por que diabos ele estaria chorando?

— Vá embora — murmurou o velho, soltando Hugo. — Por favor, apenas vá embora. Acabou.

Hugo enxugou os olhos com as mãos sujas de cinza, deixando longas manchas negras no rosto. Virou-se e correu o mais depressa que pôde.

Hugo estava exausto, mas precisava conferir os relógios de novo. Por um momento, pensou em desistir. Jamais conseguiria ler a mensagem do autômato agora, então bem que podia se entregar ao inspetor da estação e ser mandado para o orfanato. Lá, pelo menos, não precisaria roubar comida e se preocupar com o atraso dos relógios. Mas a ideia de perder o homem mecânico era

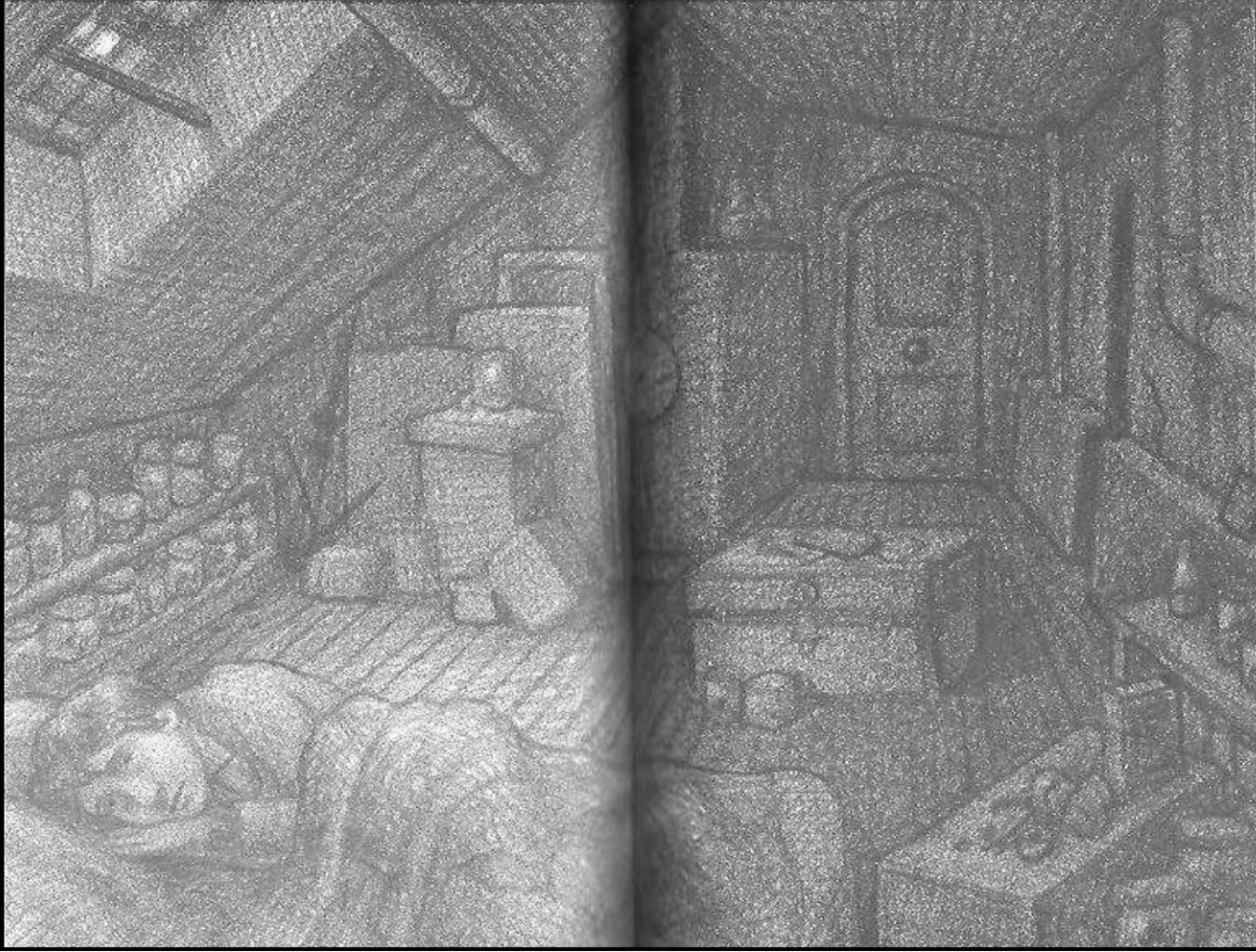
difícil de suportar. Sentia-se responsável por ele. Mesmo que não funcionasse, ficando na estação, ele o teria por perto.

O garoto se pôs a trabalhar nos relógios. No entanto, por mais que tentasse se distrair, continuava a ver o lenço cheio de cinzas. Tinha ódio do velho e jamais perdoaria a menina por ter mentido.

No final do dia, Hugo colocou sua caixa de ferramentas no chão e se sentou junto do relógio que estava conferindo. Colocou o relógio de bolso na caixa, trouxe os joelhos para debaixo do queixo e segurou a cabeça com as mãos.

O ritmo regular do relógio fez Hugo adormecer, mas ele sonhou com incêndios e acordou sobressaltado.

Frustrado, triste, e tendo terminado com os relógios, ele finalmente voltou para o quarto e tentou dormir. Mas sua mente não parava de rodopiar e, por isso, apanhou uma folha de papel e um lápis numa das caixas perto da cama. Sentou-se no chão e fez desenhos de relógios e engrenagens, de máquinas imaginárias e mágicos no palco. Desenhou o autômato muitas e muitas vezes. Depois colocou os desenhos debaixo da cama, sobre a grande pilha de outros desenhos que tinha feito, e foi se deitar, todo vestido.



Veio a manhã. Como sempre, os relógios estavam à espera.

Depois de ter concluído sua ronda, Hugo lavou o rosto e as mãos na bacia. Tinha sede e desejava uma xícara de café quente. Era impossível roubar café, já que alguém tinha que servi-lo, por isso ele vasculhou seus vidros e encontrou algumas moedas.

Hugo comprou o café e se sentou por um instante numa das mesas desocupadas da cafeteria. Preferia pagar pelo que pudesse com as moedas que encontrava toda semana, e tentava não roubar nada que julgasse necessário às pessoas. Pegava roupas no depósito de achados e perdidos, e revirava a lixeira em busca de pão amanhecido. Às vezes se permitia roubar garrafas de leite ou pães frescos quando eram deixados do lado de fora da cafeteria de manhã cedo, como seu tio lhe ensinara. Os brinquedos, evidentemente, tinham sido uma clara exceção àquela regra.

O café estava quente. Enquanto esperava que ele esfriasse, Hugo olhou para a cavernosa estação que o rodeava e viu toda aquela gente apressada, dirigindo-se a milhares de destinos diferentes. Quando via as pessoas do

alto, sempre achava os passageiros semelhantes a engrenagens de uma máquina intrincada, labiríntica. Mas de perto, em meio ao tumulto e ao corre-corre, tudo parecia simplesmente barulhento e caótico.

Quando Hugo voltou a pegar sua xícara, notou que tinha aparecido um pedaço de papel dobrado sobre a mesa. Olhou em volta, mas não havia ninguém perto o bastante para ter deixado aquilo ali. Devagar, ele desdobrou o papel.

Estava escrito: Me encontre na livraria do outro lado da estação.

Nada mais.

Mas então Hugo virou o papel. Tinha mais uma frase:
Seu caderno não foi queimado.



7



Segredos

HUGO NUNCA TINHA ENTRADO na livraria antes, mas é claro que sabia perfeitamente onde ela ficava. Conhecia cada centímetro da estação. Do lado oposto ao da cafeteria, não longe da grande sala de espera, havia duas mesas cobertas de livros, ladeando uma porta onde se lia: R. LABISSE — LIVRARIA — NOVOS E USADOS.

Uma sineta tilintou quando Hugo pisou dentro da loja. Estava esfregando os botões da jaqueta e um deles saiu em sua mão. Enfiou-o no bolso, onde continuou a esfregá-lo. Seu coração latejava.

O lugar cheirava a papel velho, poeira e canela. Aqui-lo fez Hugo se lembrar da escola, e uma rápida cena de sua antiga vida brilhou alegremente em sua memória. Seus melhores amigos, Antoine e Louis, tinham cabelos escuros e gostavam de fingir que eram irmãos. Fazia tem-po que Hugo não pensava neles. O mais alto dos dois, Antoine, costumava chamar Hugo de "Tique-taque" porque sempre tinha peças de relógio nos bolsos. Será que ainda fingiam ser irmãos? Sentiriam falta dele?

Hugo também se lembrou de que às vezes, de noite, seu pai lia para ele incríveis histórias de aventura de Júlio Verte e contos de fadas de Hans Christian Andersen, que eram os seus favoritos. Hugo sentia falta de que lessem para ele.

Um funcionário estava sentado a uma mesa, entre duas grandes pilhas de encyclopédias. Hugo olhou em volta. De início, não viu ninguém mais na loja, mas de repente, como uma sereia emergindo de um mar de papel, a menina apareceu. Ela fechou o livro que estava lendo e fez sinal para que Hugo se aproximasse.



— Tio Georges ainda está com o seu caderno.

— Como posso saber se você não está mentindo? Já mentiu antes.

— Não menti.

— Ele está te pregando uma peça. Por que você está me contando isso? Por que quer me ajudar?

A menina pensou um instante.

— Quero ver o que tem no seu caderno.

— Não pode. É um segredo — disse Hugo.

— Ótimo. Adoro segredos.

Hugo achou que era uma menina muito esquisita. Ela se dirigiu ao funcionário sentado no fundo da loja:

— Senhor Labisse, estou levando o livro sobre fotografia. Em breve trago ele de volta.

— Sim, sim, certo, certo — disse ele, distraidamente, enquanto ela saía da livraria sem olhar para Hugo.

Uma parte de Hugo não acreditava na menina. Talvez ela estivesse lhe pregando uma peça. Mas como não tinha nada a perder, caminhou de volta à loja de brinquedos e esperou até que o velho terminasse de atender os fregueses. As engrenagens dentro de sua cabeça rodopiavam, descontroladas.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou o velho.

Hugo tornou um longo fôlego.

— Não acredito que o senhor tenha queimado o caderno.

— Não acredita?

O velho pareceu surpreso. Pensou naquilo por alguns instantes e disse:

— Bem, estou pouco ligando. Talvez você tenha razão, talvez aquelas não fossem as cinzas do seu caderno, mas você nunca vai descobrir ao certo, não é?

Hugo entrou um pouco mais na loja.

O velho arrumou com calma os brinquedos sobre o balcão e disse ao menino:

— Você não devia ter voltado aqui, Hugo Cabret. Basta, vá embora.

Hugo foi. Mais tarde, porém, sozinho em seu quarto, e enquanto se esgueirava pelas paredes ajustando os relógios, o menino pensou no autômato. Convenceu-se de que era preciso continuar tentando. Voltou à loja de brinquedos no dia seguinte, e no dia seguinte ao seguinte. À noite, novos desenhos se acumulavam embaixo da cama.

Finalmente, no terceiro dia, o velho se aproximou dele com uma vassoura na mão. Hugo se assustou, achando que o velho ia lhe bater. Mas, em vez disso, estendeu o cabo na direção de Hugo e disse:

— Seja útil.

Hugo pegou a vassoura e começou a varrer o chão em torno da loja.

O velho observava atentamente.

Quando Hugo terminou de varrer, devolveu a vas-soura ao velho.

— Agora me dê o caderno.

O velho tossiu e levou a mão ao bolso. Tirou de lá uns trocados.

— Vá me comprar um *croissant* e um café, a menos que queira roubar minhas moedas também.

Hugo agarrou alegremente os trocados e voltou depressa, com dois *croissants* e dois cafés. Comeram e beberam em silêncio.

Quando terminaram, o velho se levantou do banco onde estavam sentados, foi atrás do balcão e pegou os pedaços do ratinho azul de corda que Hugo tinha pisado quando foi pego roubando da loja. O velho pôs os des-troços sobre o balcão e disse:

— Conserte.

Hugo apenas fitou o velho.

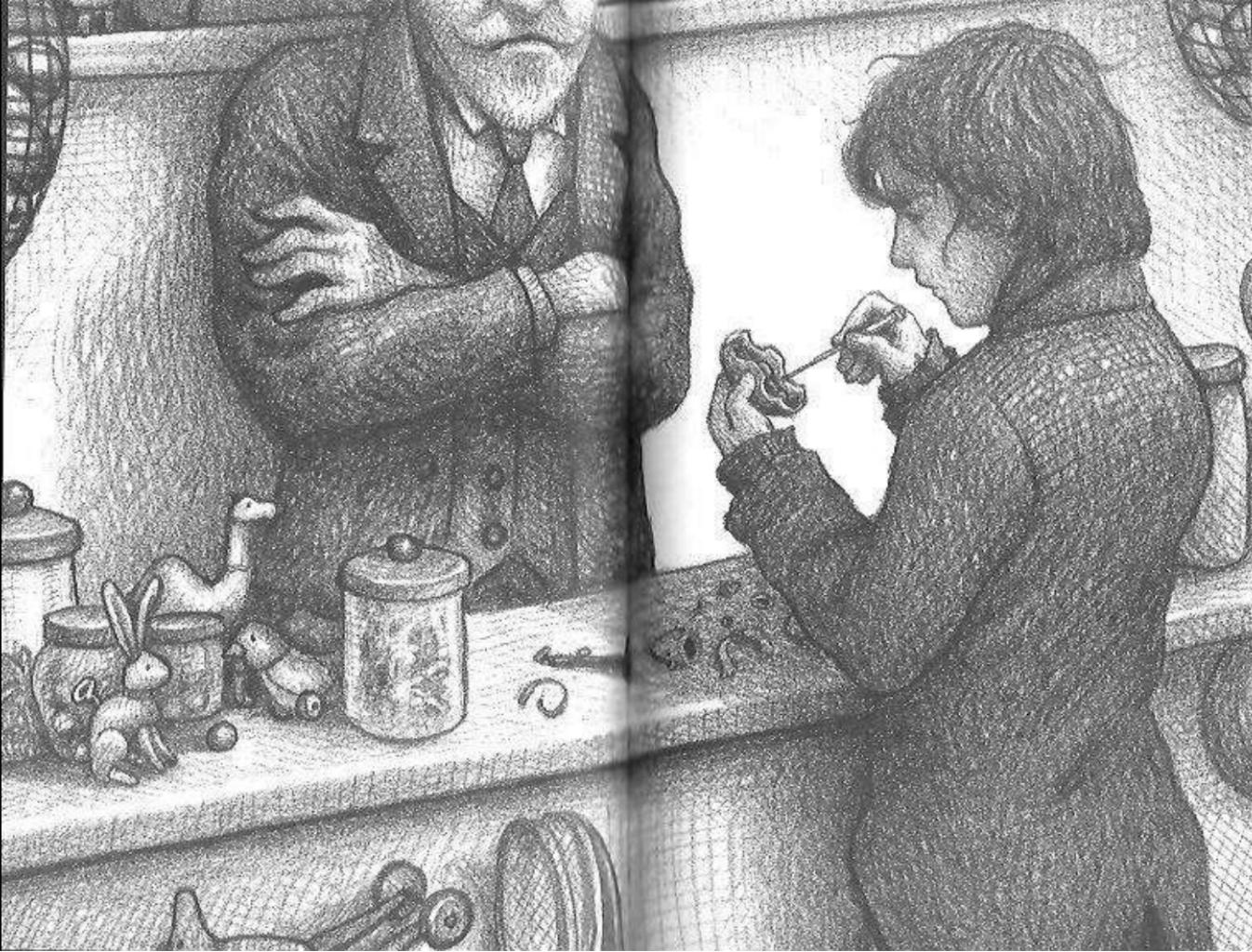
— Eu disse: conserte! — repetiu o velho.

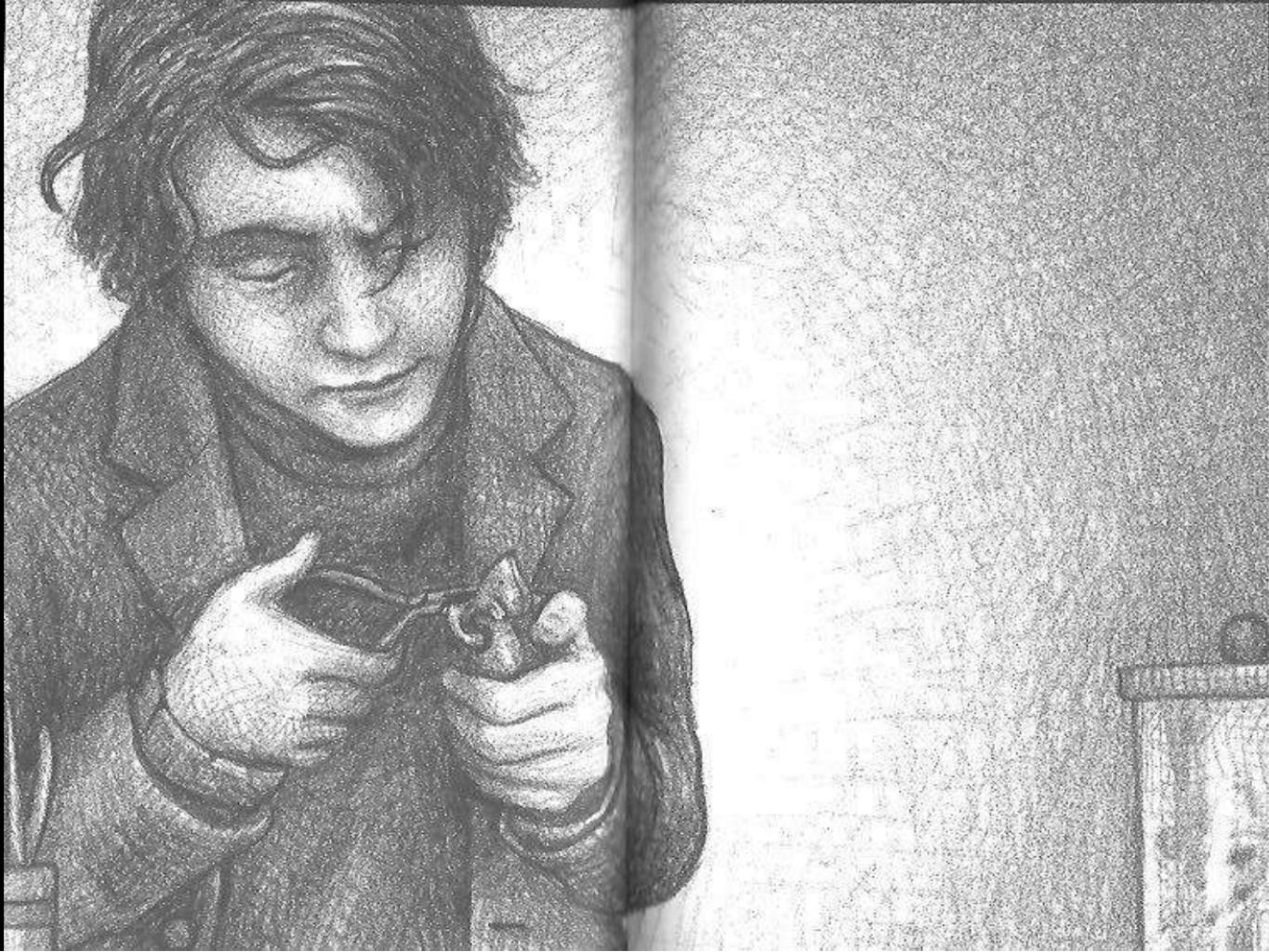
— Preciso das minhas ferramentas — disse Hugo.

O velho apanhou um pequeno estojo contendo minúsculas chaves de fenda, alicates, fios e um martelinho.

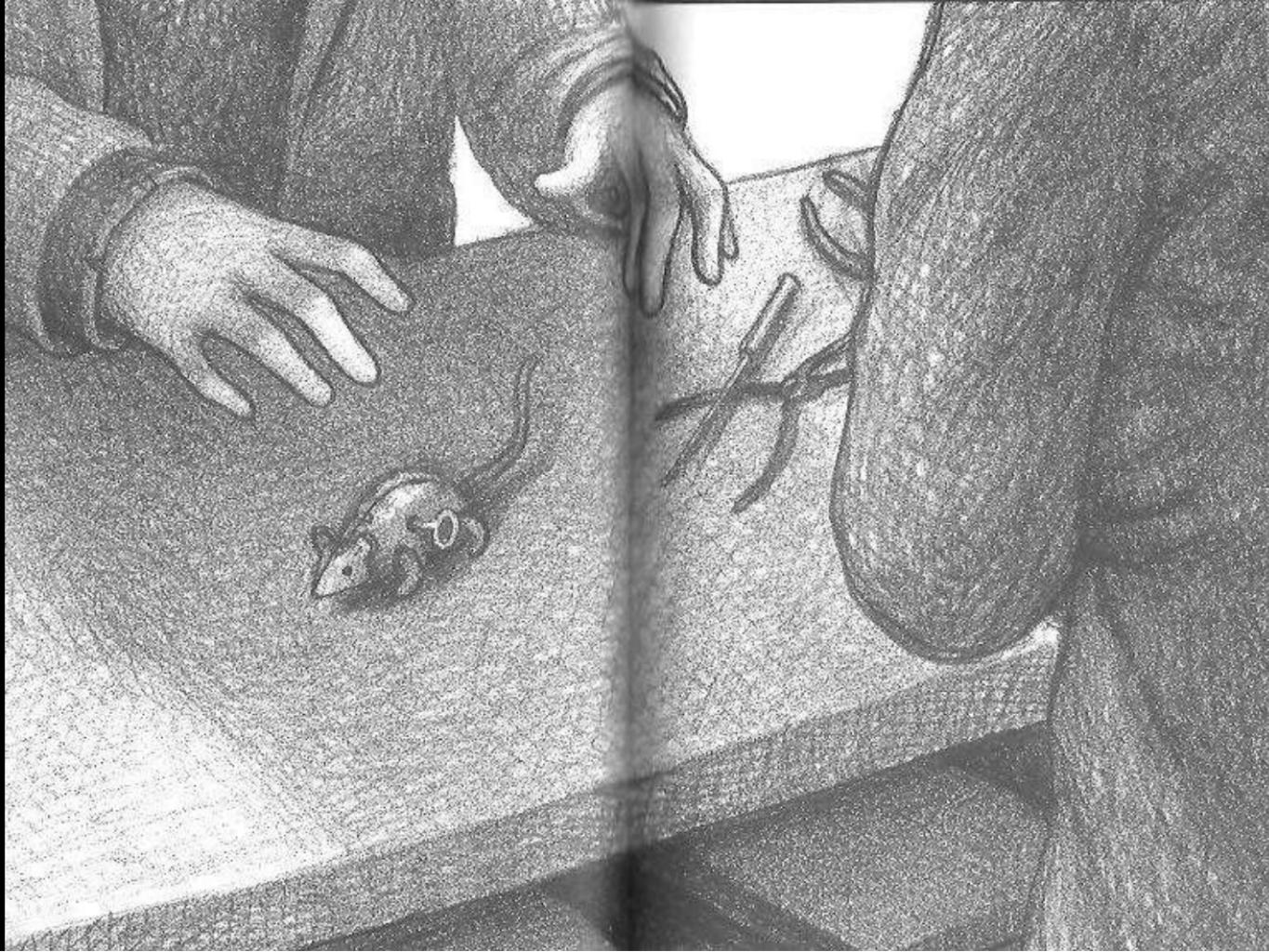
— Use essas.

Hugo hesitou por um instante, mas logo se pôs a trabalhar.









O ratinho deslizou ruidosamente pelo balcão.

— Então eu estava certo a seu respeito — disse o velho. — Você tem algum talento. Agora, pode me dizer por que veio até mim? Vai me contar sobre os desenhos do seu caderno?

— Me devolva ele primeiro disse o menino.

O velho bufou.

— Se eu não tiver queimado o seu caderno, só tem um jeito de começar a pensar em devolvê-lo. Crianças como você não valem os trapos que vestem; mas a maioria teria sumido completamente depois de ser apanhada. E a maioria das crianças como você não é tão boa em mecânica. Talvez você prove ser alguma coisa mais além de um ladrão. Quem sabe você mereça reaver o seu caderno. Mas, lembre-se: você está pondo em jogo o seu tempo, porque pode ser que você trabalhe para mim durante meses e meses só para descobrir que eu estava enganado a respeito do caderno. Há uma chance dele já ter virado cinzas. Esse é o risco que você corre. Você virá até a loja todos os dias. Eu decidirei quanto você terá que trabalhar para compensar cada objeto que roubou, e caberá a mim decidir quando terá merecido reaver o seu caderno, se é que ele ainda existe. Está entendendo?

— Já tenho um emprego — disse Hugo.

O velho riu.

— Roubar não é um emprego, garotinho.

— Eu tenho outro emprego, mas virei aqui quando puder.

— Venha amanhã — disse o velho, e Hugo saiu depressa pelo corredor vazio, tomando cuidado para não bater o solado dos sapatos no chão de pedra.

Não era o plano perfeito, mas, para Hugo, era ao menos um começo.



8



Baralho

DEPOIS DE FAZER SUA RONDA MATINAL pelos relógios, Hugo se apresentou na loja de brinquedos no dia seguinte, pronto para trabalhar. Podia sentir as rodas e engrenagens de sua cabeça rodopiando em todas as direções. Ora ficava esperançoso quanto a recuperar o caderno, ora furioso e magoado. Mas fez seu trabalho. Varreu o chão e organizou as caixinhas atrás do balcão. Desembalaçou os arames dos passarinhos móveis e repintou os brinquedos desbotados. Consertou as criaturas mecânicas que tinham parado de funcionar.

Hugo se viu rodeado de mais peças mecânicas do que jamais poderia ter imaginado. Para onde quer que olhasse, havia baldes com pontas de metal soltas, motores minúsculos, rodas dentadas, molas, porcas, parafusos e folhas de estanho de cores brilhantes. Hugo sabia que não devia roubar mais nada, mas ver todas aquelas peças era uma enorme tentação. Se tivesse seu caderno de volta, iria precisar de mais peças.

Esfregou os botões da jaqueta e, muito ágil, pôs no bolso os pequenos mecanismos que desejava.

Enquanto Hugo trabalhava, o velho jogava cartas. O pai de Hugo lhe ensinara a jogar paciência e costumava divertir o filho com alguns truques de baralho. Hugo não tinha pensado naquilo por muito tempo. Enquanto observava o velho jogar, viu coisas que o cativaram. Ele não misturava o baralho, simplesmente, mas abria-o em leque, estalava-o e as cartas saltavam, formando uma ponte arqueada. Depois, atirava-as em rápida sucessão de uma mão para a outra. Ele conseguia cortar o baralho com uma das mãos e fazer um segundo leque de cartas aparecer atrás do primeiro. Fez até uma carta flutuar sozinha e depois cair dentro do maço novamente. Como é que um velho tão cruel conseguia fazer coisas tão incríveis?

Na segunda vez que veio trabalhar, o menino trouxe

seu próprio baralho. Quando estava prestes a terminar suas tarefas, se atreveu a chegar bem perto do velho e pôs o baralho sobre o balcão.

— Me mostre como o senhor faz isso com as cartas.

— Como eu faço o quê? Jogar paciência?

— Como faz pra abrir as cartas em leque e fazer elas flutuarem desse jeito.

— Eu estava fazendo isso? — perguntou o velho. — Nem estava prestando atenção. Agora vá trabalhar antes que eu perca a paciência.

Hugo não se mexeu.

O velho hesitou. Olhou de soslaio para o menino, depois recolheu suas cartas e novamente fez um leque com elas. O baralho dançou, subiu e flutuou.

Hugo ficou imóvel, contemplando deliciado, até que a voz do velho o tirou do transe.

— Chega. Vá trabalhar.

Mas pelo resto do dia, Hugo lançou olhadas furtivas para o velho, que continuou a fazer coisas incríveis com as cartas. Algumas vezes seus olhares se cruzavam, e Hugo tinha a nítida impressão de que o velho queria que ele o visse brincar com as cartas, como se estivesse se exibindo para ele.

Por fim, o velho caiu no sono de novo e Hugo sentiu um tapinha no ombro. Virou-se e viu a menina com um

livro vermelho brilhante debaixo do braço. Ela pôs um dedo nos lábios.

— Me encontre na livraria em dez minutos sussurrou ela.
— Tio Georges não me quer por aqui.

E logo ela deslizou por entre bancos e colunas e desapareceu no corredor.

— Comecei a procurar o seu caderno disse a menina quando Hugo apareceu.

— É melhor não olhar o que está escrito.
— Se eu encontrar, quero poder pelo menos olhar pra ele.
— Então não procure Hugo — a fitou.
— Estou tentando te ajudar. Por que você está sendo tão cruel?

Hugo piscou. Ele nunca antes tinha pensado em si mesmo como alguém cruel. O velho era cruel, ele não.

Hugo não tinha escolha... tinha que guardar segredo, mas não conseguia explicar aquilo à menina.

Ela estava ali parada, com as mãos nos quadris, olhando-o com uma expressão que ele não conseguia definir. Ela parecia muito adulta, como se estivesse decepcionada com ele, e por um breve instante, inesperadamente, ele perdeu toda a coragem. Hugo desviou o olhar dela e enfiou as mãos nos bolsos.

— Só me prometa que não vai abrir o caderno — disse ele.

— Tudo bem.

Ela parecia estar com raiva, mas logo acrescentou:

— Se ele cair aberto e eu tiver que pegar ele no chão, não vou fechar os olhos.

Foi quando a sineta sobre a porta tilintou e um rapaz entrou na loja.



— Etienne! — exclamou a menina.

— Olá, Isabelle — disse o rapaz.

Então o nome dela era Isabelle, pensou Hugo.

— Faz tempo que não te vejo. Como vão as coisas na loja de brinquedos?

— Tudo bem — disse Isabelle. Ela apontou na direção de Hugo e disse: — Esse é o meu amigo... hmm...

— Hugo.

Etienne sorriu e apertou a mão de Hugo.

— Etienne trabalha no cinema perto de casa. Ele me deixa entrar escondida porque tio Georges não quer que eu veja nenhum filme.

— Eu sempre tenho pena das pessoas que gostam de cinema e não podem ir. Não posso evitar. Você gosta de cinema Hugo?

— Meu pai sempre me levava no cinema no dia do meu aniversário — respondeu.

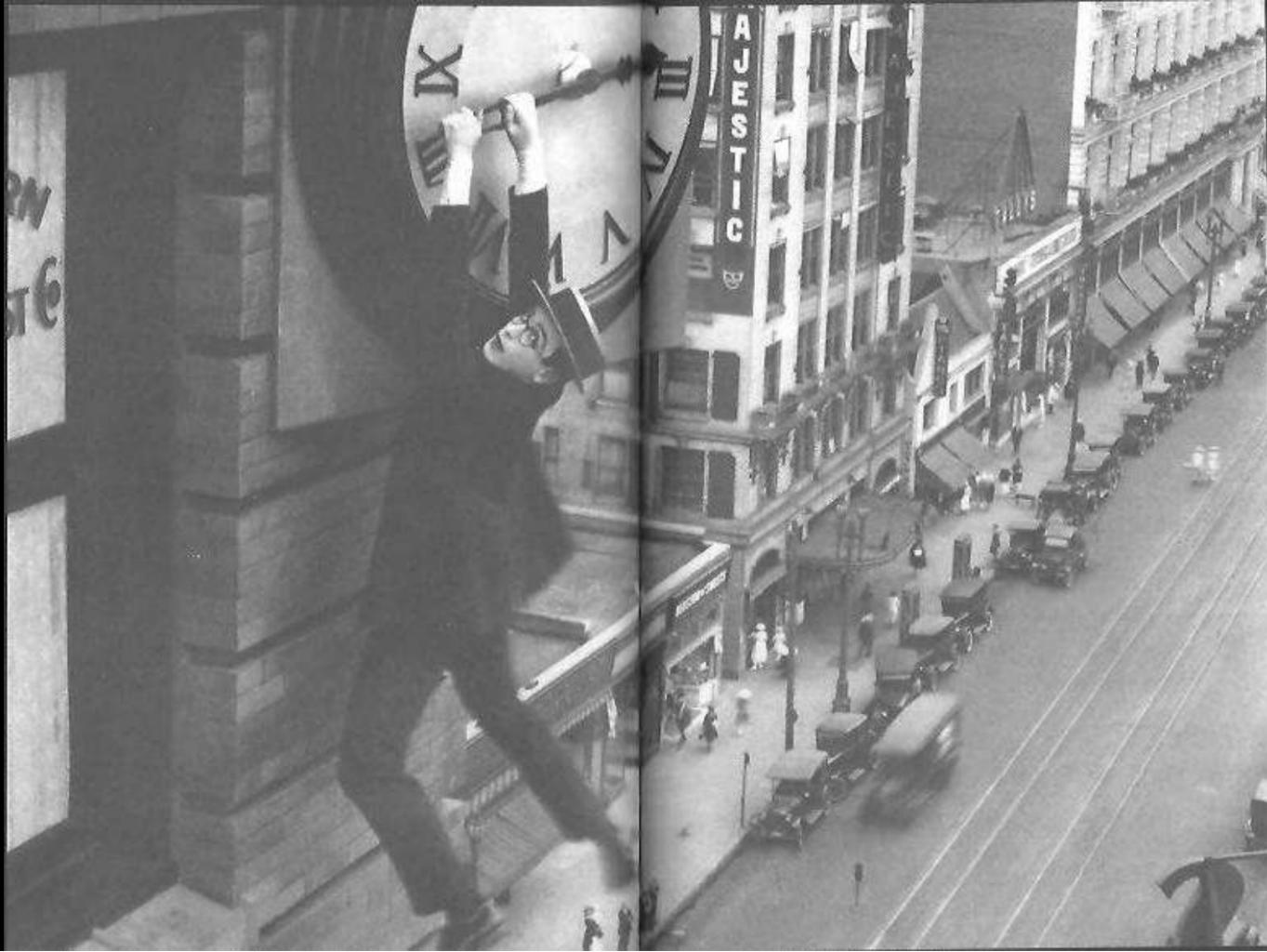
— O que foi que você viu? — perguntou Isabelle.

Hugo olhou para os dois. Pensou na época em que ia ver filmes com o pai e em como eles adoravam ficar juntos no escuro do cinema.

Finalmente, Hugo respondeu à pergunta de Isabelle:

— No meu último aniversário, a gente viu um filme com um homem pendurado nos ponteiros de um relógio gigante.

— Ah, esse é ótimo! Se chama *O homem mosca* — interrompeu Isabelle — e é estrelado por Harold Lloyd.



— Vou sair da cidade por uns dias para visitar minha família — disse Etienne. — Mas apareçam no cinema na semana que vem, quando eu voltar. Vou trabalhar na terça-feira. Faço os dois entrarem escondidos.

— Não posso... — disse Hugo.

— Tem que ir! — disse Etienne, sorrindo. — Prometa que vai!

— Não posso fazer isso.

— Ora, Hugo, vamos. Prometa! — insistiu Isabelle.

A ideia de ir ao cinema fez Hugo se lembrar do que seu pai tinha contado sobre como era ir ao cinema quando ele era garoto, na época em que os filmes eram novidade. O pai de Hugo disse que tinha adentrado a sala escura e, na tela branca, havia visto um foguete voar para dentro de um olho desenhado na cara da Lua. Seu pai falou que nunca tinha experimentado sensação parecida. Era como ver seus sonhos em pleno dia.

— Tudo bem. Prometo — concordou Hugo.

Isabelle encaixou seu livro novo, *Mitologia grega*, debaixo do braço e disse:

Que bom! Vejo você lá, então. Preciso ir agora. Tem uma coisa que preciso procurar.

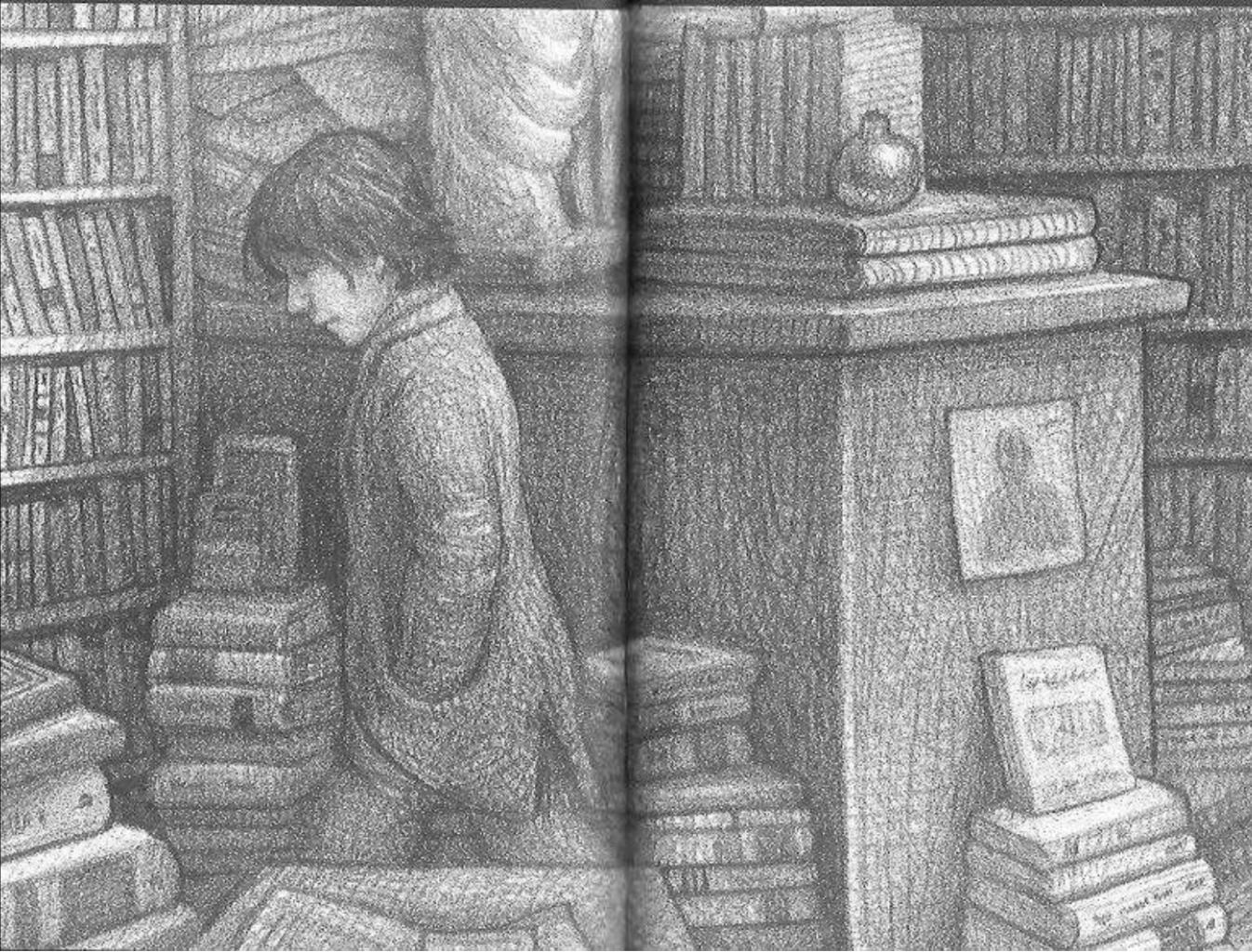
— Não abra o cader... Hugo tentou falar, mas Isabelle já tinha se dirigido para a porta.

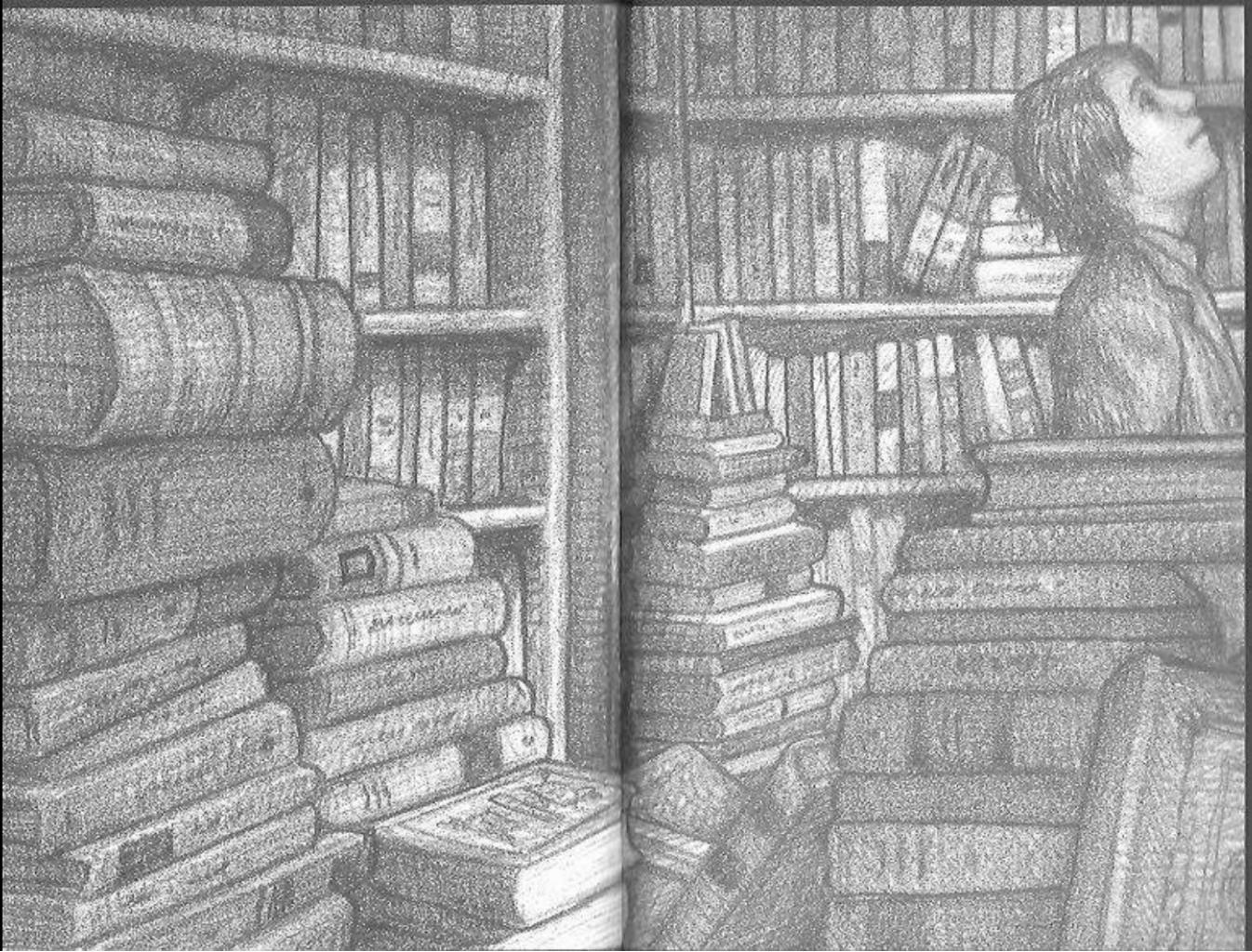
— Até mais, Etienne — ela se despediu. Em seguida, para Hugo, disse: — Vejo você semana que vem no cinema — e desapareceu na estação lotada.

Etienne disse:

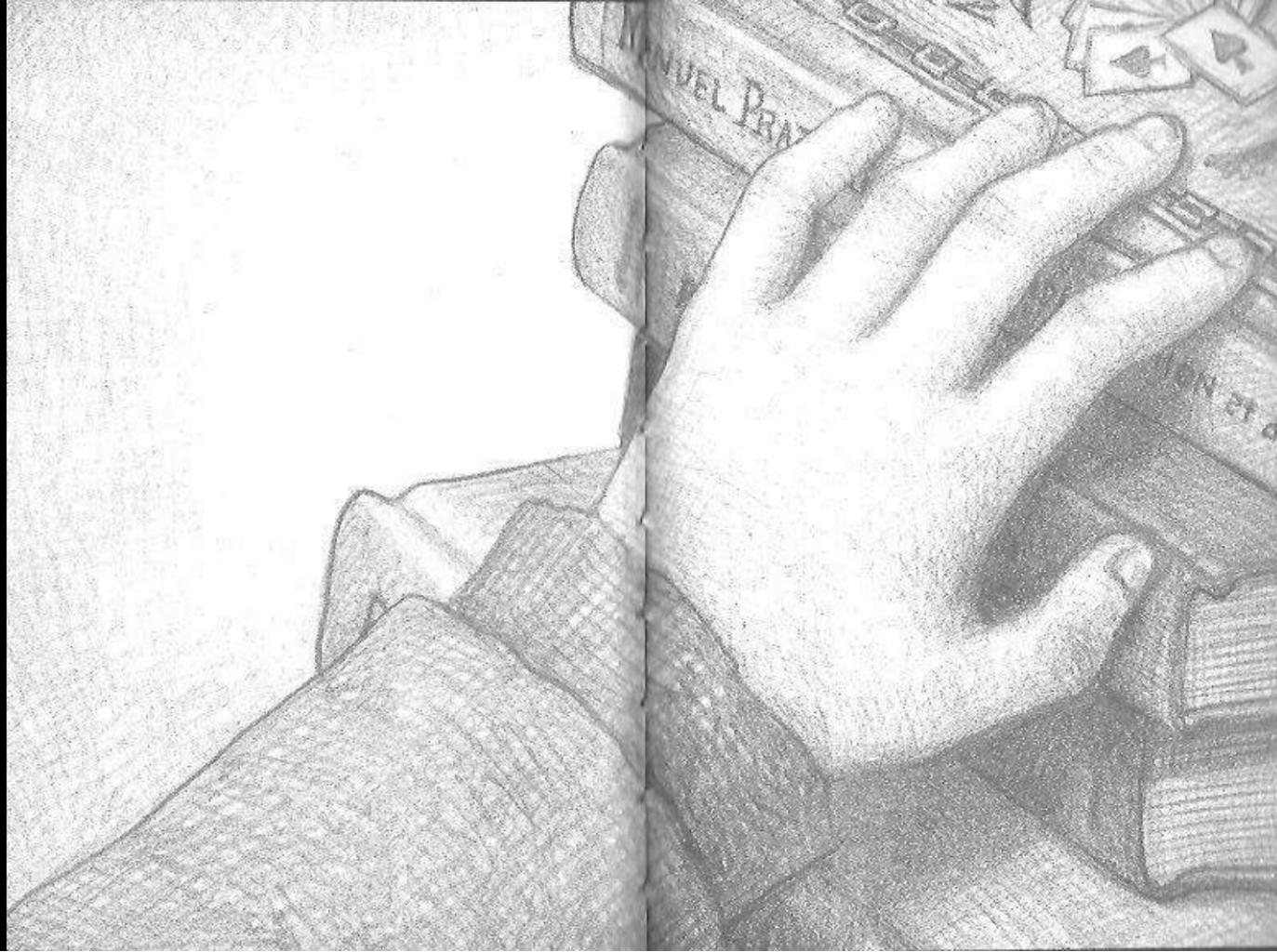
— Bem, foi legal te conhecer, Hugo e saiu andando para pegar o livro que tinha vindo buscar.

Hugo se dirigiu à porta para sair, mas a livraria era quente, tranquila, e as cambaleantes pilhas de livros fascinaram o menino. Decidiu dar uma olhadinha só por um minuto.









Hugo segurou o livro que mais havia chamado sua atenção. Tinha cartas douradas gravadas na capa, assim como o título *Manual prático de mágica com cartas e outras ilusões*. Dentro, diagramas nítidos em preto-e-branco revelavam o que parecia uma série interminável de truques com cartas, muitos dos quais Hugo tinha visto o velho fazer. A segunda metade do livro trazia os segredos de como fazer coisas desaparecer, como disfarçar a voz e tirar coelhos de uma cartola. Outros diagramas mostravam como rasgar papel e fazê-lo ficar inteiro de novo sozinho, e como tirar água de um sapato e deixar o sapato seco. Hugo continuou folheando, procurando ver se havia o que quer que fosse sobre autômatos, mas o livro silenciava a respeito do tema. Mesmo assim, Hugo o desejou ardenteamente. Sabia que o senhor Labisse emprestava livros a Isabelle, mas Hugo não queria simplesmente um empréstimo. Queria que aquele livro fosse seu.

Deslizou-o para debaixo do braço e se moveu lentamente na direção da porta. Esfregou os botões que restavam na jaqueta.

— Ei, Hugo — chamou Etienne, que estava sentado num banquinho, lendo. — Que livro é esse aí?

Hugo ficou agitado. Quis correr, mas Etienne se aproximou e pegou o livro sob o braço dele.

— Vejam só. Mágica.

Etienne sorriu e devolveu o livro.

— Você sabe o que tem debaixo do meu tapa-olho?

Era mesmo para Hugo responder àquela pergunta?

Etienne parecia esperar uma resposta.

Hesitante, Hugo disse:

— Seu olho?

— Não. Perdi o meu olho quando era menino, brincando com fogos de artifício. Um morteiro explodiu dentro dele.

Mas tudo o que Hugo conseguiu pensar em dizer foi: oh!

— E aí, quer saber o que tem debaixo do meu tapa-olho?

— Tudo bem — concordou Hugo, pensando que o que ele realmente queria era dar o fora dali.

Etienne pôs dois dedos sob o tapa-olho e tirou dali uma moeda, que estendeu para Hugo.

— É o único truque de mágico que conheço — disse Etienne. — Vai lá e pague pelo livro.



9



A chave

À noite, depois de ter inspecionado e limpado todos os relógios, Hugo abriu o livro de mágica. Leu de cabo a rabo, depois releu as partes favoritas, memorizando trechos inteiros, praticando com qualquer coisa que pudesse encontrar no quarto. Mas, mesmo enquanto abria as cartas em leque ou fazia uma moeda rolar no dorso de seus dedos, ele se pegava pensando em Isabelle. Hugo pôs o livro de lado.

Ela disse que tentaria ajudá-lo a recuperar seu caderno. Isabelle o chamara de amigo.

Mas como poderia ser amigo dela se ele tinha tantos segredos? Não precisava guardar nenhum segredo quando era amigo de Antoine e Louis. Desejou que Isabelle simplesmente sumisse.

Antes de se preparar para dormir, Hugo tirou o homem mecânico de seu esconderijo e remexeu em todas as pecinhas que tinha surrupiado desde que começara a trabalhar na loja. De repente, foi como se uma luz acendesse dentro de sua cabeça. Hugo viu que, com um pouco de trabalho, uma das peças se encaixaria no soquete do braço do autômato. Apanhou a caixa de ferramentas, cortou e limou o metal dobrando-o até que finalmente coubesse no lugar com precisão.

Pela primeira vez, Hugo tinha colocado alguma coisa no homem mecânico sem as orientações do caderno! Seu coração bateu forte. E se ele conseguisse consertar o homem mecânico sem usar o caderno? Afinal, quem sabia por quanto tempo o velho ia obrigá-lo a trabalhar? E se a menina estivesse mentindo e o caderno de fato tivesse sido queimado? Ele não tinha certeza de que conseguiria, mas enquanto o caderno não estivesse realmente em suas mãos, ele tentaria.

A semana passou depressa. Hugo estava mais cansado do que nunca. Mal dormia porque, no final do dia, depois de cuidar dos relógios e trabalhar na loja, ficava

acordado até o amanhecer trabalhando no autômato. Fez grandes progressos e sabia que estava perto de terminar.

Quando chegou o momento de encontrar Isabelle e Etienne no cinema, Hugo não quis faltar com a promessa. Deu uma desculpa ao velho, saiu da estação e correu até lá. Esgueirou-se para os fundos do prédio, onde encontrou Isabelle à sua espera.

— Tio Georges deve ter escondido seu caderno muito bem — disse ela — , mas acho que tenho uma ideia de onde ele está.

Hugo se perguntou se deveria recomendar novamente a ela que não olhasse dentro do caderno. Mas decidiu que não.

— Por que ele não quer que você venha no cinema? — perguntou Hugo.

— Não sei. Talvez ele ache que é perda de tempo. Ele nunca disse por quê. Aposto que os meus pais me deixariam vir no cinema.

Isabelle olhou para Hugo, corno se esperasse que ele lhe perguntasse sobre seus pais, mas ele não perguntou,e ela então simplesmente continuou a falar.

— Meus pais morreram quando eu era bebê, e tio Georges e tia jeanne eram meus padrinhos, por isso me pegaram para criar. Eles são muito bons, menos quando o assunto é cinema.

Hugo nada disse em resposta, então Isabelle finalmente perguntou:

— Onde estará Etienne? Normalmente ele já teria aberto a porta para mim.

Hugo cuidadosamente deu a volta até a frente do prédio e procurou por Etienne. O gerente do cinema, cujos finos cabelos pretos estavam bem alisados no alto da cabeça, abriu a porta e perguntou a Hugo:

— O que você quer?

O cigarro pendurado em seus lábios se mexeu para cima e para baixo quando ele falou.

— Estou.., hmm... procurando Etienne.

O homem o fitou.

— Ele usa um tapa-olho — explicou Hugo.

— Eu sei quem é Etienne — disse o homem enquanto alisava o cabelo e batia as cinzas na direção de Hugo. — Acabo de demiti-lo. Descobrimos que deixava crianças entrarem escondidas no cinema. Não é uma coisa horrível de se fazer? — ele olhou firme para Hugo.

Hugo se afastou da porta, correu para trás do cinema e contou a Isabelle o que tinha acontecido.

— Que homem horroroso! Vem comigo — disse Isabelle. Ela caminhou até a porta dos fundos e tirou do bolso um grampo de cabelo. Hugo ficou observando enquanto ela manejava o grampo dentro da fechadura até

que se ouviu um dique e a porta se abriu.

— Onde você aprendeu a fazer isso? — perguntou ele.

— Livros — respondeu Isabelle.

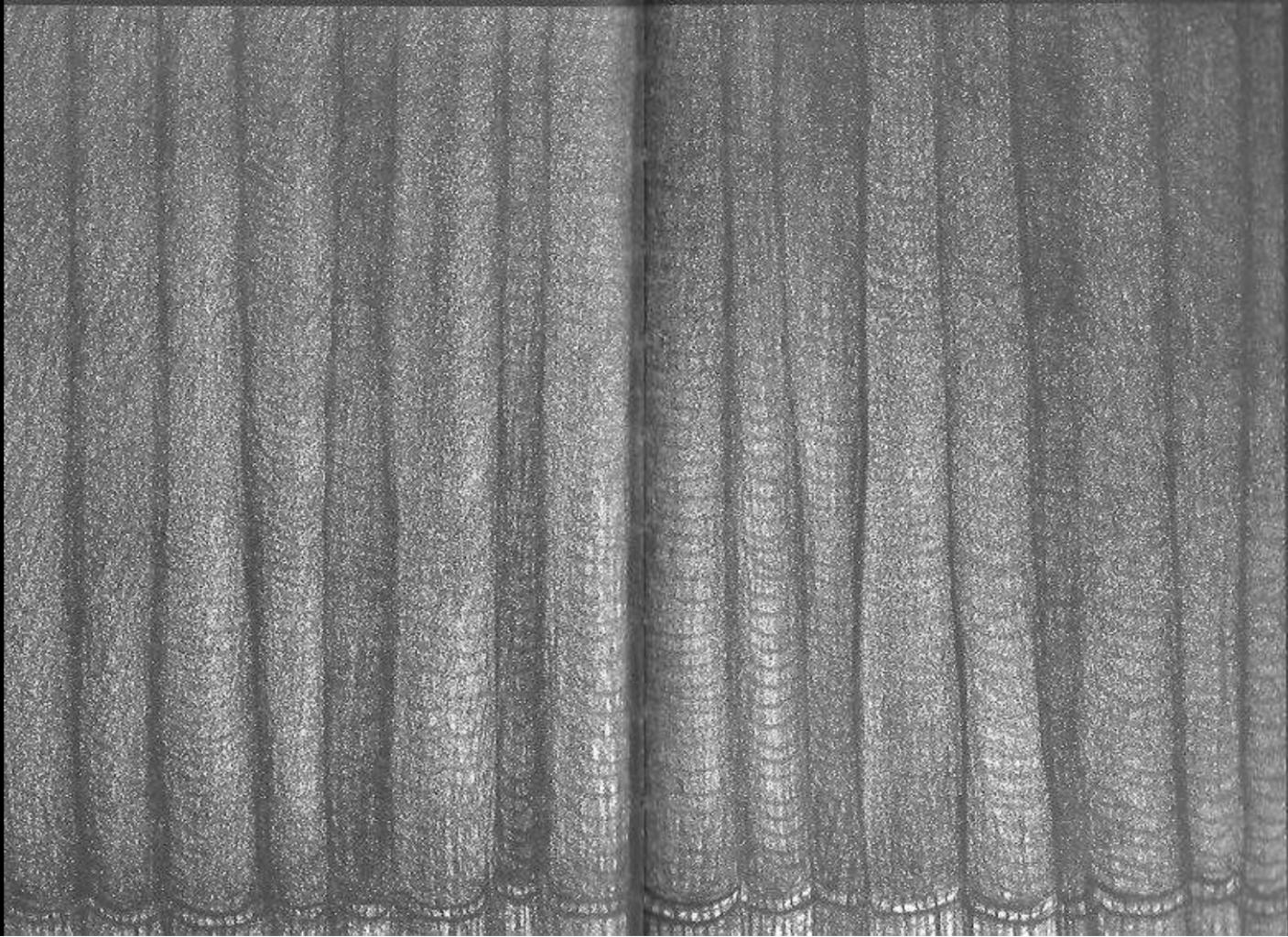
Isabelle espiou do lado de dentro, para ter certeza de que ninguém estava olhando, em seguida segurou a porta aberta para Hugo. Entraram pelos fundos do saguão, onde fotografias dos próximos lançamentos estavam pregadas em murais. Isabelle parou um instante e olhou para um dos cartazes, uma foto em preto-e-branco de uma atriz com olhos muito escuros.

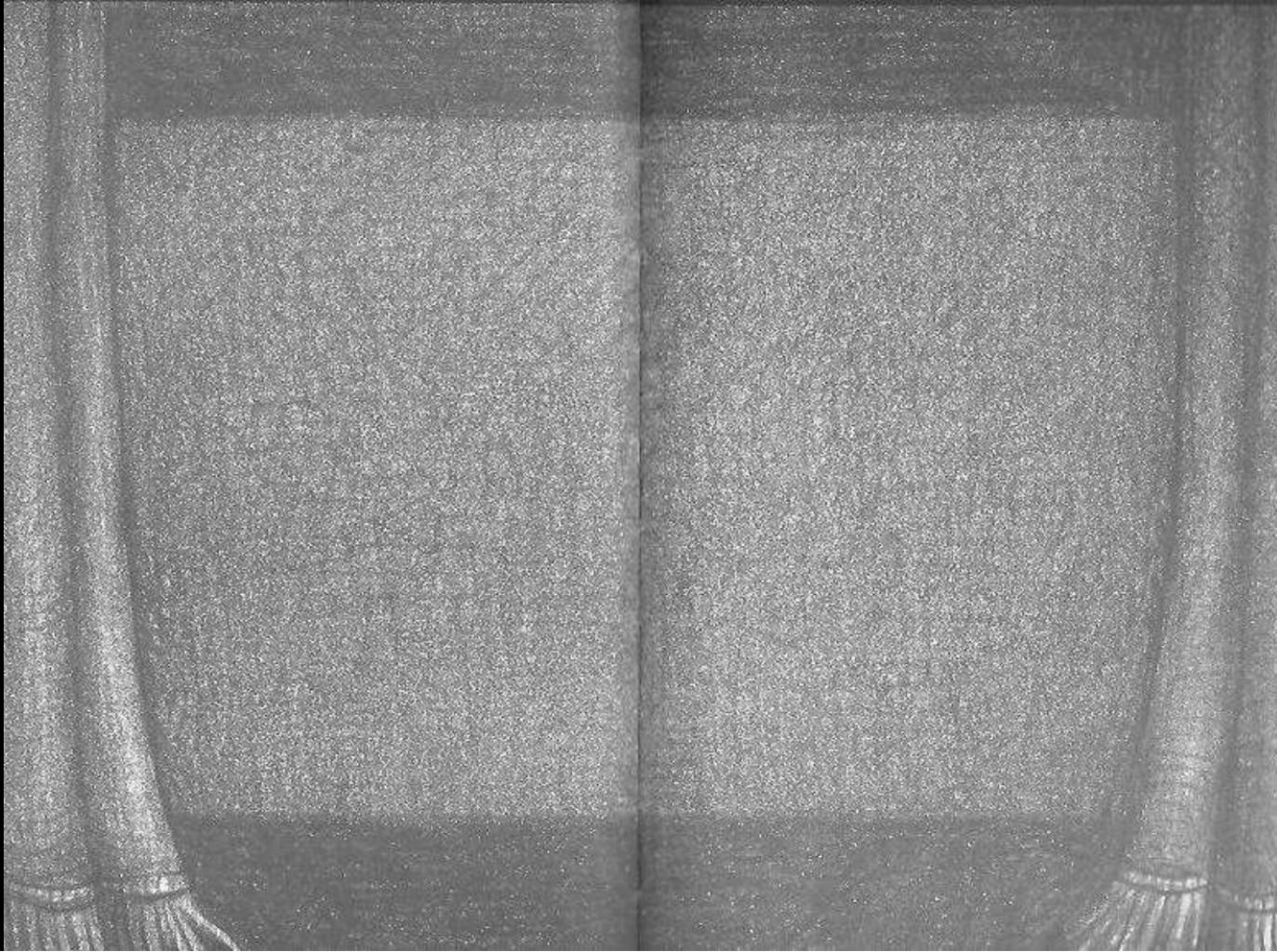
— Às vezes acho que gosto tanto dessas fotos quanto gosto dos filmes — disse ela. — Você pode criar sua própria história olhando para uma foto.

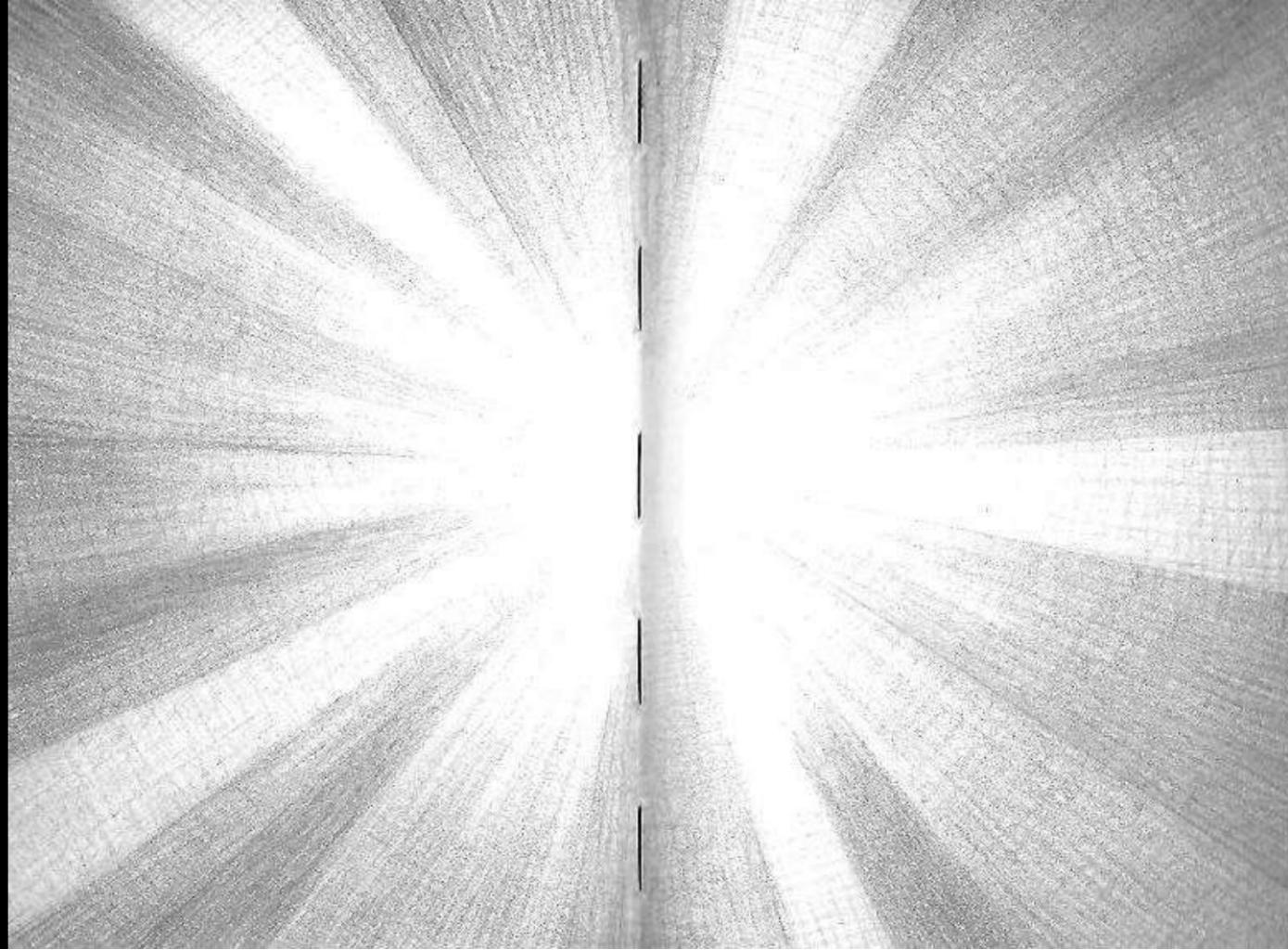
Hugo olhou para o cartaz, mas Isabelle o interrompeu logo:

— Rápido, aí vem o gerente.

Ela e Hugo correram do saguão para dentro da sala, se afundaram nas cadeiras macias de veludo vermelho e esperaram a sessão começar.









A tela muito branca fez Hugo pensar numa folha de papel novinha. Ele adorava o maravilhoso ronronar do projetor que enchia a sala.

Primeiro vieram as notícias, cada uma durando alguns minutos, sobre acontecimentos recentes mundo afora. Teve uma sobre a Grande Depressão nos Estados Unidos, uma sobre a Exposição Internacional que seria inaugurada em Paris dentro de alguns meses (Hugo achou a novidade interessante, embora soubesse que nunca poderia ir até lá), e uma sobre a política na Alemanha. Até que, finalmente, começou um desenho animado. Se chamava *A relojoaria*. Nele, um velho estava acendendo os lampiões da rua ao cair da noite, quando passou por uma relojoaria. Lá dentro, todos os relógios estavam vivos, dançando ao som de música erudita. Hugo sabia que seu pai teria adorado aquilo. No final, a música se tornava mais furiosa, enquanto dois despertadores começavam uma luta. As cortinas se fecharam, todo mundo aplaudiu, e o projecionista trocou os rolos. Passados uns instantes, as cortinas se abriram de novo e teve início a atração principal, *O milhão*, de um diretor chamado René Clair. Era sobre um artista, um bilhete de loteria perdido, um criminoso, um casaco emprestado e um cantor de ópera, e tinha uma das sequências de perseguição mais incríveis que Hugo já tinha visto. Achou que toda boa história devia terminar com uma grande e animada perseguição.

O tempo passava depressa no escuro e, quando as luzes se acenderam, Hugo não queria que aquela tarde terminasse.

Ele e Isabelle se entreolharam, ainda retendo nos olhos o brilho das imagens cintilantes. Todo mundo saiu do cinema, até que as crianças ficaram sozinhas em seus assentos no fundo da sala. Hugo fitou a tela, como se visse a luz projetada e ouvisse o som do filme.

Subitamente, as crianças foram agarradas pelos colarinhos e puxadas para cima.

— Seus ratos! Como foi que entraram aqui? — latiu o gerente. Cinzas de cigarro caíram na cabeça deles. As crianças conseguiram apanhar seus casacos e foram atiradas para fora, sobre a calçada úmida na frente do cinema. — E nunca mais se atrevam a aparecer!

O gerente fechou as portas de vidro, esfregou as mãos e ficou olhando para eles até que saíram correndo, espanando as cinzas dos cabelos.

Quando já estavam fora de alcance, diminuíram a marcha. O ar estava frio e os dois se arrepiaram. Isabelle falou a Hugo sobre outros filmes que ela adorava: comédias, desenhos animados e filmes de caubói estrelados por Tom Mix. Havia uma atriz que ela tinha visto, chamada Louise Brooks, que tinha um corte de cabelo que Isabelle copiara. Havia histórias de aventura,

de mistério, de amor, de fantasia. Disse nomes como Charlie Chaplin, Jean Renoir e Bus ter Keaton. Hugo já tinha visto alguns filmes de Buster Keaton e dois de Charlie Chaplin, mas por algum motivo não quis contar isso a Isabelle. Apenas ouvia.

Logo estavam de volta na estação. Quando entraram na sala de espera, Hugo notou alguém de pé, muito rígido, olhando para cima, para o relógio principal, tomando notas num bloquinho.

Era o inspetor da estação.

Hugo agarrou Isabelle e se agachou atrás de um banco próximo. Esfregou os botões do casaco.

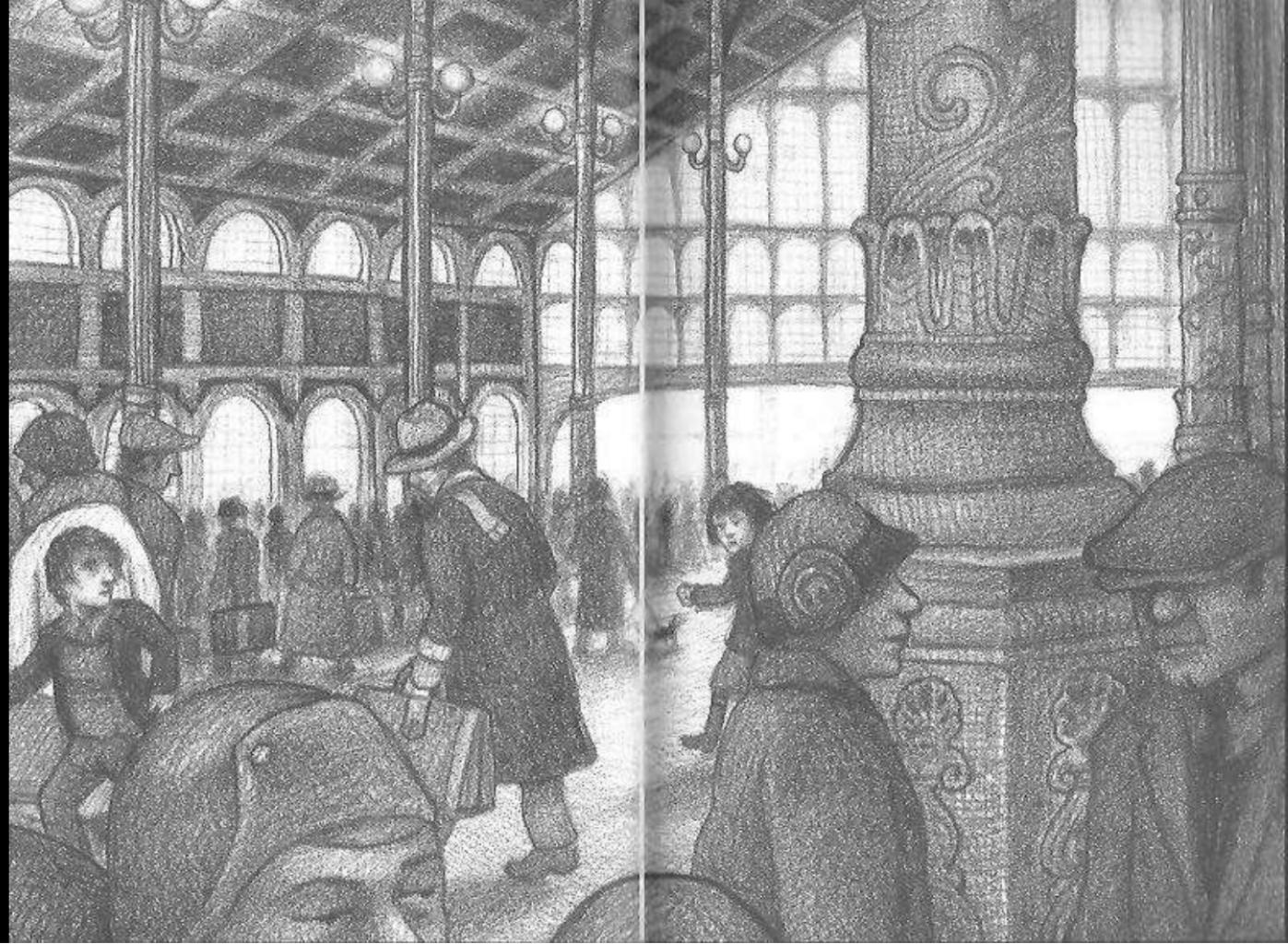
— Por que você fez isso? — perguntou Isabelle, aprumando-se de pé.

Mas Hugo estava perdido em pensamentos. Será que o inspetor tinha começado a investigar e descoberto que o tio de Hugo sumira? Hugo não podia ser levado embora agora, não quando estava tão perto de terminar o homem mecânico. Sabia que não devia ter ido ao cinema. Nunca devia ter saído da estação.

Seu coração disparou. Tinha que entrar nas paredes e conferir os relógios, mas Isabelle não parava de falar. Ele não tinha ouvido nada do que ela dissera nos últimos minutos. Quando achou que era seguro, se levantou e começou a caminhar na direção oposta à do inspetor. Responde, Hugo — insistiu ela, pegando no braço dele.

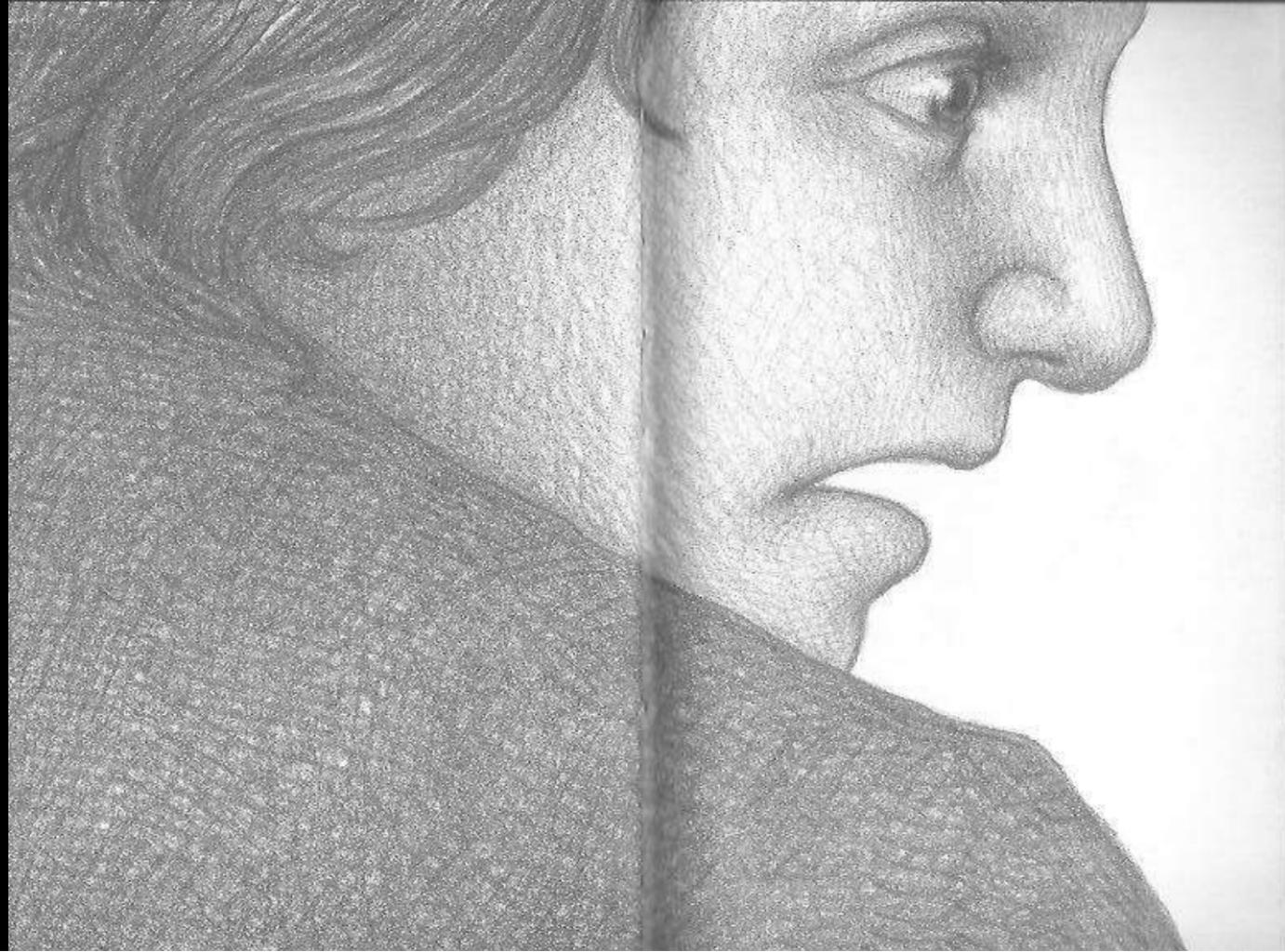
Não vai saindo desse jeito. Tenho que ir. É disso que estou falando... ir pra onde? Já perguntei: onde é que você mora? Hugo estancou e olhou para ela. Eu não sei nada a seu respeito disse ela. Você sabe onde eu moro, sabe sobre os meus pais. Se nós vamos ser amigos, então eu acho que preciso saber de algumas coisas. Por que não me conta? De repente, Hugo começou a correr.

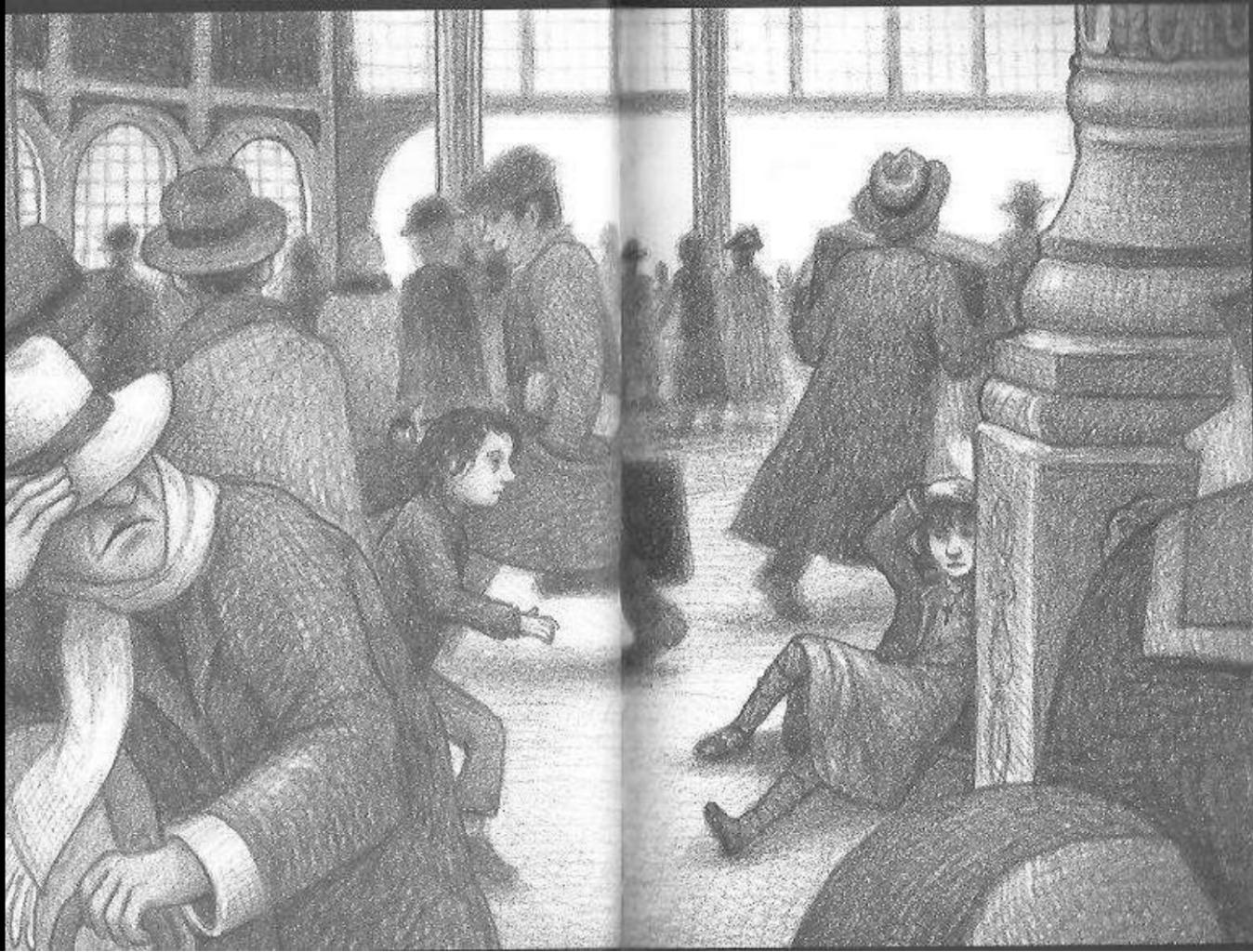
Hugo! gritou ela. Pare! Espere por mim!

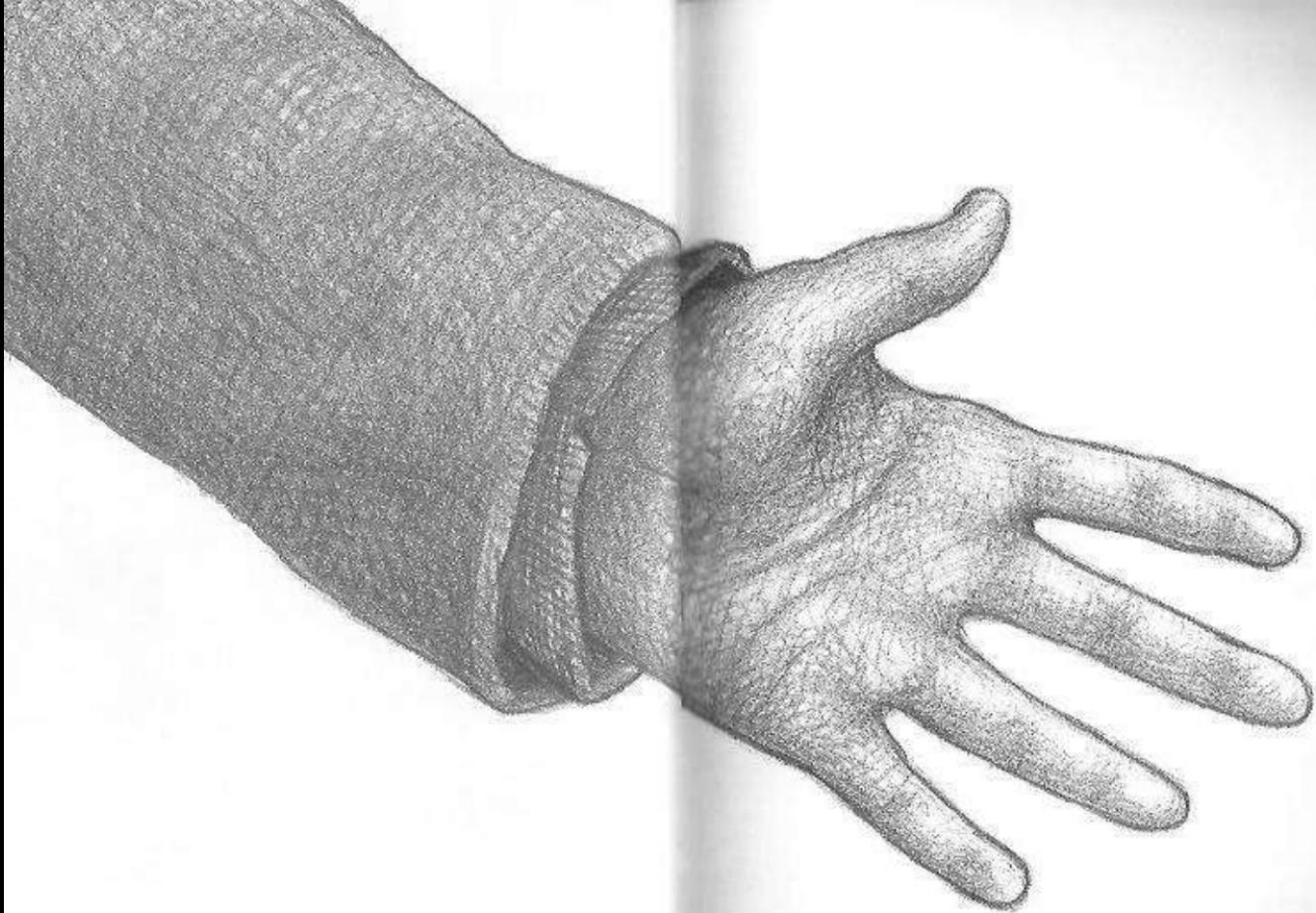




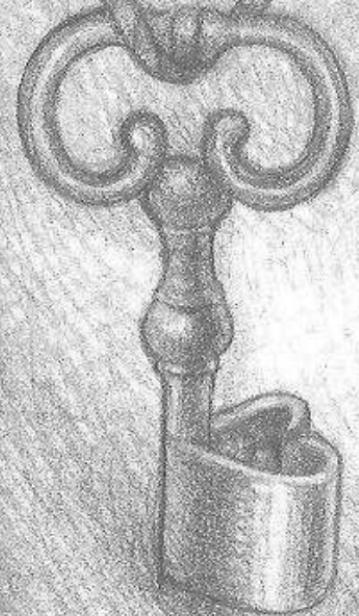












Hugo ajudou Isabelle a se levantar, mas não conseguia tirar os olhos da chave. Isabelle percebeu e a escondeu de volta no vestido.

— Onde você conseguiu isso? — sussurrou Hugo.

— Me diz onde você mora.

Nenhum dos dois disse mais uma palavra. Sem aviso, Isabelle começou a correr novamente, e dessa vez foi Hugo que a perseguiu. Finalmente, ela parou junto a uma mesa do café e se sentou, sem fôlego. Hugo também se sentou. Um dos pombos da estação caminhou até a mesa deles e beliscou migalhas caídas no chão.

— Por que tanto interesse na minha chave? Indagou Isabelle.

— Me diz onde foi que conseguiu.

Uma locomotiva a vapor disparou seu apito ensurdecedor, que por um momento abafou completamente todos os outros sons da estação, fazendo Hugo dar um pulo, como sempre acontecia. Hugo e Isabelle se entreolharam até que o dono do café mandou que se levantassem e saíssem dali. Foram embora sem se despedir.



10



O caderno

NO DIA SEGUINTE, HUGO ESTAVA ATRASADO para chegar à loja de brinquedos. Passou os dedos pelo cabelo sujo e desgrenhado, e esfregou os olhos.

O velho levantou o olhar quando ele se aproximou, pôs as cartas no balcão e marchou na direção do menino. Hugo percebeu que o rosto do velho estava vermelho.

Ele veio até o menino como uma locomotiva, agarrando-o pelo braço.

— Devolva — murmurou o velho, enfurecido.

— O quê? — perguntou Hugo, em estado de choque.

— Como ousou arrombar a minha casa?!

— Do que é que o senhor está falando? — perguntou Hugo.

— Onde é que está? Onde está o caderno? — disse o velho. — Como conseguiu entrar na minha casa? Por que você é tão estúpido? Eu ia te devolver o caderno! Mas o que foi que você fez depois que eu te acolhi e te dei uma chance? Retribui com mais roubos, mais mentiras. Eu vi você surrupiando aquelas pecinhas. Mas não te impedi. Você mantinha a loja limpa e sabia consertar os brinquedos. Você era prestativo. Meu Deus, eu estava até gostando da sua companhia! Mas aí você vai e arromba a minha casa! Estou chocado por você ainda se atrever a mostrar sua cara aqui de novo. Você não passa de uma grande decepção!

O velho começou a tossir. Tampou a boca e fez sinal para o menino ir embora.

Naquele momento, Hugo viu Isabelle por trás dos ombros do velho, quando ela se ergueu de trás do balcão. Ela se adiantou até a frente da loja e levantou devagar uma das mãos.

Estava segurando o caderno.

Hugo pediu ao velho:

— Pelo menos deixe eu me despedir de Isabelle.

Isabelle escondeu o caderno atrás das costas.

O velho enxugou os lábios e exclamou:

— Não! Vá embora, já!

Mas Hugo avançou sobre Isabelle.

— Eu te disse que não estava queimado! — murmurou ela. Que desenhos são esses?

— Eu te disse pra não olhar. Agora me dê.

— Não. — Ela guardou o caderno no bolso e pôs a mão em cima dele.

Hugo olhou para trás. O velho disparava em sua direção. Sem aviso, Hugo envolveu o pescoço de Isabelle e lhe deu um forte abraço. Dava para sentir o espanto dela.

— Solta ela! — ordenou o velho, tentando agarrar o ombro de Hugo.

Hugo soltou e se desviou das garras do velho. Em seguida, saiu em disparada pelo corredor sem olhar para trás.



11

Bens roubados

HUGO ATRAVESSOU A MULTIDÃO COMO UMA FLECHA, os olhos embaçados de lágrimas, e seguiu seu caminho pelas paredes da estação. Correu para o quarto, bateu a porta atrás de si e acendeu algumas velas. Ansioso, dirigiu-se até as caixas empilhadas perto da parede e de lá tirou o homem mecânico.

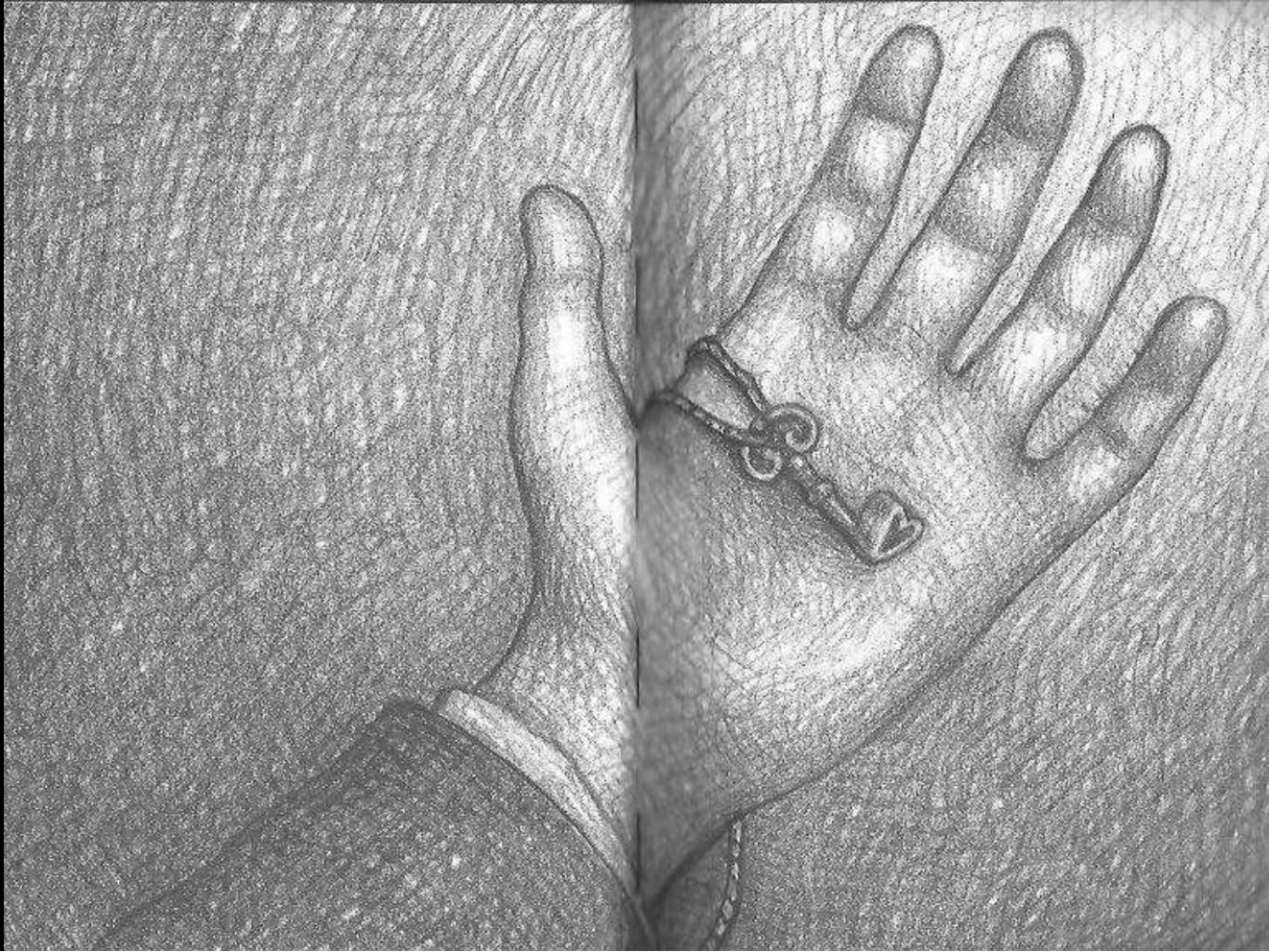
Hugo tinha estado realmente ocupadíssimo na última semana. Conseguira reparar todas as peças quebradas do homem mecânico e, com muito esforço, destravar o que estava enferrujado demais para se mexer. Havia costurado uma nova roupa para ele, lubrificado

e polido seus mecanismos. O homem mecânico agora segurava uma pena nova em folha, feita à mão, com uma ponta especial de metal recortado.

Hugo trouxe uma vela para mais perto dele.

No meio das costas do homem mecânico tinha uma abertura em forma de coração, contornada de prata.

Desde que fugira da loja de brinquedos minutos atrás, a mão esquerda de Hugo estava com o punho fortemente cerrado. Ele agora se abria lentamente, como uma flor.



Hugo lançou um olhar para o livro ao lado de sua cama: *Manual prático de mágica com cartas e outras ilusões*. Vinha estudando o livro com muita dedicação e aprendera a fazer praticamente todos os truques de magia descritos ali. Descobriu que era muito bom naquilo. Com as instruções adequadas, seu talento mecânico se transferiu perfeitamente para os truques mágicos. Hugo tinha começado a entender a ligação entre horologia e magia de que seu pai lhe falava. Não era apenas o conhecimento dos mecanismos, mas sim a destreza, o talento dos seus próprios dedos, como se eles soubessem automaticamente o que fazer. Os dedos de Hugo eram capazes das coisas mais surpreendentes. Havia descoberto que podia fazer o baralho flutuar, que podia transformar bolas de gude em ratinhos, que podia rasgar uma folha de papel e deixá-la inteira novamente. Mais importante, porém, percebeu que, com um abraço de despedida, podia fazer sumir a gargantilha de Isabelle sem que ela nada sentisse.



12



A

mensagem

AS MÃOS DE HUGO TREMIAM.

Tinha conseguido terminar de consertar o homem mecânico. A única coisa que ainda lhe faltava era a chave. A chave original havia se perdido no incêndio, e todas as outras chaves que ele encontrou pela estação e nos brinquedos de corda da loja não se encaixavam. Mas, quando viu a chave em volta do pescoço de Isabelle, soube imediatamente que serviria. E agora ele a tinha.

Pôs a chave na abertura em forma de coração no meio das costas do homem mecânico.

Ele tinha razão. O encaixe era perfeito. A mente de Hugo disparou. Finalmente chegara para ele a hora de conhecer a mensagem que tanto vinha esperando.

Mas assim que Hugo começou a girar a chave, ouviu um estrondo em sua porta. Antes que pudesse cobrir o homem mecânico, a porta se escancarou. Hugo não teve tempo de gritar enquanto a figura sombria desabava sobre ele, jogava-o no chão e aterrissava em cima dele. Sua cabeça bateu dolorosamente contra as tábuas do assoalho.

— Você roubou a minha chave!

— O que é que você está fazendo aqui? Você não devia estar aqui! — gritou Hugo.

— Como é que pôde roubar a minha chave depois do que eu fiz por você? Peguei o tal caderno, já ia devolver pra você! Eu só queria que você prometesse me falar um pouco sobre ele. Eu mesma devia ter posto fogo no seu caderno.

— Dê o fora daqui! — silvou Hugo, olhando para Isabelle. — Você está estragando tudo! Me larga!

Usando toda a sua força, ele a derrubou e a empurrou na direção da porta, tentando expulsá-la.

Mas Isabelle revidou. Logo tinha jogado Hugo de novo no chão e usava os joelhos para mantê-lo ali. Ele ganiu de dor. Isabelle agarrou os pulsos de Hugo e imobilizou os braços dele contra o piso. Ambos ofegavam pesadamente.

— Que lugar é este? — perguntou ela. — Quem é você?
O reflexo da luz das velas cintilava em seus enfurecidos olhos negros.

— É segredo! Não posso te contar nada.

— Já deixou de ser segredo! Eu estou aqui! Agora me diz que lugar é este. — Ela forçou os joelhos sobre ele, causando-lhe dor.

— É aqui que eu moro Hugo — cuspiu para ela.

Isabelle permaneceu imóvel.

— Não é o que você queria saber? Agora já sabe.

Com calma, Isabelle disse: Não acredito nisso. Você é um mentiroso e um ladrão. Cadê a minha chave?

À luz das velas, Isabelle ainda não tinha visto o homem mecânico sentado ali perto. Hugo se debatia embaixo dela, mas em vão.

Isabelle olhou em volta pela primeira vez. Por fim, ela viu. Saiu de cima de Hugo para chegar mais perto do autômato, mas continuava apertando um dos pulsos do menino.

— Era isso que estava desenhado no seu caderno. — Ela se virou para Hugo: — O que é que está acontecendo?

As engrenagens imaginárias na cabeça de Hugo começaram a girar.

— Meu pai fez isso pra mim antes de morrer — mentiu o menino.

— Por que é que a minha chave se encaixaria na máquina do seu pai? Isso não faz o menor sentido.

Hugo não tinha pensado naquilo.

— Sei lá — disse ele. — Só quando vi a sua chave é que percebi que ela se encaixava.

— Daí. você roubou ela — disse Isabelle.

— Que mais eu podia fazer?

— Podia ter pedido.

Com a mão livre, Isabelle afastou os cabelos que lhe caíam no rosto.

— O que acontece quando a gente dá corda nele?

— Não sei. Nunca tive a chave antes.

— Então não fique aí sentado — ela lhe disse. — Gire a chave.

— Não — discordou Hugo.

— Como assim, "não"?

— Eu... eu quero estar sozinho quando girar a chave.

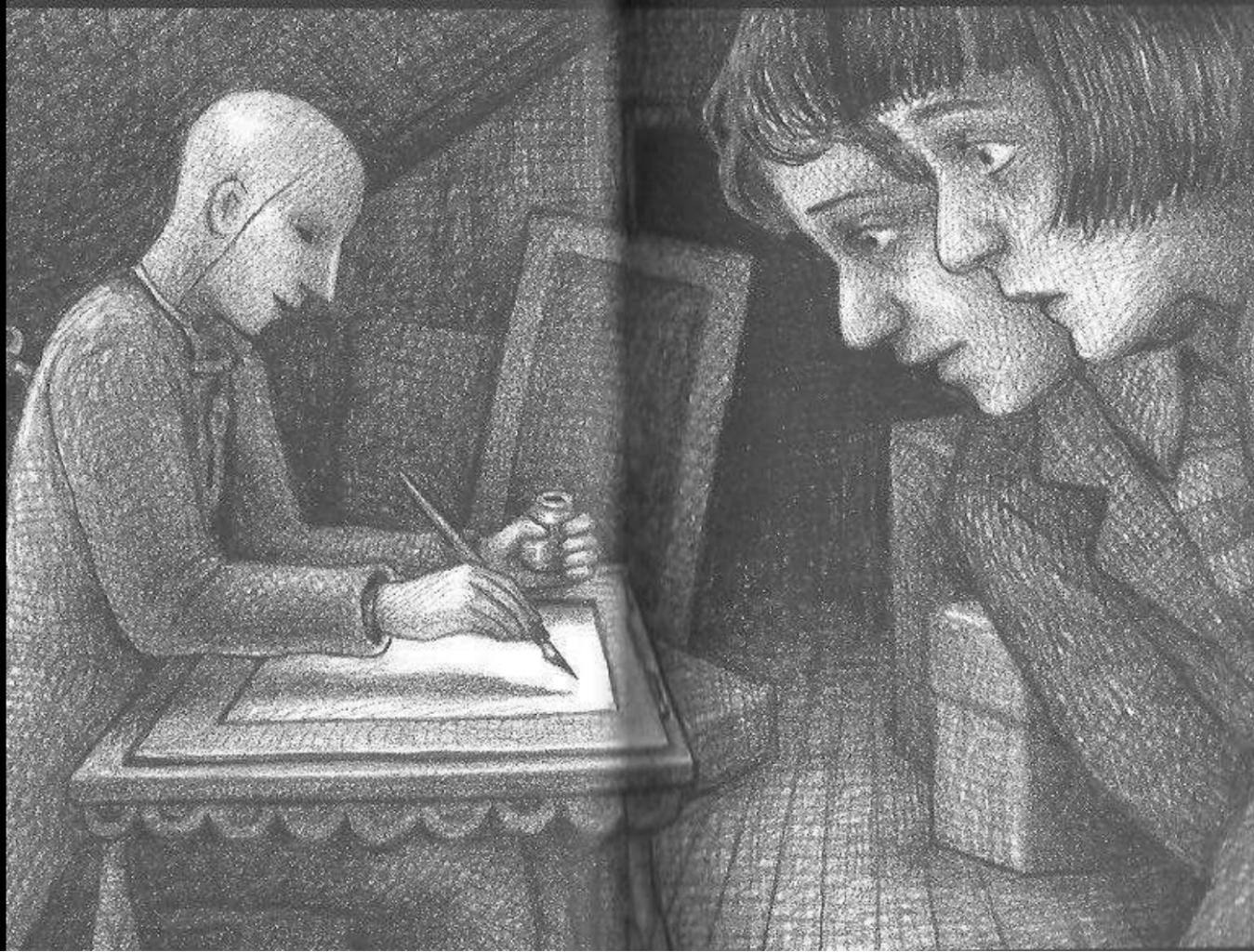
Isabelle olhou para Hugo. Ela ainda estava furiosa. Soltando o pulso dele, ela o empurrou para trás, agarrou a chave e a girou várias vezes.

— Hugo soltou um grito, mas era tarde demais.

— Precisa de tinta! disse ele.

Rapidamente, abriu um pequeno frasco que achou por ali e derramou algumas gotas no minúsculo tinteiro sobre a escrivaninha.

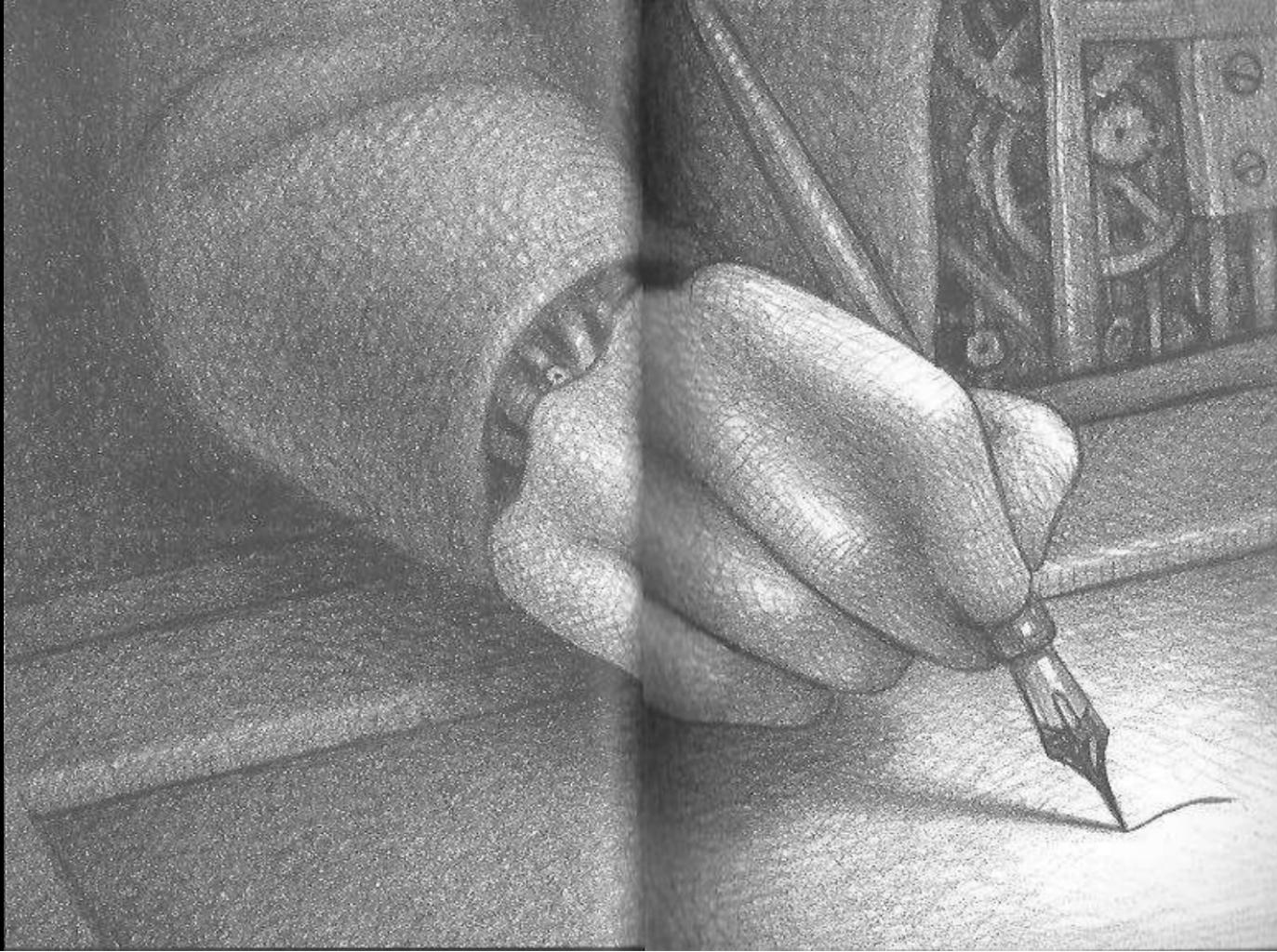
As crianças ficaram olhando enquanto as rodas e alavancas dentro do homem mecânico se punham em marcha. Elas zumbiam, giravam, iam e vinham. O coração de Hugo disparou. Já não se importava que Isabelle estivesse sentada perto dele. Não tinha a menor importância. A única coisa que importava agora era a mensagem.

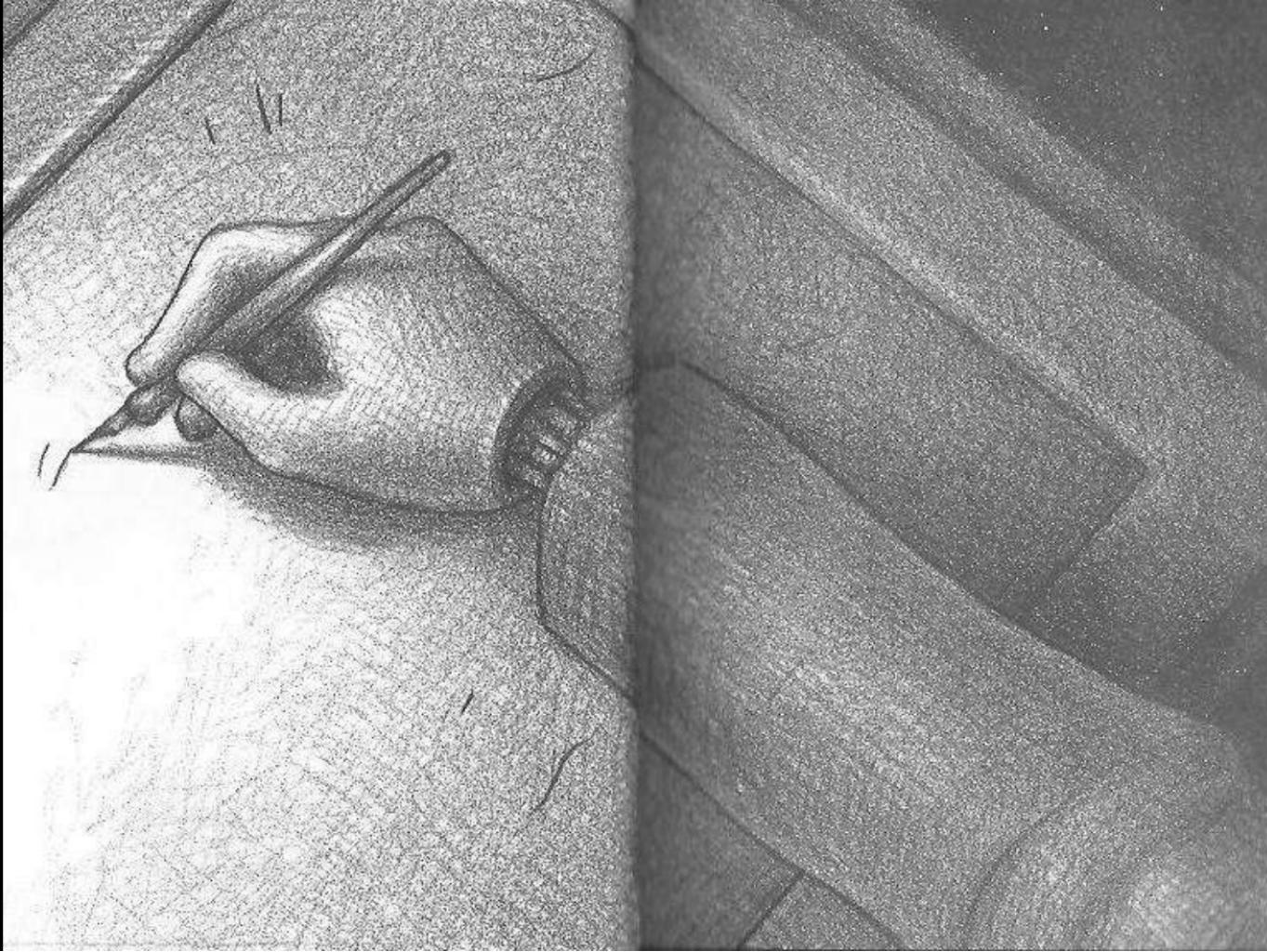


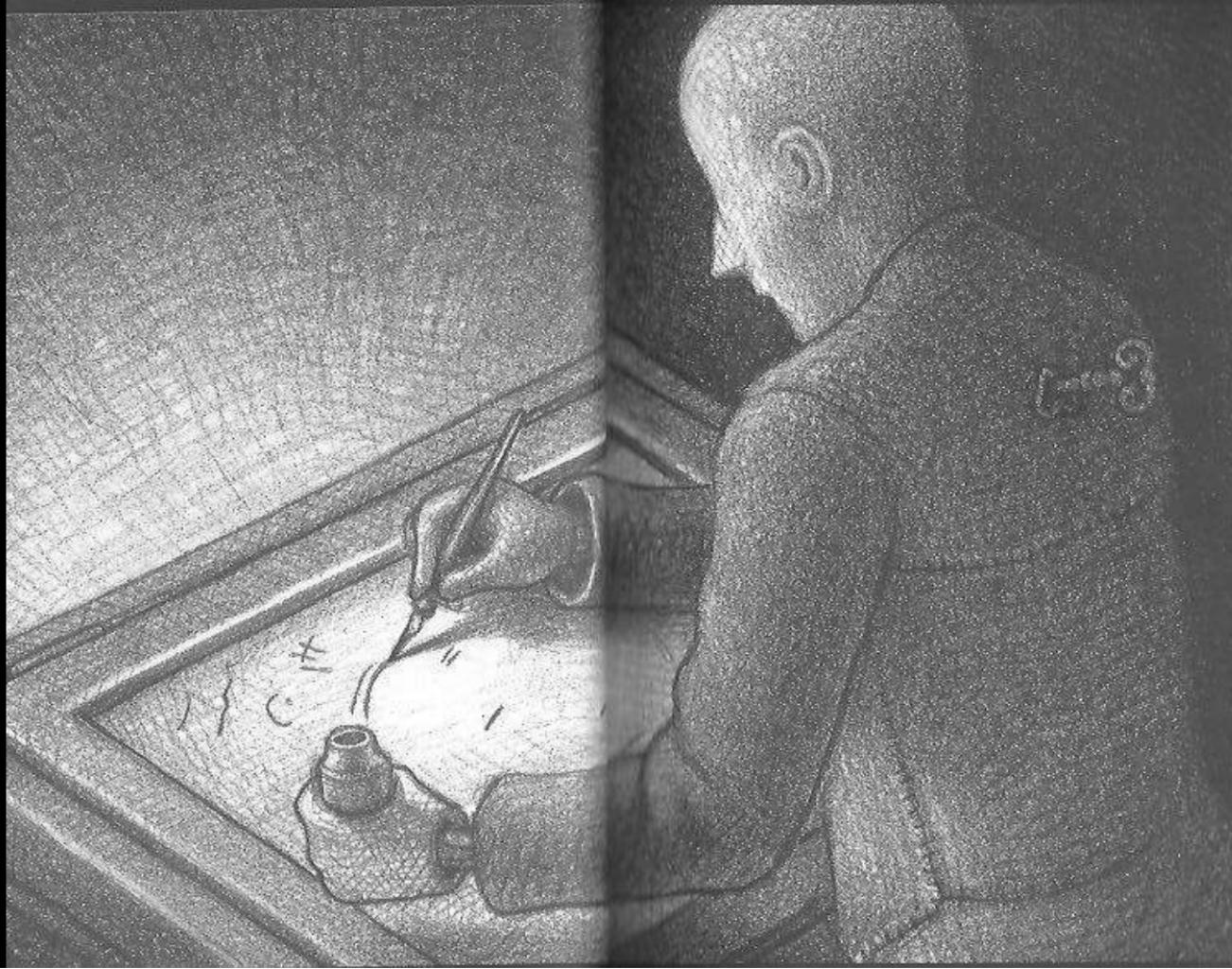
Uma cascata de movimentos perfeitos, com centenas de ações brilhantemente calibradas, se derramou através do homem mecânico. A chave apertou uma corda conectada a uma série de engrenagens que se prolongava até a base do tronco. Ali, a última roda dentada fez girar uma série de discos de latão com bordas bem afiadas. Dois pequenos dispositivos em forma de martelo baixaram e correram pelas bordas dos discos chanfrados, subindo e descendo enquanto os discos rodavam com regularidade. Os movimentos ativados pelos martelinhos foram então transferidos de volta através de uma série de varetas

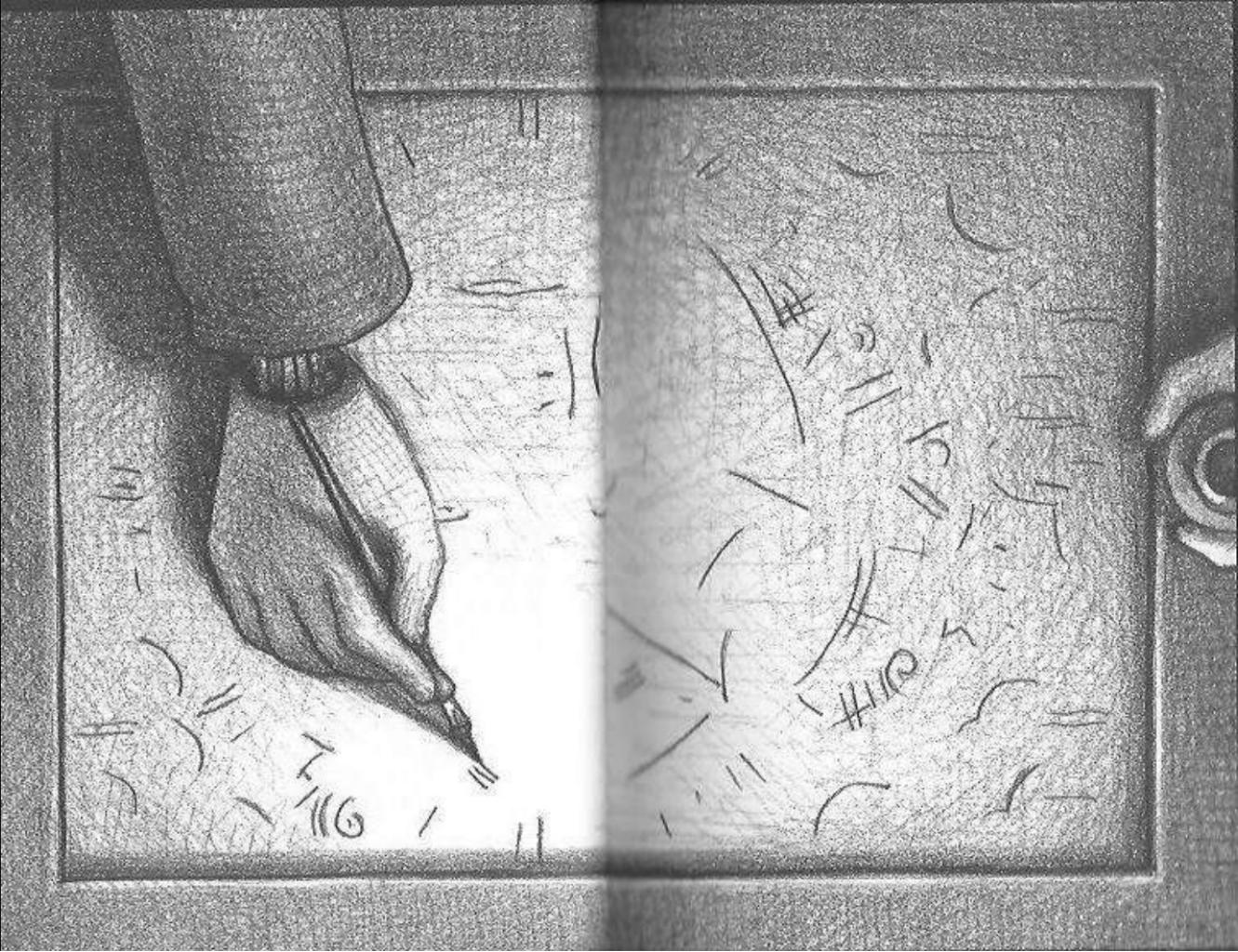
que se estendia até o torso do homem mecânico. Ali, as varetas moventes silenciosamente fizeram girar outros mecanismos no ombro e no pescoço. O ombro ativou o cotovelo e, quando este se pôs em marcha, provocou outros movimentos numa reação em cadeia até o pulso e, enfim, até a mão. Hugo e Isabelle observavam com os olhos arregalados de espanto, enquanto a pequena mão cuidadosamente começou a se mexer...

Isabelle e Hugo prenderam a respiração. O homem mecânico molhou a pena na tinta e começou a escrever.









As crianças tentavam ler desesperadamente, mas não havia letras, nem palavras, nem frases, só rabiscos dispersos, sem nexo. O homem mecânico não estava escrevendo nada.

Hugo, muito zangado, quase arrancou a pena da mão dele. O autômato não estava pronto. Hugo devia ter deixado escapar alguma coisa. Tinha fracassado.

— Me dá meu caderno — disse ele, enfurecido, a Isabelle.

Isabelle, espantada com a intensidade da voz dele, levou a mão ao bolso e lhe estendeu o caderno. Hugo mais que depressa o arrancou das mãos dela e fez o que vinha querendo fazer havia muito tempo. Febril, foi comparando o seu trabalho com os desenhos do pai.

Tinha feito tudo certo. Deveria estar feunctionando.

De repente, Hugo se sentiu estúpido por achar que poderia consertar aquilo e, sobretudo, por imaginar que haveria uma carta do pai à sua espera.

Todo o seu trabalho tinha sido em vão.

Hugo se sentiu dilacerado.

Arrastou-se até um canto escuro do quarto, pôs o caderno numa prateleira e enterrou a cabeça nas mãos.

Mas o homem mecânico não interrompeu o que estava fazendo.

Continuou a molhar a pena no tinteiro e a rabiscar sobre o papel. Isabelle permaneceu onde estava, olhando enquanto aqueles riscos se acumulavam sobre a página, um depois do outro. Os movimentos do homem mecânico eram tão realistas que ele até virava a cabeça na direção do tinteiro quando molhava a pena.

E então aconteceu algo inacreditável.

Isabelle sufocou um grito. Hugo se virou para olhá-la e logo correu para perto dela.

Percebeu nitidamente. O homem mecânico não estava apenas rabiscando. Todas as linhas estavam se reunindo, como alguma coisa na distância que vai entrando em foco.

O homem mecânico não estava escrevendo... estava desenhando!

Produziu uma imagem que Hugo reconheceu de imediato. Arrepios percorreram sua espinhas.





ISSO NOS LEVA AO FINAL DA HISTÓRIA. Agora você sabe como foi descoberto o misterioso desenho que mencionei no início do livro. Esteve escondido dentro dos mecanismos de uma máquina cultuada, esperando para ser libertado pelo giro de uma chave roubada. Aqui as cortinas se fecham e a sala fica toda escura.

Mas outra história começa, porque as histórias sempre levam a outras histórias, e esta aqui nos leva diretamente até a Lua.

